

AZUSA – REVISTA DE ESTUDOS PENTECOSTAIS

Volume XIII - Número 2

jul./dez. 2021

Revista Semestral da Faculdade Refidim

Joinville/SC

ISSN - 2178-7441

Azusa – Revista de Estudos Pentecostais
Volume XIII– Número2
jul./dez. 2021

Azusa – Revista de Estudos Pentecostais. - v. XIII, n. 2
(jul./dez. 2021) - Joinville: REFIDIM, 2021.
Semestral.
120 p.
Editor: Aílto Martins
ISSN: 2178-7441
I. Martins, Aílto. II. Título.

Editor:

Prof. Dr. Aílto Martins, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

Editor Executivo:

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Joinville, SC, Brasil

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Gedeon Freire de Alencar, PUC/SP

Prof. Dr. Bernardo Campos - Perú

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Faculdade Refidim, Joinville, SC

Prof. Dr. Valdinei Ramos Gandra, Faculdade Refidim, Joinville, SC

Prof. Dr. Daniel Chiquete Beltrán - México

Prof. Dr. Joel Haroldo Baade, Faculdade Refidim, Joinville/SC; UNIARP, Caçador, SC, Brasil

Prof. Dra. Kathleen M. Griffin - Argentina

Prof. Dr. Luis Alberto Orellana Urtubia - Universidad Arturo Prat (Chile)

Prof. Dr. Sidney Moraes Sanches, Faculdade Nazarena do Brasil

Prof. Dr. David Mesquiati de Oliveira, Faculdade Unida de Vitória (UNIDA)

Comissão Científica *ad hoc*

Prof. Dr. Adriano Souza Lima, PUC/PR

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Faculdade Refidim - Joinville/SC, Brasil

Prof. Dr. Fernando Albano, Faculdade Refidim - Joinville/SC, Brasil

Prof. Dr. David Mesquiati de Oliveira, Faculdade Unida de Vitória/ES, Brasil

Prof. Dr. Joel Haroldo Baade, Faculdade Refidim, Joinville/SC; UNIARP, Caçador, SC, Brasil

Prof. Me. Regina Sanches, Faculdade Nazarena do Brasil

Prof. Dr. Sidney Moraes Sanches, Faculdade Nazarena do Brasil

Prof. Me. Valdinei Ramos Gandra, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

Prof. Ma. Andréa Nogueira dos Santos, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

Revisão: Equipe de Pesquisa da Faculdade Refidim

Diagramação: Everton de Borba

Traduções Abstracts: Cristiane Luiza Salazar Garcia

Órgão Semestral editado pela

FACULDADE REFIDIM

Rua Cerro Azul, 888 - Bairro Nova Brasília - 89.213-480 - Joinville – SC

Fone/Fax (47) 3466 0058

E-mail: ceeduc@ceeduc.edu.br - Site: www.ceeduc.edu.br

Diretor Geral: Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening

Solicita-se permuta.

Biblioteca: Cristiane Luiza Salazar Garcia - biblioteca@ceeduc.edu.br - (47) 3466 0058

*Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente,
a opinião dos editores*

EDITORIAL	4
1. A ESSÊNCIA DA IGREJA MISSIONAL	6
AILTO MARTINS.....	6
2. REFORMA PROTESTANTE E O PENSAMENTO FILOSÓFICO MODERNO	20
JEVERSON NASCIMENTO	20
3. O CULTO DOMÉSTICO COMO POSSIBILIDADE DE ENFRENTAMENTO EM MEIO À CRISE DA PANDEMIA DA COVID-19	38
AILTO MARTINS.....	38
CELMA MARÍLIA DA NATIVIDADE LEÃO CHINGULO	38
4. DEUS E A PANDEMIA: REFLEXÕES SOBRE A SOBERANIA DIVINA	72
ANDRÉA NOGUEIRA GOMES DOS SANTOS	72
CLAUDIONIR ALVES	72
5. ANÁLISE DO MINISTÉRIO DOE SUAS FÉRIAS PARA CRISTO A PARTIR DA PERSPECTIVA TEÓRICA DA MISSÃO E DO PENTECOSTALISMO	95
CLAITON IVAN POMMERENING	95
NORIVAL DAVID ROSA NETTO.....	95

EDITORIAL

Com muita alegria finalizamos o ano com o segundo número da Azusa – Revista de Estudos Pentecostais (jul./dez. 2021). A presente edição reforça o compromisso interdisciplinar da equipe editorial da revista na análise e reflexão dos pentecostalismos e temas correlatos, tendo em vista que os leitores (as) encontrarão nesta edição temas e autores das mais diversas áreas.

O primeiro artigo, *“A Essência da Igreja Missional”*, de autoria de Aildo Martins, apresenta uma análise a respeito dos seis elementos constituinte da essência da missão da Igreja Missional. Autor destaca esses elementos como: adoração (proskuneo), serviço (diaconia), comunhão (koinonia), ensino (didaquê), testemunho (martíria) e proclamação (kerigma), fundamentais para a existência da igreja. Assim, a igreja cumpre sua missão pelo anúncio das boas novas de salvação, quando adora, serve, comunga, ensina, testemunha e proclama as verdades do Evangelho de Cristo, na força, virtude e poder do Espírito Santo.

Jeverson Nascimento, autor do segundo artigo, *“Reforma Protestante e o Pensamento Filosófico Moderno”*, desenvolve uma reflexão sobre o pensamento moderno, por meio de uma síntese da vida e das obras de Rene Descartes, o qual é considerado, o genitor da filosofia moderna. Os discursos do método, nas obras de Descartes constituíram a base teórica para os trabalhos e hipóteses dos racionalistas e, por conseguinte, formataram o pensamento filosófico moderno. Ainda, o autor analisa o distanciamento da teologia, diante do prestígio da ciência.

Já, o terceiro artigo, *“O Culto Doméstico como possibilidade de enfrentamento em meio á crise da pandemia da Covid-19”*, de autoria Celma Marília da Natividade Leão Chingulo e a coautoria de Aildo Martins, apresenta o significado teológico do culto cristão, analisando a adoção de novas dinâmicas de culto, especificamente o culto doméstico, e suas repercussões na vida familiar e comunitária, como possibilidade de enfrentamento, em meio á crise da pandemia da Covid-19, diante das restrições sociais para a realização dos cultos nas igrejas institucionais, não só para a construção de uma comunidade espiritualmente sadia, mas também como uma estratégia de tornar as famílias mais unidas e fortalecidas nos momentos de crise.

Passando para o quarto artigo “*Deus e a pandemia: reflexões sobre a soberania divina*”, de autoria de Claudionir Alves, e coautoria de Andréa Nogueira Gomes dos Santos analisa o paradoxo entre a crença e a descrença em Deus, devido à pandemia gerada pela COVID-19, diante da soberania divina e o arbítrio humano. Diante dessa problemática, busca refletir em torno da Cristologia, como Jesus Cristo entendia e percebia a soberania divina e o arbítrio humano, em sua relação com o Deus e com as pessoas, com objetivo de encontrar caminhos para o entendimento e respostas para essa problemática.

Finalizando o quinto artigo, “*Análise do Ministério Doe Suas Férias para Cristo a partir da perspectiva teórica da Missão e do Pentecostalismo*”, de autoria Norival David Rosa Netto, e coautoria de Claiton Ivan Pommerening, analisa a relação dos diversos conceitos de missão e do pentecostalismo e seus encontros, com Ministério Doe Suas Férias para Cristo. Esse ministério defina-se como um programa de caráter missiológico, evangelístico, cultural e social. Diante desse fato, foi realizada uma pesquisa de campo, quantitativa e qualitativa, a partir de entrevistas e levantamentos de dados estatísticos recolhidos dos próprios participantes do programa.

Prof. Dr Aildo Martins

Editor

A ESSÊNCIA DA IGREJA MISSIONAL

Ailto Martins¹

RESUMO

A teologia está classificada em cinco eixos principais: exegética, histórica, bíblica, sistemática e prática. A missiologia é entendida como teologia prática. Contudo, existe muita literatura sobre o assunto. O grande desafio dos teólogos se mostra em entender a missão da igreja, ante-enxurradas de livros sobre a Igreja Missional, com os mais variados temas. O sentido de Igreja Missional define a missão como razão de sua própria existência. Diante de um tempo de contradições e incertezas, perguntas surgem a todo o momento, sobre o conhecimento da realidade da missão cristã. Qual a missão do povo de Deus? O que Jesus, os apóstolos e a igreja primeira (primitiva) ensinaram sobre a Igreja Missional? Qual a razão da existência da Igreja Missional? Para responder estes questionamentos, a pesquisa acessa o caminho metodológico e teológico para a compreensão da missão da igreja, que passa pela hermenêutica bíblica nas páginas das Escrituras do Antigo e Novo Testamento. Por isso, a razão da existência da Igreja Missional abrange seis principais dimensões de seu ministério: a adoração, o serviço, a comunhão, o ensino, o testemunho e a proclamação. Diante disso, a metodologia da pesquisa do artigo contempla uma revisão bibliográfica com comentários de diversos teóricos especialistas que já discutiram o tema. Os resultados esperados da pesquisa perpassa a visão do evangelho, a qual se estabelece a direção para onde caminhar, e mostra o ponto de partida e a linha de chegada da Igreja Missional, ao demonstrar a justiça, a alegria e a paz que anunciam a chegada e a realidade do Reino de Deus entre os homens, através dos seis elementos do ministério da Igreja Missional.

PALAVRAS-CHAVES: Teologia, missão, essência, igreja e evangelho.

ABSTRACT:

The theology is classified into five main axes: exegetical, historical, biblical, systematic and practical. Missiology is understood as practical theology. However, there is a lot of literature on the subject. The great challenge for theologians is to understand the mission of the church, before a flood of books about the Missional Church, with the most varied themes. The meaning of Missional Church defines mission as the reason for its very existence. Faced with

¹ Doutor em Teologia – (PUC/PR). Professor da Faculdade Refidim. Coordenador de Extensão. E-mail: ailto@ceeduc.edu.br.

a time of contradictions and uncertainties, questions arise all the time about knowledge of the reality of the Christian mission. What is the mission of God's people? What did Jesus, the apostles, and the early (primitive) church teach about the Missional Church? What is the reason for the existence of the Missional Church? To answer these questions, the research accesses the methodological and theological path for understanding the mission of the church, which goes through biblical hermeneutics in the pages of the Scriptures of the Old and New Testaments. Therefore, the reason for the existence of the Missional Church encompasses six main dimensions of its ministry: adoration, service, communion, teaching, witness and proclamation. Therefore, the research methodology of the article includes a literature review with comments from several specialist theorists who have already discussed the topic. The expected results of the research permeates the vision of the gospel, which establishes the direction in which to walk, and shows the starting point and the finish line of the Missional Church, by demonstrating the justice, joy and peace that herald the arrival and the reality of the Kingdom of God among men, through the six elements of the ministry of the Missional Church.

Keywords: Theology, mission, essence, church and gospel.

INTRODUÇÃO

O tempo se apresenta como um grande aliado do esquecimento. Muitos devido a falta de gestão desse elemento esquecem a essência do verdadeiro significado dos fatos históricos. Entretanto, a memória existe para lembrar o cerne do ato hermenêutico. Para a compreensão da missão da igreja é imprescindível o estudo da hermenêutica bíblica dos fatos históricos da missão desde sua origem. É na originalidade que se encontra a essência do verdadeiro conhecimento. Contudo, muitas interpretações feitas no decorrer da história da igreja, perderam o verdadeiro significado da essência daquilo que os hagiógrafos, os escritores sagrados, ensinaram sobre a missão da Igreja Missional.

Diante deste contexto, para uma verdadeira compreensão sobre a missão da igreja, é necessário voltar à origem do conceito. No evangelho está descrito a matriz da missão de Deus e, por conseguinte, a missão de seu povo. O evangelho

sanciona as boas novas de salvação centrada em toda a Bíblia, cuja finalidade é salvar vidas. A igreja é a expressão real do reino de Deus na terra, e tem há missão de anunciar o evangelho a toda criatura, que através do Espírito Santo são convencidas acerca do pecado, justiça e juízo. Neste sentido, a Igreja Missional anuncia as boas novas quando adora, serve, comunga, ensina, testemunha e proclama as verdades do evangelho.

Este artigo tem como objetivo estudar a missão da Igreja Missional na sua origem, com a finalidade de desvendar a essência do seu caráter missionário. A razão da existência do povo de Deus na Bíblia se mostra por intermédio de seu ministério, que abrange seis principais dimensões: adoração (proskuneo²), serviço (diaconia³), comunhão (koinonia⁴), ensino (didaquê⁵), testemunho (martíria⁶) e proclamação (kerigma⁷). Esses pilares correspondem de forma integral à missão da igreja. Portanto, são inseparáveis. Todavia, por questão de didática no estudo serão vistos de modo separados.

² Do hebraico verbo Sahah – adorar, prostar-se, curvar-se, verbos do grego proskuneo – fazer mesura, fazer reverência a, kuneo – beijar, sebomai – venerar, latreuo – servir fazer homenagem religiosa ou prestar culto religioso. VINE, W.E. UNGER, Merril F. WHITE JR, William. Dicionário *Vine*: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 374- 375.

³ Do grego diakoneo – ministrar, auxiliar, prestar qualquer tipo de serviço. VINE, W.E. UNGER, Merril F. WHITE JR, William. Dicionário *Vine*: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 991.

⁴ Do grego koinonia – tendo em comum (koinos), sociedade, companheirismo. VINE, W.E. UNGER, Merril F. WHITE JR, William. Dicionário *Vine*: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p.485.

⁵ Do grego verbo didasko – é usado absolutamente para dar instrução, ensinar. VINE, W.E. UNGER, Merril F. WHITE JR, William. Dicionário *Vine*: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p.595.

⁶ Do grego marturion – testemunho, testemunha. VINE, W.E. UNGER, Merril F. WHITE JR, William. Dicionário *Vine*: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p.1020.

⁷ Do grego kerusso – é encontrado em MT 10.27 pregai-o – LC 4.19 apregoar, pregar. Ainda, do grego katangeleus – proclamador, arauto, cognato de katangelo proclamar.

A adoração, o serviço e a comunhão expressam a missão da Igreja Missional, na perspectiva do divino. Entretanto, o ensino, o testemunho e a proclamação revelam o aspecto do humano nas experiências missionárias por meio da fé e da esperança. A pesquisa inicia-se com a análise das duas primeiras dimensões da missão da Igreja Missional, a adoração e o serviço, que fazem parte da missão como reverência e serviço, ou seja, adorar é servir ao Senhor com veneração e respeito. Em seguida o estudo recai sobre a comunhão. O sentido desta função missionária é ser o canal de comunicação vertical e horizontal entre Deus e os homens. Outra dimensão da missão da igreja é o ensino, que tem um papel fundamental para o conhecimento da graça de Deus. Crescer em graça é frutificar tendo as raízes no conhecimento de Deus. Na parte final da pesquisa irá se abordar as duas últimas dimensões da missão da igreja, o testemunho e a proclamação. O ato de testemunhar mostra a identidade cristã, que deve ser proclamada em atitudes e, se necessário em palavras.

1. A PROSKUNEO E A DIACONIA, A MISSÃO COMO REVERÊNCIA E SERVIÇO

A vida cristã não deve ser fria e vazia. Todavia, muitos cristãos vivem a beira do colapso existencial, devido há uma espiritualidade medíocre e sem vida. O antídoto para esse marasmo espiritual esta na vitalidade da fé cristã mediante a missão da Igreja Missional. A missão é o impulso para a transformação. Porém a missão como agente de mudança só é possível dentro das seis dimensões da missão da Igreja. Missional.⁸ A adoração é a chave de ouro que motiva a evangelização. Os seres vivos e os vinte e quatro anciãos cantam o novo canto

⁸ BRANDT, Herman. *O encanto da Missão: ensaios de missiologia contemporânea*. São Leopoldo: Sinodal, 2006 p.36.

porque reconhecem a dignidade do cordeiro que comprou com seu sangue os que procedem de toda a tribo, língua, povo e nação (AP 5.9).⁹

Na adoração é onde tudo se inicia. Logo após a conversão, a nova criatura já tem todas as condições dadas por Deus por intermédio da nova natureza de ser um adorador. Adorar é um gesto de submissão. Submeter-se é reconhecer a superioridade de outrem. O gesto de curvar-se diante de uma pessoa e ir até o ponto de beijar seus pés, quer dizer. “Reconheço a minha inferioridade e a sua superioridade; coloca-me à sua inteira disposição”.¹⁰ O ato de reconhecer e se submeter são conceitos que demonstram a reverência e a dependência de Deus, atitudes que são fundamentais para a missão da Igreja Missional.

As missões não são o alvo supremo da igreja. A adoração o é. As missões existem para existir adoração, porque Deus é o fim, não o homem. Quando esta era acabar e os incontáveis milhões de redimidos se prostrarem diante do trono de Deus, as missões não existirão mais. Elas são uma necessidade temporal, mas a adoração permanece para sempre. “A adoração é, portanto, o combustível e o alvo das missões”.¹¹

Portanto, a relevância da missão da igreja se encontra na adoração ao Eterno. Deturpa-se a adoração a Deus quando a missão que é o condutor a essa adoração, está equivocada em seus valores. Egocentrismo denominacional, orgulho arquitetônico e eclesiástico, falta de reflexão em relação a evangelizar e proselitizar, estimulam uma adoração equivocada centrada no ser humano. Em nossa missão, proclamamos o Cristo encarnado, crucificado, ressurreto, exaltado, presente entre nós no Espírito e conduzindo-nos para seu futuro como “cativos de sua procissão triunfal” (II Co 5.14). A obra redentora de Deus está ligada à responsabilidade de trazer louvores à sua glória. Quaisquer outros motivos

⁹SHEDD, Russell F. *Adoração Bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 1987, p.110.

¹⁰SHEDD, 1987, p.16.

¹¹ BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo, RS: EST, Sinodal, 2002, p.617.

atrelados à missão e à adoração da Igreja estão nulos diante dessa vontade de Deus expressa nas Escrituras Sagradas.

Outro aspecto importante da adoração é o serviço. Adorar também é servir a Deus e ao próximo. Através do ofício litúrgico o ofertante apresenta a Deus um serviço, que é seu culto racional. Denominar litúrgico um ofício é indicar que ele foi concebido de modo que todas as pessoas que participam do culto tomem parte ativa na oferta conjunta do seu culto¹². Portanto, o discípulo de Cristo devido sua nova natureza possui potencialidades missionárias, associada ao sacerdócio universal de todos os crentes, que fundamenta o serviço - diaconia.

A diaconia é a dimensão da missão da igreja que cumpre a ação diaconal tendo em vista o cuidado. Missão também é cuidar. Os diáconos desempenham um serviço para Deus quando cuidam dos necessitados, dos oprimidos, dos órfãos, dos excluídos. Jesus declarou quando fizeste a um destes pequeninos irmãos, a mim o fizestes (Mt 25.40).¹³ Cada diácono é um missionário, cujo serviço é preparar o caminho para o Evangelho, a mensagem da salvação, salvar o próximo para Cristo, mas também prestar auxílio social e físico. Muitas pessoas estão à beira do caminho, a diaconia como missão oferece uma estação segura a todos aqueles que sofrem cuidar é amar sem aceção.

2. A KOINONIA, A MISSÃO COMO COMUNICAÇÃO.

Segundo o relato bíblico em Gênesis capítulo 3, o Éden é o palco da rebelião da criatura contra o criador. Um Deus santo não contempla o pecado, e a comunhão existente entre o ser humano e seu criador é extinta. Com a comunhão entre eles extinta, o homem agora é um ser relativo em todas as esferas da sua vida, tanto em suas capacidades físicas, mentais e espirituais. Por consequência

¹² WRITE, James, F. *Introdução ao Culto Cristão*: São Leopoldo: Sinodal, 2005, p.20.

¹³ OFTESTAD, Alf B. *Vivendo diaconia*: edificando a igreja através do cuidado pessoal e social. Curitiba: Encontro. 2006, p.17.

dessa relatividade humana, o testemunho que Deus dá de si mesmo como os seus atributos, poder e divindade expressos na criação, se codificam numa mensagem obscura, ao serem visualizados a partir das lentes da depravação humana. O ser sociológico é afetado em suas relações uns com os outros por consequência da relação manchada entre ele e seu criador. Relação essa em que a criatura não reconhece o seu mentor, o filho não reconhece o seu genitor (Rm 1. 18-32).

O empreendimento de Deus de resgatar a comunhão com o homem em Gênesis capítulo 3 e versículo 15, se estende pelo Antigo Testamento se revelando a homens como Noé, Abraão, escolhendo um povo, agindo também através do movimento profético de Israel anunciando o Redentor. “Deus escolheu não abandonar nem destruir sua criação, mas redimí-la. Ele escolheu fazê-lo dentro da história, por meio de pessoas que vão desde o chamado de Abraão até a volta de Cristo”.¹⁴

Um dos presentes mais belos que o cristianismo da igreja primitiva nos legou como valor qualificável da nossa espiritualidade, é a koinonia. No seio da igreja, pessoas sem laços sanguíneos e que passaram embaixo da cachoeira do amor Cristo comungam no mesmo prato. Os componentes dessa comunidade em muitos casos não possuem relacionamentos saudáveis na família de sangue ou possuem experiências, ainda mais complexas como traumas pelo divórcio dos pais, tempo excedente em creches, orfanatos, etc, e trazem consigo os efeitos do ambiente em que se formaram. Ao se inserirem na comunidade cristã, o ambiente eclesial lhes proporciona a oportunidade de estarem em família unidos pelos laços do amor.

O nascimento da igreja é descrito em Atos dos Apóstolos com singeleza detalhada e reflete evidentemente a koinonia dos irmãos: “[...] perseveravam na [...] comunhão” (At 2.42). “Todos os que criam estavam unidos e tinham tudo em comum” (v. 44). “[...] partindo o pão em casa, comiam com alegria e singeleza de

¹⁴ WRIGHT, Christopher J. H. *A Missão do Povo de Deus: uma Teologia Bíblica da Missão da Igreja*. São Paulo: Vida Nova: Instituto Betel brasileiro, 2012, p.50.

coração” (v. 46). No ambiente de pecado a que estamos sujeitos depois de Adão, à única forma de experimentarmos um pouquinho de Deus, conhecê-lo e sermos aperfeiçoados em amor é justamente nos amando uns aos outros (I Jo 4. 12). Segundo Horrell (2006, p. 127):

As ordens do Novo Testamento tratam, de maneira direta, sobre nosso relacionamento com os outros crentes com mais frequência do que falam de nosso comportamento no mundo ou até mesmo de nossa responsabilidade vertical para com Deus. Em outras palavras, o verdadeiro relacionamento de uma pessoa com Deus é mais visível em relacionamentos horizontais com os outros crentes na igreja local.¹⁵

Os crentes antes de reunirem para um retiro, para um jantar coletivo, esportes, escola, etc, eles são unidos em Cristo pelo Espírito Santo. E essa união em Cristo proporciona o aperfeiçoamento da comunhão entre si, comunhão essa cuja essência se demonstra na reciprocidade do cuidado uns aos outros.

A comunidade que compreende o amor de Cristo em ação através dela pode transmiti-lo na sua missão de mostrar ao mundo o amor de Deus. Diante de um mundo descrente, a maneira mais eficiente para desarmar essa descrença são as atitudes mútuas de amor que o mundo pode contemplar na assembleia dos santos.

Os retiros, as reuniões em casas, os grupos reunidos durante a semana, são testemunhos do amor de Deus torpedeados a um mundo pós-moderno de pessoas solitárias conectadas somente por “amizades virtuais”. “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13. 35). “[...], a missão do povo de Deus inclui ser sacerdócio de Deus no mundo. Somos um povo representante. Nossa tarefa é representar o Deus vivo diante do mundo, e

¹⁵ HORRELL, John Scott. *A essência da Igreja: fundamentos do Novo Testamento para a igreja contemporânea*. São Paulo: Hagnos, 2006, p.127.

levar o mundo a reconhecer o Deus vivo”.¹⁶ O *modus vivendi* do povo de Deus é um testemunho vivo do Reino de Deus em meio à corrupção generalizada em todos os âmbitos da sociedade.

Após a encarnação do verbo, a Igreja é o canal através do qual o Eterno conclama suas criaturas à comunhão. Essa comunhão envolve adoração, e adorar compreende “servir”, “render-se” e reconhecer a grandeza e a dignidade do Eterno. O cerne significador da missão da igreja é ser uma testemunha viva do cordeiro a fim de que todos os povos venham reconhecer a sua origem em Deus pela comunicação do Evangelho. Comunhão é comunicar, ou seja, não poderá existir comunhão sem comunicação.

A igreja sendo um canal pedagógico de Deus que mostra a todos quem realmente é digno desse reconhecimento em essência, como o faz? O faz adorando-o em gratidão, por já estar experimentando uma comunhão ainda parcial num estado de experiência do Reino de Deus. O catecismo maior de Westminster propõe que “o fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre”.¹⁷ Toda a missão de Deus e da Igreja na sua completude tem como objetivo final a comunhão absoluta do eterno com sua criatura como no antigo Éden.

3. O DIDAQUÊ, MISSÃO COMO CONHECIMENTO.

A igreja é o corpo místico Cristo. Cada membro desempenha seu dom de acordo com sua vocação. A cabeça que é Cristo, comanda os membros dentro da diversidade de talentos, pela unidade do Espírito Santo. Os membros para corresponderem à vontade do mentor da igreja necessitam conhecê-lo. Logo, conhecer a Cristo é proporcional a reconhecer a missão da Igreja Missional, visto

¹⁶ WRIGHT, 2012, p. 145.

¹⁷ VOS, Johannes Geerhardus. *O catecismo maior de Westminster*. Comentado por Johannes Geerhardus Vos. São Paulo: Editora Puritanos, 2007, p. 31.

que a missão é a atividade de Deus no mundo, Deus é o protagonista da missão, Deus age no mundo pela sua graça, para reconciliar o mundo consigo mesmo, a igreja como povo de Deus, surge dessa missão e participa dela.¹⁸ Portanto, para que os discípulos possam ensinar antes necessitam apreender com seu mestre.

O didaquê era conhecido como a instrução dos doze apóstolos e fazia parte da missão da igreja. Para fazer discípulo era necessário o ensino que estava intimamente relacionado à missão, Bosch relata:

A parte final da grande comissão faz menção de ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado (Mt 28.20). À primeira vista, esse ensinando-os, junto com o precedente batizando-os, parece ser o verdadeiro conteúdo da atividade de fazer discípulos, e portanto da missão, na compreensão de Mateus.¹⁹

Entretanto, o ensino não era apenas uma ordenança, mas fazia parte do ministério apostólico, em Atos dos Apóstolos capítulo seis, diante o problema das viúvas gentílicas que não estavam sendo assistidas na distribuição diária de alimento. Perante esse fato a igreja apostólica decidiu a instituição dos diáconos para servir as mesas, enquanto eles se dedicariam a oração e o ministério da palavra.

O ensino como dimensão da missão da igreja deve conter a essência do evangelho. Tal anúncio do evangelho se dá a partir de uma opção de solidariedade real e ativa com interesse e lutas dos desvalidos.²⁰ O evangelho é boas notícias de salvação para os pobres. O conhecimento do verdadeiro evangelho por intermédio do ensino da Palavra de Deus liberta e transforma o mais vil pecador, operando cidadania e dignidade para toda a humanidade.

¹⁸ GONZÁLEZ, Justo L. ORLANDI, Carlos Cardoza. *História do movimento missionário*. São Paulo: Hagnus, 2008, p. 23.

¹⁹ BOSCH, 2002, p.92.

²⁰ ZWETSCH, Roberto E. *Missão como com-paixão: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal, 2008, p.382.

4. A MARTÍRIA, MISSÃO COMO TESTEMUNHO.

A martíria faz parte da dimensão da igreja como testemunho. Este termo está relacionado ao martírio. O êxtase do testemunho do discípulo era ser um mártir, ou seja, quem morresse sem negar a fé atingia o auge do testemunho cristão. Assim muitas pessoas se apresentam voluntariamente para o martírio.

De todos os milagres, nenhum é tão notável e frutífero em conversões como o do martírio, muito frequente durante os sécs.II e III. Jovens e mulheres, anciões muito idosos e escravos, acostumados a dobrar-se diante da vontade de seus amos, ofereciam satisfeitos, suas vidas, enfrentando as autoridades e regozijando-se na oportunidade de proclamar a fé com seus atos.²¹

Para muitos o martírio era loucura, todavia para os mártires o sacrificar a vida significava trocar uma existência de sofrimento por uma vida imortal, o martírio era a áurea da eleição divina. O testemunho é o ato ou efeito de testemunhar, é uma narração real e circunstanciada que se faz em juízo, ou seja, uma declaração de testemunha.²² Portanto, o ato de testemunhar significa agir na virtude do Espírito Santo, não somente em palavras, mas em atitudes de piedade, compaixão e misericórdia. O encanto da missão da igreja se mostra na presença da testemunha, que por meio de uma vida frutífera oferece ao mundo a justiça do Reino de Deus.

5. O KERIGMA, MISSÃO COMO BOAS NOVAS.

O kerigma é a dimensão da missão da igreja da proclamação das boas novas. Esta anúncio é de dentro para fora, ou seja, A voz da proclamação da igreja deve atingir o mundo todo. O elo de ligação entre a comunidade de fé cristã dos primeiros tempos e as pessoas de outras crenças é a missão no sentido de

²¹ GONZÁLEZ, 2008, p. 69.

²² GABY, Eliel. GABY, Wagner. *Planejamento e Gestão Eclesiástica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p.16.

comunicação da fé para fora.²³ A ordem para proclamar é uma incumbência urgente para a igreja. O evangelho necessita ser pregado, visto que o pecado traçou um caminho de morte para todas as pessoas. O destino da humanidade por causa da natureza pecaminosa herdada de Adão é a morte e a separação eterna de Deus.

Herdamos uma natureza pecaminosa, que se manifesta em pecados reais (Ef 2.3; Rm 3.10-12; Rm 7.18). De fato, por causa da nossa natureza caída, o pecado é inevitável. O ser humano está espiritualmente morto. Ele odeia a Deus e não quer nenhuma relação com Ele. O homem também não tem capacidade de vencer o pecado. Sua vontade está corrompida e é escrava do pecado.²⁴

Todavia, a proclamação do evangelho anuncia a salvação. Deus por intermédio do seu Filho redime e justifica os seres humanos da natureza pecaminosa, possibilitando o novo nascimento a toda a criatura, livrando-as da morte eterna.

A igreja é convidada a proclamar e participar da missão de Deus. Aliás, participar dessa missão é vislumbrar o próprio ser de Deus. Este Deus, que chama a igreja à existência por meio de seu filho e envia ao mundo para proclamar suas maravilhas, evangelizar os pobres e libertar os oprimidos.²⁵ Não obstante, o Deus soberano cria, envia e sustenta a igreja para anunciar a chegada do seu Reino. A finalidade da proclamação não é pregar dogmas de uma religião, mas propagar as boas novas de salvação.

É impressionante o número de cristão que ainda não compreenderam o poder da pregação. A missão da Igreja Missional é proclamar, ou seja, pregar.²⁶

²³ PERRIN, Cristine Laienemann. *Missão e diálogo inter-religioso*. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p.33.

²⁴ MYATT, Alan. FERREIRA, Franklim. *Teologia sistemática*. Rio de Janeiro: Seminário Batista, 2002, p.131.

²⁵ ZWETSCH, 2008, p.351.

²⁶ GABY, ELIEL. GABY, WAGNER. 2012, p.15.

Todos os cristãos foram capacitados para proclamar, visto que receberam o poder do Espírito Santo para o cumprimento dessa missão. A ênfase da proclamação esta centrada na pessoa e obra de Jesus Cristo, que traz as notícias alegres da salvação ou da libertação do domínio do pecado.

CONCLUSÃO

A igreja é mais que vencedora. As portas do inferno não prevalecerão contra ela. Esta certeza só é possível em Cristo. As seis dimensões da missão da igreja ajudam a solidificar a fé cristã na pessoa de Jesus Cristo. Cada dimensão apresentada na pesquisa procurou ser estreitamente cristológica e pneumatológica. Portanto a natureza da missão da Igreja Missional é segundo a natureza do seu criador.

Jesus veio a este mundo anunciar o Reino de Deus. Através do seu sacrifício derrubou a barreira que separava judeus e gentios formando um só povo, a igreja. A igreja é agência que continua a obra do nazareno anunciando o Reino, que por meio d adoração (proskuneo), serviço (diaconia), comunhão (koinonia), ensino (didaquê), testemunho (martíria) e proclamação (kerigma) anuncia o evangelho que são as boas novas de salvação.

Este artigo tentou mostrar a missão da Igreja Missional sob a perspectiva da razão de sua existência. A igreja necessita cumprir seu chamado dentro das seis dimensões de sua missão. As seis dimensões representam uma unidade. Porém, pode acontecer de alguma igreja institucional deixar de cumprir uma das dimensões, com isso fatalmente deixará incompleta sua missão, porém a igreja organismo, onde Cristo é a cabeça, e os discípulos são os membros, tem desempenhado com muita fidelidade cada dimensão e, por conseguinte, cumprido a sua missão da Igreja Missional.

REFERÊNCIAS

BRANDT, Herman. *O encanto da Missão: ensaios de missiologia contemporânea*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo, RS: EST, Sinodal, 2002.

MYATT, Alan. FERREIRA, Franklim. *Teologia sistemática*. Rio de Janeiro: Seminário Batista, 2002.

GABY, Eliel. GABY, Wagner. *Planejamento e Gestão Eclesiástica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

GONZÁLEZ, Justo L. ORLANDI, Carlos Cardoza. *História do movimento missionário*. São Paulo: Hagnus, 2008.

HORRELL, John Scott. *A essência da Igreja: fundamentos do Novo Testamento para a igreja contemporânea*. São Paulo: Hagnos, 2006.

OFTESTAD, Alf B. *Vivendo diaconia: edificando a igreja através do cuidado pessoal e social*. Curitiba: Encontro. 2006.

PERRIN, Cristine Laienemann. *Missão e diálogo inter-religioso*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

SHEDD, Russell F. *Adoração Bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 1987.

VINE, W.E. UNGER, Merrill F. WHITE JR, William. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

VOS, Johannes Geerhardus. *O catecismo maior de Westminster*. Comentado por Johannes Geerhardus Vos. São Paulo: Editora Puritanos, 2007.

WRITE, James, F. *Introdução ao Culto Cristão*: São Leopoldo: Sinodal, 2005.

WRIGHT, Christopher J. H. *A Missão do Povo de Deus: uma Teologia Bíblica da Missão da Igreja*. São Paulo: Vida Nova: Instituto Betel brasileiro, 2012.

ZWETSCH, Roberto E. *Missão como com-paixão: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

REFORMA PROTESTANTE E O PENSAMENTO FILOSÓFICO MODERNO

Jeverson Nascimento²⁷

RESUMO

O presente artigo contempla uma abordagem reflexiva acerca do pensamento moderno, uma análise resumida da vida e das obras de Rene Descartes que é considerado por muitos estudiosos o pai da filosofia moderna, estarão presentes no texto o pensamento filosófico moderno, o discurso do método, onde Rene expressou seu desapontamento com o saber de sua época. Descobriu-se que as obras de Rene formaram uma base sobre a qual os racionalistas desenvolveram seus trabalhos e formularam suas hipóteses. Analisa-se também o afastamento da teologia do prestígio da ciência, o impacto das ideias dos pensadores, esses pensamentos modernos foram capazes de influenciar até mesmo o mais alto escalão da academia, tal ação levou muitos acadêmicos ao afastamento da Teologia acadêmica e prática em sua época.

Palavras chaves: Reforma Protestante; Discurso do Método; Pensamento Cartesiano.

Abstract

This article considers a reflective approach about modern thought, a brief analysis of the life and works of Rene Descartes that is considered by many scholars the father of modern philosophy, will be present in the text the thought modern philosophical discourse of method, where Rene expressed your disappointment with the knowing of your time. Descobriu-the works of Rene formed a basis on which the rationalists have developed its work and formulated their chances. Analyzes the expulsion of the theology of the prestige of science, the impact of the ideas of thinkers, these modern thoughts were able to influence even the most auto step from the Academy, such action has led many scholars to the removal of theology academic and practice in your time.

Key words: Reformation; Speech of the method; Cartesian Thinking

²⁷ Mestre em Teologia pela Faculdades Batista do Paraná (2017). Atualmente é Doutorando em Teologia no PPGT - PUC - PR e Bolsista da CAPES. E-mail: prjeverson@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de uma análise do pensamento moderno resumida na vida e nas obras de DESCARTES. O autor é considerado por muitos o pai da filosofia moderna, neste texto analisar-se-á o pensamento filosófico moderno, o discurso do método onde DESCARTES expressou seu desapontamento com o saber de sua época. Dando continuação é desenvolvida uma breve apresentação do então conhecido método cartesiano, demonstrando que tal método consiste em um ceticismo metodológico. Observa-se que as obras de DESCARTES formaram uma base sobre a qual os racionalistas desenvolveram seus trabalhos e formularam suas hipóteses.

Em seguida procura-se entender o afastamento da teologia do prestígio da ciência, para chegar-se a tal conclusão é feita uma análise de como o método científico de DESCARTES e o pensamento filosófico moderno foram capazes de influenciar a academia de tal forma que, acabou por levar os acadêmicos ao afastamento da Teologia.

Procura-se ainda demonstrar a importância da teologia como ciência, não eliminando os aspectos da fé, nem os aspectos práticos da teologia, tais aspectos para alguns autores, são elementos indispensáveis para se fazer teologia.

A intenção do trabalho é conduzir o leitor a reflexões sobre o tema, ampliando assim o horizonte para o surgimento de novas ideias, o diálogo é sobre um tema de importância histórica, sua relevância neste exato momento se dará pelas comemorações dos 500 anos da Reforma Protestante, acredita-se ser esse o momento propício para dialogar sobre esse tema.

A metodologia utilizada na produção do texto foi leitura, interpretação de livros, periódicos e artigos. Cada texto foi selecionado cuidadosamente, com o intuito de contribuir com o tema já mencionado. Cada tópico foi produzido com a

intenção de cativar o leitor a se aprofundar no assunto, esse aprofundamento poderá ter seu início durante a leitura deste trabalho, e continuar após a leitura do mesmo, pois não se pretende esgotar o assunto.

1. O PENSAMENTO FILOSÓFICO MODERNO

René Descartes, matemático e filósofo francês, considerado fundador da filosofia moderna e pai da matemática. DESCARTES tinha a saúde frágil, e era cuidado por sua avó. Entrou no colégio Jesuíta de Le Flèche, nesse estabelecimento Descartes teve formação filosófica e científica, aprendeu a filosofia pelo método escolástico. O que mais agradava a Descartes era a matemática, por dar respostas exatas. Entrou para a Universidade de Pitiers, e se formou em direito. Como não ficou satisfeito com os conhecimentos adquiridos, resolveu entrar para o exército. Fez então uma forte amizade com um entusiasta da Física e da Matemática, Isaac Beckman, jovem médico holandês. Após ter se alistado no exército em 1617, Descartes descobriu que tinha talento para matemática, de modo que ele passou a maior parte de seus anos militares estudando matemática pura, principalmente geometria analítica. Descartes tinha um projeto filosófico cada vez mais ligado na matemática, queria associar as leis numéricas com as leis do mundo, resgatando a antiga doutrina pitagórica. Sua principal teoria afirmava-se na eficácia da razão. Queria refletir sobre a questão da autonomia da ciência e objetividade da razão frente ao Deus todo poderoso²⁸.

A chamada Idade da Razão surgiu para redefinir os padrões científicos e filosóficos já existentes. O então conhecido método cartesiano consiste no ceticismo metodológico, que nada tem a ver com a atitude cética: duvida-se de cada ideia que não seja clara e distinta. Ao contrário dos gregos antigos e dos escolásticos, que acreditavam que as coisas existem simplesmente porque

²⁸ STRATHERN, Paul. *Descartes em 90 minutos, Filósofos em 90 minutos*. RJ: Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1996.

"precisam" existir, ou porque assim. DESCARTES instituiu a dúvida: só se pode dizer que existe aquilo que puder ser provado, sendo o ato de duvidar indubitável. Baseado nisso, DESCARTES busca provar a existência do próprio eu (que duvida: portanto, é sujeito de algo. *Ego cogito ergo sum*, "eu que penso, logo existo").²⁹

DESCARTES, nesta declaração, logo descobre o homem como um ser racional por natureza, com a capacidade de alcançar o conhecimento e, mais que do isso, sua própria existência é definida pelo ato de pensar. As obras de DESCARTES formaram a base sobre a qual os racionalistas desenvolveram seus trabalhos e formularam suas hipóteses. As principais obras do filósofo são: Discurso sobre o método (1637), Meditações sobre filosofia primeira (1641), Princípios de filosofia (1644), O homem, seu pensamento foi influenciado por: PLATÃO, PITÁGORAS, ARISTÓTELES, Sexto Empírico, PIRRO, AGOSTINHO, AQUINO, ANSELMO, OCKHAM, SANCHES, SUÁREZ, SCOTUS, MERSENNE, MONTAIGNE (1662). Dessa forma percebe-se que os métodos de DESCARTES contrariavam o pensamento teológico da época, causando um enorme desconforto a igreja católica³⁰.

2. O DISCURSO DO MÉTODO

Em o Discurso do método, sua principal obra, DESCARTES expressou seu desapontamento com o saber de sua época. Grande parte daquilo em que ele acreditava se revelara falso. Questionando a influência teológica de sua época, o autor resolveu então, buscar somente o conhecimento que pudesse encontrar dentro de si mesmo ou na natureza. Empenhou-se em encontrar uma verdade

²⁹ DAMÁSIO, António R. *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

³⁰ DESCARTES, René. "Penso, logo existo in: O livro da Filosofia. Tradução Rosemarie Ziegelmaier. São Paulo: Globo, 2011, p. 116-122.

irrefutável que servisse como princípio elementar do conhecimento. DESCARTES foi considerado o fundador da filosofia moderna por ter incentivado os indivíduos a questionarem todas as crenças tradicionais e por ter proclamado a *inviolável autonomia da mente*, sua habilidade e direito de compreender a verdade. Suas declarações conscientizaram as pessoas de sua capacidade de entender o mundo através de suas próprias faculdades mentais³¹.

Segundo DESCARTES a certeza somente poderá ser alcançada pela razão, e para se chegar a uma conclusão sobre qualquer hipótese é necessário a utilização de um método. Para tanto ele desenvolve o seu próprio método científico baseado em quatro regras clássicas que são:

- Não aceitar jamais como verdadeiro uma coisa que não se reconheça evidentemente como verdadeira, abolindo a precipitação, o preconceito e os juízos subjetivos (EVIDÊNCIA);
- O dividir as dificuldades em tantas partes quantas for possível e necessário para resolvê-las (ANÁLISE);
- O conduzir ordenadamente o pensamento, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer até culminar com os objetos mais complexos, em uma sequência natural de complexidade crescente (SÍNTESE);
- O realizar sempre discriminações e enumerações as mais completas e revisões as mais gerais, de forma a se ter certeza de nada haver sido omitido (ENUMERAÇÃO).

O método de DESCARTES tem influenciado até os dias de hoje, inúmeras pessoas. Desse modo, ele é proclamado pela comunidade científica e é chamado de o pai da ciência moderna, quem sabe, seja ele o responsável pelo afastamento da teologia do prestígio da ciência, mesmo tendo desenvolvido o método científico, ainda assim considerava a matemática como sendo caminho prático e seguro para se chegar ao conhecimento de diversas hipóteses. Para ele

³¹ BECERRA, Luiza. René Descartes e o método científico. Disponível em: <<http://parquedaciencia.blogspot.com.br/2013/03/rene-descartes-e-o-metodo-cientifico.html>>. Acesso em 09-05-2017.

aplicando o raciocínio matemático também aos problemas filosóficos, poder-se-ia alcançar a mesma certeza e clareza evidenciadas na geometria analítica. Tal afirmação foi publicada em seu livro “Discurso do método” em 1637 e sobre tal conhecimento destaca que:

Penso que é possível usar a palavra “conhecer” para referir-se a certas modalidades de apreensão que não são nem científicas, nem metodológicas, nem lógicas – como algum tipo de percepção intuitiva, por exemplo. Mas eu não chamaria isso de “conhecimento”, mas sim de conhecer³².

Para DESCARTES a utilização do método geométrico, matemático é importante e pode ser aplicado a tudo. Ele diz que as longas cadeias de raciocínios dos geômetras poderiam ser aplicadas a todas as coisas conhecíveis e que não havia nada de tão distante ou oculto que não pudesse ser revelado por meio delas³³. O pensamento do autor na obra “Discurso do Método” encadeia-se linearmente, indo de um ponto a outro como das premissas se vai à conclusão, o seu sistema filosófico, tal como o resumido em seu livro, pode ser também dividido em seis etapas: Primeiro, a dúvida universal como ponto de partida metodológico. Segundo, sua primeira certeza, ou o ponto arquimédico de sua filosofia, “Penso, logo existo”. Terceiro, sua antropologia, ou a resposta que deste à pergunta “o que sou”. Quarto, sua epistemologia, em especial o seu critério de veracidade: as ideias “claras e distintas”. Quinto, sua metafísica ou teologia filosófica: as provas da existência de Deus. Sexto, sua fundamentação filosófica das ciências: a prova da realidade do mundo físico³⁴.

Para HEDI, o "Discurso do Método" foi a obra em que DESCARTES lançou as bases do pensamento que viria modificar toda a história da filosofia.

³² PETER, Kreeft & MELATTI, Gabriel. *Socrates encontra Descartes*. São Paulo: Editora Vide Editorial, 2014, p. 73.

³³ PETER, 2014, p. 73-76.

³⁴ PETER, 2014, p. 73-76,

Alguns anos depois suas ideias foram retomadas nas "Meditações". O filósofo estava disposto a encontrar uma base sólida para servir de alicerce a todo conhecimento.³⁵

Segundo STRANTHERN, DESCARTES morreu de pneumonia em 11 de fevereiro de 1650, em Estocolmo, depois de dez dias doente, neste período O autor estava trabalhando como professor a convite da rainha Christina. Acostumado a permanecer na cama até meio-dia, sofreu muito com as demandas da rainha Christina, cujos estudos começavam às 5 da manhã. Como um católico num país protestante, ele foi enterrado num cemitério de crianças não batizadas, na Adolf Fredrikskyrkan, em Estocolmo. Em 1667, os restos mortais de DESCARTES foram repatriados para a França e enterrados na Abadia de Sainte-Geneviève de Paris. Um memorial construído no século XVIII permanece na igreja sueca. No mesmo ano, a Igreja Católica coloca os seus livros na lista proibida. Embora a Convenção, em 1792, tenha projetado a transferência do seu túmulo para o Panthéon, ao lado de outras grandes figuras da França, desde 1819, seu túmulo está na Igreja de Saint-Germain-des-Prés, em Paris. Em homenagem ao autor vila no vale do Loire onde ele nasceu foi renomeada La Haye-Descartes e, posteriormente, já no final do século XX, Descartes³⁶. Uma mente tão brilhante, com métodos que estão influenciando a academia até os dias de hoje, pode-se dizer que DESCARTES morreu prematuramente e que ainda tinha muito a contribuir com seus métodos, que ainda são considerados por muitos filósofos atuais como inacabados pode se dizer que sua filosofia nunca e seus métodos nunca morreram.

Mesmo a filosofia com todos os seus métodos filosóficos atuais poderá ser questionada como ciência, e também cair no descrédito como afirma

³⁵ Heidi Strecker, Especial para Página 3 Pedagogia & Comunicação. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/rene-descartes-1-o-metodo-cartesiano-e-a-revolucao-na-historia-da-filosofia.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 09-05-217.

³⁶ STRANTHERN, P. *Descartes em 90 minutos*. São Paulo: Editora, Jorge Zahar, 1997.

MAXWELL “não basta à filosofia constatar uma realidade, mas deve ir além, para encontrar a causa ou as causas através da razão. É justamente essa qualidade peculiar que garante ‘cientificidade’ à filosofia”.³⁷

3. O AFASTAMENTO DA TEOLOGIA DO PRESTÍGIO DA CIÊNCIA

O dilema entre a razão e a fé religiosa é um problema que envolve uma diversidade de diálogos filosóficos e teológicos que se desenvolveram ao longo dos anos. Nossa sociedade nomeia esse período de diálogos como antiguidade, idade média, modernidade e, de certa forma, a nossa contemporaneidade. De um modo mais específico, esses problemas concentraram-se no âmago da filosofia e teologia cristã durante a idade média não chegando a um consenso entre filosofia e teologia³⁸.

Para CAVALCANTE, outros pensadores medievais, como Duns Scotus (1266-1308) e Guilherme de Ockham (1285 – 1347), tentaram mostrar que não é possível conciliar “as verdades da fé” com as “verdades da razão”, uma vez que a filosofia e a ciência têm dificuldades para compreender a fé, conceitos sem provas físicas³⁹. Nesse sentido CAVALCANTE afirma que a crença em si é um estado mental cuja disposição é desejar ser verdadeira. As crenças sem demonstrações e provas não fazem parte do estudo da epistemologia tradicional e nem de uma teologia racional⁴⁰.

Com base em pensamentos assim, que não é possível conciliar “as verdades da fé” com as “verdades da razão” que no século XV surgiu o

³⁷ MAXWELL. Origem, história e descrédito - Maxwell - PUC-Rio. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10064/10064_3.PDF>. Acesso em 09-05-217.

³⁸ Religião e Ciência: *tensões, sincretismos e diálogos II*. Revista Nures | Ano XIV Número 34 | setembro-dezembro de 2016.

³⁹ Religião e Ciência: *tensões, sincretismos e diálogos II*. Revista Nures | Ano XIV Número 34 | setembro-dezembro de 2016..

⁴⁰ Religião e Ciência: *tensões, sincretismos e diálogos II*. Revista Nures | Ano XIV Número 34 | setembro-dezembro de 2016.

humanismo renascentista, na península itálica, em um período de transição entre a Idade Média e a Moderna. Nesse período rompeu-se com a filosofia, com a teologia cristã da escolástica medieval. Com esse rompimento, valoriza-se o saber dos gregos antigos abandonado a teologia da escolástica e retomando a concepção do humanismo. O período medieval, anterior, foi marcado por uma forte visão hierárquica e religiosa de mundo, em que a arte está voltada para o sagrado, nesse período a filosofia está vinculada à teologia e à problemática religiosa. Com o começo do afastamento da teologia do prestígio da ciência e da filosofia o homem e seus atributos de liberdade e razão passam a ser importantes novamente, e não mais apenas as questões do mundo divino. Nessa época nas artes predominam os temas pagãos, totalmente afastados da temática religiosa. É a arte voltada para o homem comum e simples, não mais a reis e santos. Surge então um período em que se valoriza o corpo físico e a dignidade humana.

Após o período chamado de Idade Média, há um período de transição entre o século XV e XVI para a Idade Moderna, que significou ruptura com a tradição cristã, tradição essa que era fundamentada em Deus, na teologia, nessa transição passou-se a valorizar mais o homem e deixar Deus de lado. É o período chamado pela ciência de Humanismo Renascentista: conhecido pelo destaque nas artes plásticas, valorização do homem, liberdade e criatividade. Esse é o momento do rompimento com visão do sagrado, bem como o rompimento da teológica na arte, no pensamento, na política, na literatura. Os pensadores desse período passam a valorizar o saber dos gregos antigos. Valoriza-se o homem e rompe-se com o pensamento teocêntrico (Deus como o centro de tudo) e a Ciência Antiga. É o momento de novos pensadores e artistas, tais como Leonardo da Vinci, William Shakespeare, Rafael, Maquiavel, Michelangelo, Montaigne entre outros. Essas transformações, na maneira de pensar e ver o mundo, são resultado de várias condições históricas no mundo europeu, entre elas pode-se destacar: O humanismo renascentista do século XV, A descoberta do Novo Mundo século

XV. A Reforma Protestante do século XVI, A revolução científica do século XVII⁴¹.

O afastamento da ciência da teologia tem seu auge durante os séculos XV e XVI, nesse período GALILEU (1564 d.c – 1642d.c) propõe a renovação da ciência de sua época abandonando a confiança na autoridade, no senso comum e na tradição. Na busca por uma ciência livre de tudo aquilo que a prende tanto na cultura como na teologia. Para ele os textos da tradição filosófica ou teológica não devem servir para responder as questões científicas. As questões científicas devem ser confirmadas ou refutadas através da experiência e da observação feitas diretamente sobre o objeto que está sendo examinado⁴².

Embora seja um defensor da ciência para GALILEU ciência e fé não interferem uma na outra, pois ambas trabalham em planos diferentes, para ele a fé trabalha e dialoga sobre um plano metafísico de mundo, enquanto que a ciência age sobre o mundo físico. Galileu faz a comparação de que no mundo existem dois livros com o objetivo de revelarem a mesma verdade, mas de forma diferente. O primeiro livro é a Bíblia que busca a salvação e a redenção das almas e cujos escritos científicos são simplificados e próprios para o entendimento do povo. A natureza é o segundo livro que para ser interpretado tem que ser lido de forma científica e objetiva. Os dois livros são obras de um único Autor e por isso mesmo não podem ser contraditórios⁴³. Sendo assim tanto a ciência como a fé devem ser interpretadas de formas diferentes.

4. TEOLOGIA COMO CIÊNCIA

⁴¹ OLIVEIRA, Paulo de Eduardo. *Filosofia e educação: aproximações e convergências*. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012.

⁴² MEDEIROS, Luciano de Frontino. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*. v. 2, n. 2, João Pessoa: 2017, p. 43-56.

⁴³ GALILEI, Galileu. *Ciência e fé*. Rio de Janeiro: Nova Stella Editorial, 1988, p.21.

A pergunta básica que não quer se calar ainda hoje é, a teologia é ciência? É a pergunta que ainda é feita constantemente nos círculos acadêmicos. Para SINNER, pergunta-se, conseqüentemente “a teologia tem lugar na academia, na comunidade científica, junto com as demais disciplinas, filosofia, a história, a sociologia, mas também a física, a biologia, a matemática?”⁴⁴

Um segundo questionamento precisa ser feito pois, há uma preocupação que permeia os alunos que buscam instituições teológicas no Brasil: fazendo teologia como ciência, de modo acadêmico, não se perde a fé? Ou como dizem nos jargões populares pentecostais, quem faz teologia acaba se desviando, se esfriando na fé? Este questionamento ainda hoje é legítimo e pertinente.

Já em 1972 a ideia de que a teologia seria uma ciência era negada tanto pela ciência, como também no âmbito da própria Teologia. Segundo BRANDT, as objeções levantadas contra a possibilidade de uma Teologia Científica', no âmbito da ciência, pressupõem as seguintes características de ciência:

A ciência deve ser “pura” e sem pressuposições. Não se exige apenas uma terminologia exata, mas também a independência de pressuposições “estranhas ao assunto”. Com isso, p. ex., exigência pelo relacionamento prático de uma ciência ou por sua aplicabilidade num campo concreto é tida como a científica. 2. Ciência só pode determinar aqueles objetos, aos quais qualquer homem sensato tem acesso. 3. Ciência ocupa-se exclusivamente com o reconhecimento de objetos intramundanos⁴⁵.

Para BRANDT, caso sejam estas as pressuposições de uma ciência, a Teologia não pode ser ciência, como também do mesmo modo as demais ciências já reconhecidas e destacadas a seguir não poderiam fazer parte da ciência atual:

⁴⁴ SINNER, Rudolf von. *Teologia como ciência*. Estudos Teológicos, v. 47, n. 2, p. 57-66, 2007.

⁴⁵ BRANDT, Hermann. *Por que teologia “científica”?* Estudos Teológicos, v. 12, n. 2, p. 94. São Leopoldo: 1972.

Todas as ciências que trabalham com línguas e história, com a interpretação de textos e acontecimentos anteriormente dados, e as, que, como a ciência jurídica (ou mesmo a medicina), são inimagináveis sem uma referência a uma realidade concreta, não seriam ciências puras no sentido do ideal da matemática pura, p. ex. O fato de a Teologia não pressupor apenas a razão, mas também a fé, em termos gerais significa: ela não é possível sem uma atitude específica frente a seu objeto. Também isto não se restringe apenas à Teologia, porém, da mesma maneira, p. ex., ao âmbito total da arte (ciência musical, ciência teatral, etc.)⁴⁶.

Desta forma pressupõe-se que, se a teologia não pode ser tratada como ciência as demais disciplinas já mencionadas por BRANDT, disciplinas essas não baseadas na terminologia da matemática também não deveriam ter seu reconhecimento como ciência. Na demonstração do que poderia ser chamado de ciência PLATINGA tenta mostrar quais critérios poderiam identificar algo como ciência então parte afirmando que:

Talvez, o melhor que possamos fazer, em caracterizar algo como científico, é dizer que o termo “ciência” aplica-se a uma atividade que é (1) um empreendimento sistemático e disciplinado objetivando encontrar verdade sobre o mundo e (2) tenha um envolvimento empírico significativo. Isso, é claro, é muito vago (Quão sistemático? Quão disciplinado? Quanto envolvimento empírico?) e talvez, indevidamente permissivo. (Astrologia seria contada como ciência mesmo se fosse apenas uma ciência ruim?) Ainda, temos muitos excelentes exemplos de ciência e excelentes exemplos de não ciência⁴⁷.

Nesse sentido PLATINGA reconhece que mesmo propondo estes critérios ainda assim não se poderia ter uma definição concreta do que realmente é ciência. A princípio, quando comparada com as demais ciências, a teologia parece

⁴⁶ BRANDT. 1972, p. 94-95,

⁴⁷ PLANTINGA, Alvin. *Religion and Science*, Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2007.

inadequada e incoerente. Entretanto, percebe-se que cada ciência possui suas próprias especificidades, métodos, objetos de estudo e pressupostos. Portanto isso não é diferente para a teologia e é com base em uma análise destes elementos: “características próprias da teologia”, a partir destes é que a ciência teológica deve ser delineada⁴⁸. Pode-se dizer por exemplo que a filosofia, não tem elementos empíricos para certificar que alguma proposta sua seja de fato verídica, todavia, ninguém trata filosofia como incoerente ou como uma não ciência ou desprovida de valor.

O Prof. Dr. Côn. Antonio Manzatto afirma que “desde os tempos de Santo Anselmo, a teologia foi configurada como "fides quaerens intellectum". Há, portanto, uma clara referência à racionalidade na elaboração da teologia, de onde deriva a afirmação de sua cientificidade⁴⁹.

Porém, a elaboração a teologia tem o seu começo com o "auditus fidei", a escuta da fé que precede o "intellectus fidei", sua elaboração científica e racional. Para MANZATTO a racionalidade e a cientificidade da teologia são, por isso, específicas: sem deixar de sê-lo, não se reduzem ao paradigma de "ciência exata". Até porque os conteúdos da fé não são derivados de conclusões afirmadas por via de racionalidade⁵⁰.

5. TEOLOGIA COMO CIÊNCIA E OS ASPECTOS DA FÉ

Na defesa da teologia como ciência dentro das universidades, afirma que é importante levar em consideração aspectos da própria teologia como a fé, portanto ela é a primeira em relação à elaboração teológica, sendo assim é possível afirmar que:

⁴⁸ PLANTINGA, 2007.

⁴⁹ MANZATTO, Antônio. A Teologia na Universidade. Disponíveis em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/6749/4880>>. Acesso em 09-05-2017.

⁵⁰ MANZATTO, 2017.

Os elementos e afirmações básicos da fé cristã não são, conclusões de raciocínios ou silogismos, mas dados pela revelação. O Deus em quem se crê não se conhece por dedução lógica a partir de raciocínios, mas por sua própria revelação, que fundamenta a possibilidade de conhecê-lo. Em outras palavras, não é o homem que "descobre" Deus ou a ele chega, mas é ele quem vem em direção ao humano, revelando-se e possibilitando-lhe conhecê-lo. A aceitação dessa sua revelação fundamenta a possibilidade da elaboração teológica. A fé é, portanto, primeira em relação à elaboração teológica. Necessariamente, por exigência epistemológica, o teólogo é homem de fé; sem ela, pode ser um estudioso da religião, fazer estudo da evolução das práticas, conhecimentos e comportamentos religiosos, estudo dos ritos e suas diferentes significações segundo as culturas, estudo dos comportamentos humanos derivados das afirmações religiosas, elaboração de teorias e afirmações sobre as influências psicológicas dos comportamentos religiosos, estudo da evolução dos estudos bíblicos ou semelhantes, mas não fará teologia. Nela a fé é uma exigência. A fé funda, pois, a especificidade da racionalidade teológica, inclusive porque ela será o elemento a partir do qual todos os outros conhecimentos serão vistos e analisados pela teologia⁵¹.

A aceitação da fé como premissa para elaboração teológica é defendida por MANZATTO, pois a revelação deverá ser fundamenta na elaboração teológica. “A fé é, portanto, primeira em relação à elaboração teológica”. A fé faz parte da vida do teólogo e deve ser levada em consideração, pois o olhar teológico para qualquer situação da vida humana será pelas lentes da fé isso é teologia para o autor, que afirma ainda que: “por exigência epistemológica, o teólogo é homem de fé; sem ela, pode ser um estudioso da religião”⁵², mas não um teólogo. Então para se elaborar a defesa da teologia como ciência deve-se levar em consideração o aspecto da fé e não somente da racionalidade.

⁵¹ MANZATTO, 09-05-217.

⁵² MANZATTO, 09-05-217.

6. A IMPORTÂNCIA DA TEOLOGIA

Um segundo aspecto destaca sua importância como ciência para sociedade, seu aspecto prático. Para se fazer teologia sem descartar a fé é preciso pôr em prática essa teologia discutida nos círculos acadêmicos e ver seus desdobramentos na prática como TILLICH afirma, que para fazer teologia é preciso levar a sério a situação em que se está vivendo. O termo “situação” tem em TILLICH um sentido fundamental. Só se faz teologia a partir da situação. Ou seja, toda teologia é uma reflexão sobre a história do passado de presente e do futuro. Ao usar o método de correlação, TILLICH tenta unir mensagem e situação; tenta correlacionar as perguntas implícitas na situação com as respostas implícitas na mensagem. Ele relaciona perguntas e respostas, situação e mensagem, existência humana e manifestação divina⁵³.

Segundo ZABATIEIRO, a teologia é o movimento dos corpos cujos sentidos estão sintonizados aos sentidos de Deus, remetendo assim que a imagem do ser “pastoral” é “estar a serviço” do próximo⁵⁴. A teologia prática e disciplinar para atingir seu objetivo, ter relevância na sociedade deveria ser portadora de uma mensagem bíblica com uma prática pastoral modelo, respondendo de forma clara a todos os questionamentos e problemas do ser humano moderno, bem como sendo um pronto socorro as pessoas que dela assim precisarem. A própria Igreja, como comunidade peregrina de fé e portadora da teologia, deveria situar-se em um plano onde expõe a palavra vivia, fonte de toda inspiração teológica, tendo a mensagem, a resposta de Deus para os anseios da humanidade, oferecendo paz, cura e salvação através do Cristo ressurreto.

⁵³ TILLICH. Paul. *Teologia Sistemática*. Tradução de Getúlio Bertelli. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1984. p. 17.

⁵⁴ZABATIEIRO, Júlio Paulo Tavares. *Para uma teologia pública*. 2. Ed. São Paulo, Fonte Editorial, Faculdade Unida, 2012, p.17.

CONCLUSÃO

Após todas as análises chega-se à um consenso que Descartes é o pai da ciência moderna e de fato sua morte foi prematura, pois seus métodos inacabados poderiam contribuir muito para o meio acadêmico. Ficou evidente que seu método científico tem influenciado pensadores até os dias atuais. Portanto ainda não se sabe se seu método foi o único responsável pelo afastamento da teologia do prestígio da ciência.

Não se identificou as causas definitivas do afastamento da teologia do prestígio da ciência, apenas se elencou possíveis causas, pois para se chegar a tal conclusão requer-se uma pesquisa mais ampla sobre o assunto. Quanto a teologia como ciência é possível afirmar que embora ela tenha caído em descrédito ela tem ganhado espaço no meio acadêmico atualmente, porém a mesma tem características próprias tais como, a fé e seu aspecto prático entre outros que foi impossível elencar neste texto por ser uma questão mais ampla, porém como tal deve ser respeitada como ciência.

Dicas para uma próxima pesquisa ou artigo: quem foram os discípulos de Descartes, uma análise deve ser feita para saber se eles seguiram seus métodos, como eles enxergavam a teologia, quais os aspectos próprios da teologia como ciência. As análises e contribuições para o meio acadêmico estão presentes em cada tópico do texto, com cada tópico procura-se elencar questões que precisam ser debatidas no meio acadêmico, abrindo assim um leque de possibilidades para trabalhos futuros, ficando aberto para uma série de sugestões.

REFERENCIAS

ALBUQUERQUE, Leila Marrach Basto de & SANTOS, Frederik Moreira dos. *Religião e Ciência: tensões, sincretismos e diálogos II* Revista Nures | Ano XIV | Número 34 | setembro-dezembro de 2016.

BECERRA, Luiza. René Descartes e o método científico!. Disponível em: <<http://parquedaciencia.blogspot.com.br/2013/03/rene-descartes-e-o-metodo-cientifico.html>>. Acesso em 09-05-2017.

BRANDT, Hermann. *Por que teologia “científica”?* Estudos Teológicos, v. 12, n. 2, p. 94, 1972.

DAMÁSIO, António R. *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano*. SP: São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

DESCARTES, René “*Penso, logo existo in:*” O livro da Filosofia. Tradução Rosemarie Ziegelmaier. São Paulo: Globo, 2011.

GALILEI, Galileu. *Ciência e fé*. Rio de Janeiro: Nova Stella Editorial, 1988.

HEIDI, Strecker, Especial para Página 3 Pedagogia & Comunicação. Disponível em:<<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/rene-descartes-1-o-metodo-cartesiano-e-a-revolucao-na-historia-dfilosofia.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 09-05-2017.

MANZATTO, Antônio. *A Teologia na Universidade*. Disponíveis em<<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/6749/4880>>. Acesso em 09-05-2017.

MAXWELL. *Origem, história e descrédito - Maxwell - PUC-Rio*. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10064/10064_3.PDF>. Acesso em 09-05-2017.

MEDEIROS, Luciano de Frontino. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 2, n. 2, 2017.

OLIVEIRA, Paulo de Eduardo. *Filosofia e educação: aproximações e convergências*. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012.

PLANTINGA, Alvin. Religion and Science, Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2007.

PETER, Kreeft & MELATTI, Gabriel. *Socrates encontra Descartes*. São Paulo: Editora: Vide Editorial, 2014.

STRATHERN, Paul. *Descartes em 90 minutos, Filósofos em 90 minutos*. Rio de Janeiro Editora Jorge Zahar, 1996.

SINNER, Rudolf von. *Teologia como ciência*. Estudos Teológicos, v. 47, n. 2, p. 57-66, 2007.

TILLICH. Paul. *Teologia Sistemática*. Tradução de Getúlio Bertelli. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1984.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Para uma teologia pública*. 2. Ed. São Paulo, Fonte Editorial, Faculdade Unida, 2012.

O CULTO DOMÉSTICO COMO POSSIBILIDADE DE ENFRENTAMENTO EM MEIO À CRISE DA PANDEMIA DA COVID-19

Ailto Martins⁵⁵

Celma Marília da Natividade Leão Chingulo⁵⁶

RESUMO

A pandemia da Covid-19 provocou várias mudanças nos modos de convivência da sociedade contemporânea. Neste sentido, foram adotadas medidas sanitárias que impossibilitaram a frequência regular a cultos presenciais. É necessário que se proponha, dentro do ambiente acadêmico e eclesial, uma reflexão sobre o significado teológico de culto cristão que se apropria do sacerdócio universal, sobretudo na adoção de novas dinâmicas de culto, como é o culto doméstico e suas repercussões na vida familiar e comunitária. Objetivo: Este trabalho teve como objetivo analisar a importância do culto doméstico como estratégia a ser adotada para o crescimento e fortalecimento das famílias e igrejas, em momentos de crise. Métodos: Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica que propõe a análise teológica e bases históricas do culto cristão. Para uma melhor compreensão, fez-se a divisão do trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo, faz-se uma digressão histórica sobre a visão de culto que o povo de Israel tinha descrita no Antigo Testamento e a igreja do Novo Testamento, e sobre como, ao longo da história, a concepção de culto foi mudando e ganhando novas perspectivas. No entanto, existiu e acredita-se que ainda exista, uma tendência de buscar um conhecimento sobre um modelo litúrgico, ou seguir uma forma de culto que seja mais assertiva, e para isso, deve-se olhar em primeira mão, para a vida inteira de Jesus. Deste modo, o culto cristão tem por fundamento o “culto messiânico” celebrado por Jesus no período que medeia entre sua encarnação e ascensão. No segundo capítulo, faz-se uma abordagem sobre as divergências e impossibilidades do culto doméstico na história da igreja. Analisa-se o conceito

⁵⁵ Doutor em Teologia – (PUC/PR). Professor da Faculdade Refidim. Coordenador de Extensão. E-mail: ailto@ceeduc.edu.br.

⁵⁶ Graduanda em Teologia – sétimo semestre. E-mail: celmachingulo@gmail.com.

de tradição que remete à ideia de continuidade da transmissão de um ensino, de uma prática, ou a notícia de um evento para outras pessoas que, de outra forma, não os conheceriam. Neste capítulo, enfatiza-se a institucionalização da Igreja como sendo o principal fator a repercutir sobremaneira na liturgia e no próprio culto cristão. No terceiro e último capítulo, faz-se uma discussão a respeito da grande defasagem existente nas comunidades cristãs sobre o culto doméstico e o seu ensino. Analisa-se criteriosamente os benefícios que o culto cristão traz, sobretudo em momentos de crises, como o caso da pandemia da Covid-19, tanto para a família que o adota, quanto para a comunidade local e a sociedade como um todo. Resultados: O culto doméstico é necessário por si só, pela sua própria utilidade. Argumenta-se que sua necessidade é originária de sua própria razão de ser ou existir desde a fundação do mundo. A adoção do culto doméstico permite o bem-estar familiar, promove a paz interior, auxilia na criação dos filhos, promove o crescimento e o desenvolvimento da comunidade cristã, promove uma espiritualidade madura e, desta forma, possibilita a existência de uma sociedade sadia. Portanto, é necessária a construção de um ensino fundamentado na palavra de Deus sobre o sacerdócio universal, e através desse entendimento as igrejas locais e famílias ampliem o ensino cristão através do culto doméstico.

PALAVRAS-CHAVES: Culto cristão. Culto doméstico. Momentos de crise.

ABSTRACT:

The pandemic of Covid-19 has caused several changes in the ways of living together with contemporary society. In this sense, sanitary measures were adopted that made the regular frequency of face-to-face services impossible. It is necessary to propose, within the academic and ecclesiastical environment, a reflection on the theological meaning christian cult that appropriates the universal priesthood, especially in the adoption of new dynamics of worship, such as domestic worship and its repercussions on family and community life. Objective: This study aimed to analyze the importance of domestic worship as a strategy to be adopted for the growth and strengthening of families and churches in times of crisis. Methods: This is a bibliographic review study that proposes theological

analysis and historical bases of Christian worship. For a better understanding, the division of labor was made into three chapters. In the first chapter, there is a historical tour of the view of worship that the people of Israel had described in the Old Testament and the New Testament church, and about how throughout history the conception of worship was changing and gaining new perspectives. However, there has been and is believed to still exist, a tendency to seek knowledge about a liturgical model, or follow a form of worship that is more assertive, and for this, one must look firsthand at the whole life of Jesus. Thus, Christian worship is based on the "messianic worship" celebrated by Jesus in the period that is between his incarnation and ascension. In the second chapter, an approach is made about the divergences and impossibilities of domestic worship in the history of the church. It analyzes the concept of tradition that refers to the idea of continuity of the transmission of a teaching, of a practice, or the news of an event to other people who would not otherwise know them. This chapter emphasizes the institutionalization of the Church as the main factor that has had a major impact on the liturgy and christian worship itself. In the third and final chapter, there is a discussion about the great gap in Christian communities about domestic worship and its teaching. It is carefully analyzed about the benefits that Christian worship brings, especially in times of crises, such as the case of the pandemic of Covid-19, both for the family that adopts it, as well as for the local community and society as a whole. Results: Domestic worship is necessary by itself for its own usefulness. It is argued that their need originates from and their own reason for being or existing since the foundation of the world. The adoption of domestic worship allows family well-being, promotes inner peace, assists in the creation of children, promotes the growth and development of the Christian community, promotes a mature spirituality, and thus enables the existence of a healthy society. Therefore, it is necessary to build a teaching based on god's word on the universal priesthood, and through this understanding, local churches and families expand Christian teaching through domestic worship.

Keywords: Christian worship. Domestic worship. Moments of crisis.

INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19 provocou várias mudanças no modos de convivência da sociedade contemporânea. Apesar dos avanços da ciência e tecnologia para produção e distribuição de vacinas, o distanciamento social, uso de máscara e outras medidas não farmacológicas adotadas no combate ao vírus ainda estão em vigor no Brasil e em algumas partes do mundo. Diante deste contexto pandêmico, as igrejas evangélicas também tiveram de se reorientar, agora em uma sociedade cuja comunhão entre os irmãos esteve e está ainda, em certo grau, comprometida.

Com a pandemia, houve uma redução significativa de encontros presenciais. Por isso, a grande problemática: E agora? Quais seriam as estratégias adotadas pelas comunidades e famílias, haja vista a ausência de toda uma estrutura organizada de encontros?

Alguns líderes eclesiais e irmãos de algumas comunidades, já faziam o uso da tecnologia de mídias sociais para a emissão de estudos, pregações, e até cultos pela via da internet. A maioria das igrejas adotou a mesma estratégia, embora não se saiba sob quais condições esses cultos e encontros virtuais se deram no ambiente privado. Não se tem a certeza também sobre a efetividade desses cultos e encontros virtuais no desenvolvimento e crescimento espiritual, bem como no emocional da comunidade de fé.

Os cultos e encontros virtuais surgiram por questões de necessidade, deram-se em uma fase emergencial, quando foram decretadas as medidas de distanciamento social e confinamento comunitário para o combate à pandemia. O grande problema é que ser Igreja é, sobretudo comunhão. É na troca de experiências, partilha da vida, no exercício da alteridade, na oração comunitária,

no estudo conjunto da palavra que a comunidade exerce sua fé e apreende os valores do reino.

Este artigo propõe uma reflexão sobre o significado teológico do culto cristão o qual se apropria do sacerdócio universal, sobretudo na adoção de novas dinâmicas de culto, como é o culto doméstico e suas repercussões na vida familiar e comunitária. Parte-se do pressuposto de que o incentivo ao culto doméstico no seio familiar pode ser uma ótima proposta e alternativa na dinâmica de um contexto marcado por restrições sociais, resgatando o ensino dos valores cristãos, muitos deles perdidos, não só para a construção de uma comunidade espiritualmente sadia, mas também como uma estratégia de tornar as famílias mais unidas e fortalecidas nos momentos de crise, como é o caso da pandemia da Covid-19.

Como objetivo geral, este trabalho se propõe a analisar a importância do culto doméstico como possibilidade a ser adotada pela igreja a fim de minimizar os efeitos da falta de culto presencial devido à pandemia. E, como objetivos específicos, elencamos três principais: primeiro, descrever as bases históricas e teológicas do culto cristão na história da igreja; segundo, analisar as divergências e impossibilidades do culto doméstico na história da igreja; e terceiro, descrever a importância do culto doméstico para a espiritualidade cristã como possibilidade de enfrentamento em meio à crise da pandemia da Covid-19.

1. BASES HISTÓRICAS E TEOLÓGICAS DO CULTO CRISTÃO NA HISTÓRIA DA IGREJA

O culto cristão é um assunto que perpassa pela história do cristianismo desde o seu surgimento. No entanto, apesar de ser um assunto recorrente e presente no dia a dia das comunidades cristãs, definir o culto cristão não é uma tarefa iminentemente fácil. De acordo com White é necessário entender o que se quer dizer com o culto ser ou não cristão, ou seja, quais são as características do

culto que o tornam cristão? Que pautas devem ser defendidas em um culto cristão?⁵⁷

Encontra-se, na literatura, teóricos que se debruçam sobre a temática do culto cristão. Dentre estes, apresenta-se Nolasco que compreende o culto como serviço ou celebração religiosa.⁵⁸ Pode-se dizer ainda que é um conjunto de formas externas em que um indivíduo, família ou comunidade expressa a sua vida religiosa, como defendido por Kessler.⁵⁹ O autor Sheed compreende o culto como uma forma de adoração manifestada como sendo a veneração ou devoção expressa a Deus em público ou pessoalmente.⁶⁰ Para complementar, White propõe primeiramente a análise do fenômeno do culto cristão, comunidades se apropriam de uma estruturação de culto, a qual considera o tempo, o espaço e os tipos básicos de ofícios, como sendo a oração, o louvor, a leitura e pregação da palavra, e outros que eventualmente diferem de uma comunidade para outra (batismo, primeira comunhão, a ceia do Senhor, ritos pastorais, ritos de passagem, como o casamento, entre outros).⁶¹

A definição de culto cristão remete à história da salvação, na qual o ponto central é a pessoa de Jesus Cristo, encarnado. Diante disso, em sua análise, White concebe o culto como o mistério pascal, no qual Jesus é lembrado, exaltado e adorado. É a autorrevelação divina, promovendo uma transcendência na capacidade de entendimento humana.⁶²

A partir de todas essas definições pré-concebidas que se tem acerca da essência do culto, percebe-se que ele existe com o propósito único de elevar

⁵⁷ WHITE, J. F. *Introdução ao Culto cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p.12.

⁵⁸ NOLASCO, W. *O Culto Cristão, Liturgia Bíblica, História e Prática*. Kindle Edition, 2014, p.42.

⁵⁹ KESSLER, N. *O Culto e suas formas*. Rio de Janeiro: Alfalit Brasil, 2013, p.15.

⁶⁰ SHEDD, R. P. *Adoração Bíblica*. 1a ed. São Paulo: Vida Nova, 1991, p.8.

⁶¹ WHITE, 1997, p.11.

⁶² WHITE, 1997, p.14-19.

alguém a uma instância superior à do ser humano. Não apenas isso, ao reverenciar-se esse alguém, anula-se qualquer possibilidade de olhar para o homem como dono de si. O culto cristão, dessa maneira, terá sempre como premissa a redenção, mediante a rememoração da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Há, contudo, uma diversidade de formas de culto e, neste quesito, vale destacar um termo correlativo ao culto que é a liturgia. A palavra liturgia é oriunda do grego clássico, “*λειτουργία*”, e pode ser definida partindo de suas raízes etimológicas: a primeira corresponde ao *Liet-leos-laos*, que significa povo, público- ação do povo, obra pública, ação feita para o povo, em favor do povo; e a segunda corresponde à *Urgia (ergom)*, que quer dizer operar, produzir, ação, trabalho, ofício, serviço.⁶³

A história do povo de Israel, narrada no texto veterotestamentário, propõe uma análise meticulosa sobre o culto. A princípio, deve-se ter em conta que a fé de Israel tem seu centro em *Iahweh*, Deus único e pessoal.⁶⁴ Empreende-se a este fato a percepção que se tem logo nas primeiras páginas do livro de Gênesis, em que o homem foi criado por um ato especial de Deus e, parte daí seu relacionamento com o seu Criador.⁶⁵

Ainda em Gênesis, além da queda de Adão e Eva, no capítulo 3, nota-se no homem uma tendência constante para a maldade e, corrupção, que o leva, mais adiante, para longe da presença de Deus. E a história se repete. A humanidade peca contra Deus pela primeira, e outras tantas vezes, a ponto de Deus projetar sua destruição de acordo com o livro de Gênesis 6: 5-7:

Iahweh viu que a maldade do homem era grande sobre a terra, e que era continuamente mau todo designio de seu coração. Iahweh arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra, e afligiu-se o seu coração. E

⁶³ NOLASCO, 2014, p. 42-51.

⁶⁴ NOLASCO, 2014, p. 68.

⁶⁵ SANTOS, J. F. *O Culto no Antigo Testamento: sua relevância para os cristãos*. São Paulo: Vida Nova, 1986, p.35.

disse *Iahweh*: "Farei desaparecer da superfície do solo os homens que criei — e com os homens os animais, os répteis e as aves do céu —, porque me arrependo de os ter feito."⁶⁶

Após o dilúvio, a reclinção humana para a maldade não desapareceu, e isso pode-se verificar, por exemplo, em Eclesiastes 7:20, quando o autor diz que não haver, na verdade, homem justo sobre a terra, que faça o bem e que nunca peque; Salmos 143:2, “[...] e não entres em juízo com teu servo, porque à tua vista não se achará justo nenhum vivente”, e outros, encontrados em Jó 15:14-16; Isaías 53:6 e Romanos 3: 23. É preciso lembrar que o culto, então, parte dessa ligação do Povo de Israel com o seu Deus. O autor Santos corrobora ao dizer que a religião de Israel foi concebida e estabelecida como sendo desde o início monoteísta, diferente de outras religiões primariamente politeístas.⁶⁷ Embora a religião do povo de Israel seja monoteísta desde o berço, sua história passa por várias avalanches, pelo fato de maior parte das vezes encontrarem-se inseridos em sociedades politeístas, como o Egito, por exemplo, e, nestes ambientes o povo de Israel esteve frequentemente em apuros em relação à adoração ao seu Deus.

Denota-se nos registros bíblicos, de Abraão a Moisés, a vida cáltica do povo israelita. Visitas de anjos, encontros com Deus, sonhos e visões, ordenanças e promessas, entre outros, e mesmo após Moisés ter sido levantado por Deus para guiar o povo de Israel do Egito para a terra prometida, a ação de Deus no meio do povo jamais cessara.⁶⁸ É por esta perspectiva que se analisa o culto, dentro de um movimento que surgiu com Moisés para libertar o povo de Israel do cativo, cujo objetivo era de transformar as doze tribos em uma nação, e por meio dele, a revelação de Deus ao seu povo.⁶⁹

⁶⁶ BÍBLIA DE JERUSALÉM – São Paulo: Paulus, 2015, p 6.

⁶⁷ SANTOS, 1986, p.35.

⁶⁸ SHEDD, 1987, p.40.

⁶⁹ NOLASCO, 2014, p. 89.

É esse movimento que inspirou uma nova forma de culto, inclusive pela experiência que o povo teve durante o Êxodo.⁷⁰ De acordo com Nolasco, todo culto, na história de Israel, está eternamente orientado para lembrar o Êxodo, e isto pode ser notado em suas festividades anuais como, por exemplo, a festa da Páscoa ou a festa dos Pães Asmos, em Êxodo 12:14-20, e Levítico 23:5.⁷¹ Cita-se ainda a festa do Pentecoste: Dt 16:9-10, das Semanas, ou da Segá (Êx 23:16): Lv 23:9-14; o Ano Novo judaico ou “*Rosh Hashaná*”: Lv 23:23-25; Nm 29.1-6; Dia do Perdão, da Expição ou “*Yom Kipur*”: Lv 16: 23:26-32; Nm 29:7-11; Festa dos Tabernáculos: Dt 16:13-17; Lv 23:33-43; Nm 29:12-39; Festa da Dedicção ou *Hanuká*: Jo 10:22; e a Festa de *Purim*: Et 9:21-32.⁷²

De fato, o culto em Israel era como uma espécie de rememoração de um passado marcado pelo movimento ativo e libertador do Deus vivo, o qual acolhe seu povo e renova a sua esperança. Esse povo, de acordo com Santos, anunciou Deus que deveria ser uma bênção para todas as nações da terra, testemunhando Deus entre todos os povos.⁷³ Neste sentido, o culto no Antigo Testamento adota uma forma peculiar, que conforme Nolasco pode-se elencar três componentes essenciais do culto veterotestamentário, a saber: sacrifício, altar e templo. E dentre esses, o sacrifício ocupava o centro.⁷⁴

Diante do exposto, pode-se então transitar para as peculiaridades do culto no período neotestamentário, cuja primeira mudança notada é que a parte central do culto virou o templo, e o desenrolar da história aponta para um caminho proposto por Jesus em suas declarações, sobre a destruição do templo (infraestrutura física), e a edificação de um novo templo (os cristãos) (Mt 26:61; Mc 14:58, I Co 3:16). Kessler complementa afirmando:

⁷⁰ KESSLER, 2013, p. 15.

⁷¹ NOLASCO, 2014, p. 77.

⁷² NOLASCO, 2014, p. 89.

⁷³ SANTOS, 1986, p.44.

⁷⁴ NOLASCO, 2014, p. 101.

Os fiéis da comunidade em Jerusalém participam do culto do templo (Atos 2:46) e o Senhor Jesus chamou o templo de “casa de meu pai” (Jo 2:16), e apresenta seu próprio corpo como o novo templo, como vemos em Jo 2:19-22. Com sua morte e ressurreição, Jesus passou a inaugurar o culto da igreja, cujos eleitos compartilharão de sua imagem e natureza (Rm 8:29).⁷⁵

Observa-se que Jesus entra em cena quebrando paradigmas da tradição judaica sobre os assuntos mais importantes do povo, Deus, templo, sacrifício.⁷⁶ Ainda, inclusive, regularmente Jesus confronta, de modo provocativo, a ordem cultural de Israel, manifestando a sua própria autoridade sobre ela, como foi em relação ao sábado, em Mc 2:23-28, e a outros ritos nacionais.⁷⁷

Em Jesus se tem a manifestação de uma vida litúrgica, ou seja, uma vida verdadeiramente cúltica. Von Allmen debruça-se sobre isto começando pela recapitulação histórica da salvação, pelo próprio ministério de Jesus, cujo propósito foi de vir à terra e reconciliar consigo o homem e todas as coisas.⁷⁸ Além disso, alguns exemplos impõem a consideração dessas prerrogativas, como a alusão de Jesus à sua própria paixão (Salmos 110; Mc 12:35; Mc 14:62), a oração sacerdotal (Jo 17:1-26) ou profundo significado da purificação do templo (Jo 2:13), ou, mais ainda, a maneira pela qual Jesus quis, aceitou e interpretou a Sua própria morte.

Fica claro que, ao buscar um conhecimento sobre um modelo litúrgico, ou seguir uma forma de culto que seja mais assertiva, deve-se olhar, em primeira mão, para a vida inteira de Jesus. Nesse viés, o culto cristão tem por fundamento

⁷⁵ KESSLER, 2013, p.15.

⁷⁶ SANTOS, 1986, p. 42-46.

⁷⁷ NOLASCO, 2014, p. 132-144,

⁷⁸ VON ALLMEN, J. J. *O culto cristão: teologia e prática*. São Paulo: Aste, 2005, p. 21-22.

o “culto messiânico” celebrado por Jesus no período que medeia entre sua encarnação e ascensão.⁷⁹

Jesus convoca os seus seguidores a olharem não mais para sacrifícios e rituais, os quais são incapazes de produzir uma transformação autêntica, um coração generoso, que ama a Deus e ao próximo, e se doa pelo bem comum. Seu ministério profético se manifesta na medida em que ele estabelece um diálogo com diversas figuras (a mulher samaritana, por exemplo, em Jo 4: 1-30), desconstruindo toda e qualquer lógica que opera pela tentativa de se achar a Deus por mero esforço humano.⁸⁰ Portanto, ao fazer isso, Jesus quebra e despreza a hierarquia judaica fundada no período veterotestamentário, e mostra o livre acesso do ser humano a Deus, o pai, através dele.⁸¹

A ideia de centralizar o culto na pessoa de Jesus não é um mero acaso, certamente é necessário considerar o sentido cronológico da história da salvação que remete a este incidente e, neste quesito, Von Allmen enfatiza que o culto não se reduz simplesmente a um mero exercício de memória, é antes, contudo, uma reatualização, uma reconstituição do passado de forma a torná-lo presente, e um compromisso.⁸² Percebe-se, nesta visão, uma tendência de olhar para o ato cúltil como sendo de início uma anamnese da obra passada de Cristo (vida, morte e ressurreição), que a torna novamente presente nos dias atuais e, que carrega em si também algo que está por vir. Então, o cumprimento do “façam isso em memória de mim”, lido em Lucas 22:19, é a participação comum de um evento extraordinário outrora ocorrido entre Jesus e os discípulos, cuja experiência mudara total e radicalmente suas vidas e de todos aqueles que no futuro iriam celebrá-lo.⁸³

⁷⁹ VON ALLMEN, 2005, p.23.

⁸⁰ KESSLER, 2013 p. 15.

⁸¹ NOLASCO, 2014, p. 155

⁸² VON ALLMEN, 2005, p.33.

⁸³ MARASCHIN, J. *Da leveza e da beleza: Liturgia na Pós-Modernidade*. São Paulo: Aste, 2010, p.42.

Sobre o mesmo assunto, o teólogo Emil Brunner faz um paralelo entre o culto e a vida diária. É uma cosmovisão que pressupõe a transcendência do culto à medida em que seus atos se corroboram à vida diária do próprio cristão “individual” e da comunidade em si. Para Brummer, a assembleia religiosa contém elementos que não admitem a distinção do profano e do sagrado, ou seja, por um lado, essa assembleia enfatizava inequivocamente o cútico em oposição ao profano e, ao mesmo tempo, ela tomava como característica da vida diária a “refeição”, que por si só já denota que a comunhão santa se expressa também por aquilo que é proeminentemente não cútico.⁸⁴

Há uma verdade teológica extraordinária nessa análise, pois a vida de Jesus, enquanto verdadeiramente humano e verdadeiramente divino, expressa que o que se compreende como mais santo, na verdade é o que do ser humano se faz mais comum, ou seja, familiar como as longas caminhadas que os discípulos tiveram com o mestre e, o ato do mestre em lavar seus pés empoeirados, ou simplesmente pela repetição diária das refeições que eles tiveram com Jesus (Jo 13: 1-20; Lc 5: 27-32; Mt 15:29-38; Mt 26: 17-30) . Portanto, não é admirável que Jesus se aproprie das realidades comuns, como o partir do pão e o tomar do vinho, uma refeição, para sinalizar a experiência que a comunidade cristã deve manter, da presença viva do Senhor Ressurreto em seu meio.⁸⁵ Por essa perspectiva, através do culto, a comunidade toma consciência de si e de seu caráter, ou seja, o culto equivale ao coração da comunidade, se o culto cessa, a comunidade morre.⁸⁶

O culto cristão apresenta-se como um ato que permite a adoção de vários rituais. Não surpreendentemente verifica-se que, durante a história, o Cristianismo perambulou por algumas controvérsias sobre a doutrina da Igreja, gerando um grande impacto no modo como cristãos católicos e protestantes concebem tanto o

⁸⁴ BRUNNER, E. *O Equívoco sobre a Igreja*. São Paulo: Fonte Editorial, 2008, p.68-70.

⁸⁵ BRUNNER, 2008, p. 71.

⁸⁶ VON ALLMEN, 2005, p. 53.

culto (a sua forma) quanto o ser igreja.⁸⁷ Deste modo, é fundamental um olhar para as origens do culto cristão, antes mesmo de partir para a compreensão do surgimento das diversas formas de culto e suas eventuais contradições, conforme relatadas no livro de Atos dos Apóstolos 2:42-46:

Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações. “Apossava-se de todos o temor, pois numerosos eram os prodígios e sinais que se realizavam por meio dos apóstolos. Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um. Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria? e simplicidade de coração.”⁸⁸

Percebe-se que o culto cristão e sua liturgia fundamentam-se sob uma perspectiva histórica, boa parte daquilo que se conhece como culto hoje tem suas premissas nos aspectos socioculturais, religiosos e econômicos de povos antigos como, os egípcios, romanos, gregos e, em particular os judeus.⁸⁹ Afirma-se tal fato, pois, não se deve conceber o culto cristão como puramente sacro, sem considerar tais aspectos. É fundamental reconhecer a influência e a contribuição exercida por estas culturas e povos.

Os ritos e rituais implementados no culto dos cristãos primitivos tiveram grande influência do judaísmo. De acordo com Rieff, o culto cristão recebeu basicamente elementos de três vertentes de origem judaica, os quais são: os cultos no templo, os ofícios nas sinagogas e as refeições familiares.⁹⁰ Vale lembrar que

⁸⁷ BRUNNER, 2008, p.14.

⁸⁸ BÍBLIA DE JERUSALÉM – São Paulo: Paulus, 2015, p.1079.

⁸⁹ OLIVEIRA, I. S. de. *A Gênese do Culto Cristão: Aspectos sociais, religiosos e culturais que influenciaram e contribuíram na formação do culto cristão.* 58 p. Dissertação (Mestrado em Teologia). São Leopoldo: EST, 2006, p.9.

⁹⁰ RIEFF, S. G. *Diaconia e Culto cristão: Resgate de uma unidade essencial e suas consequências para a vida das comunidades cristãs.* 371 p. Tese (Doutorado em Teologia). São Leopoldo: EST, 2003, p.66.

uma das diferenças entre o culto cristão primitivo, medieval e contemporâneo é justamente a distância que se teve ao longo do tempo, da ideia de comunidade, explícita no texto de Atos. Por isso, a existência de muitas controvérsias sobre a Igreja e o culto, entre protestantes e católicos.

Parafraseando Brunner, ele traz uma abordagem síntese sobre as divergências acerca da *Ecclesia* no período pós-reforma, teólogos reformados como Calvino, por exemplo, apropriaram-se da primeira ideia que pairava entre os pais da igreja, no sentido de que a Igreja é “*omnium piorum mater*” e “*extra ecclesiam est nulla salus*”.⁹¹

Este discurso surge na tentativa de fugir de uma interpretação a qual se atém ao individualismo, pregado pela igreja medieval, olhando para a igreja simplesmente como um mero ajuntamento de crentes individuais. Todavia, a Igreja é o que ela é através de Cristo morando dentro dela. A ideia de que “fora da igreja não há salvação”, é, no entanto insuficiente, pois só se adequa à igreja invisível, que está limitada nos recônditos de Deus e a Ele só, que neste caso, é estranha ao Novo Testamento. E a igreja visível, neste sentido, é reduzida a uma espécie de subsídio externo à fé.⁹² É justamente sob essa perspectiva que muitas das explicações teológicas quanto a igreja não se configuram suficientes para abranger a complexidade do tema.

Lembra-se que nos desdobramentos do texto de Atos dos Apóstolos a ideia central de Igreja sempre recai para a comunidade local. A *Ecclesia* no Novo Testamento: não é precisamente aquilo que cada “igreja” é, em parte uma instituição. A igreja, no Novo Testamento, é a comunhão de pessoas. É o próprio Corpo de Cristo. É a comunhão de Jesus Cristo, ou a comunhão do Espírito Santo, conforme a descrição de atos, no dia de Pentecoste. Em que comunhão ou

⁹¹ BRUNNER, 2008, p.13.

⁹² BRUNNER, 2008, p.13.

Koinonia significa participação comum, uma condição de estar junta, uma vida em comunidade.⁹³

Embora se saiba de toda essa trajetória do culto cristão como parte essencial da dinâmica da Igreja, atualmente, ainda existe uma grande dificuldade de se compreender profundamente o verdadeiro sentido do culto. Perguntas como: Por que se vai à igreja? Qual é o propósito do culto? Quais são as formas de culto? Ou o que se pode tirar de exemplo na comunidade cristã primitiva para os dias hodiernos? Tudo isso será abordado no capítulo a seguir com mais profundidade, concedendo mais ênfase nas formas de culto e os fatores associados à não prática do culto doméstico hoje em dia.

2. O CULTO DOMÉSTICO: DIVERGÊNCIAS E IMPOSSIBILIDADES

Antes de adentrar propriamente nesta temática, é fundamental resgatar alguns pontos-chaves sobre a Igreja e o Culto. Primeiro, a compreensão de que o que liga os crentes cristãos é a participação comum em Cristo. Segundo, o que os cristãos têm em comum não é uma coisa, ou algo (instituído), mas, Jesus. E por fim, o Corpo de Cristo nada tem a ver com uma organização, e nada tem do caráter institucional sobre ela.⁹⁴

Até então, tem-se o conhecimento do culto cristão o qual se apropria das nuances observadas no período neotestamentário, porém, a manutenção da tradição concernente às características pelas quais um culto poderia ser chamado de cristão ou não, não foi muito bem estabelecida. Percebe-se que, quando se deseja dar continuidade a um certo processo tanto formativo quanto normativo, a tradição é um aspecto preponderante.

⁹³ OLIVEIRA, 2006, p.46.

⁹⁴ BRUNNER, 2008, p.15.

A tradição, *do latin traditio*, remete à ideia de continuidade da transmissão de um ensino, de uma prática, ou a notícia de um evento para outras pessoas que, de outra forma, não os conheceriam. No contexto teológico, pode significar a ação de transferir as doutrinas e os ensinamentos cristãos de uma geração para outra.⁹⁵ De fato, a tradição ocupa um lugar importante na fé cristã, e as Escrituras têm sido uma das principais ferramentas que a Igreja tem usado ao longo dos séculos para possibilitar aos outros o contato com essa tradição, com o fato histórico de Jesus de Nazaré.⁹⁶

A relevância da tradição no cristianismo consiste justamente no fato de que o cristianismo não foi algo descoberto, aplicando-se métodos científicos, como foi com algumas ciências em que a inovação é considerada melhor, pelo contrário, no cristianismo, o fundamento se encontra em alguns eventos do passado, portanto, aquilo que estiver o mais próximo a esses eventos, é melhor que qualquer inovação.⁹⁷ Embora isso seja um fato, ao longo do tempo, a Igreja foi se desintegrando e perdendo de vista o conceito de tradição.

Brunner debruça-se sobre três noções de tradição e as respectivas diferenças entre elas. Primeiro, a noção cristã primitiva de tradição, expressando o envolvimento da tradição à medida em que se dá continuidade na exposição do evangelho como a única revelação de Deus, cuja centralidade está em Jesus Cristo, o Filho de Deus. Segundo, a noção católica primitiva de tradição, que abafa o fato anteriormente dito, pois nela se sustenta que, à medida em que a Igreja vai se desenvolvendo distante da comunidade de Jesus, ela mesma procura preservar e garantir a autenticidade da tradição, ou seja, não apenas estabeleceu o Canon do Novo Testamento como testemunho normativo fundamental, mas

⁹⁵ GONZÁLEZ, J. L. *Uma breve história das doutrinas cristãs*. São Paulo: Hagnos, 2015, p. 221-222.

⁹⁶ MCGRATH, A. *Paixão pela verdade: a coerência intelectual do evangelicalismo*. São Paulo: Shedd, 2007, p.81.

⁹⁷ GONZÁLEZ, 2015, p.222.

também, para garantir sua autenticidade, criou o ofício contínuo do bispo com o dos apóstolos.⁹⁸

De acordo com Gonzalez, os líderes cristãos desenvolveram o princípio da sucessão apostólica, precisamente como meio de afirmar que eles e sua Igreja eram os verdadeiros guardiões e mestres da tradição que remontava a Jesus.⁹⁹ E por último, Brunner traz a noção neocatólica romana de tradição, que nada mais é que a conjunção da Igreja com a jurisdição. Em outras palavras, de agora em diante, a Igreja passa a se identificar como uma corporação, e não mais como uma comunidade. Essa mudança ocorre no neocatolicismo e tem em suas prerrogativas a desconstrução da lógica que se tinha a respeito da Igreja enquanto Corpo de Cristo reunido. Assim sendo, entre Cristo e Cristianismo, entra a Instituição corporativa, e Jesus Cristo mantém sua influência através dos meios corporativos, isto é, a organização eclesiástica.¹⁰⁰

A partir deste ensejo, pode-se analisar as razões de haver tanta incongruência entre a Igreja primitiva e a Igreja contemporânea, a verdade é que a institucionalização do episcopado triunfou sobre a tradição original, e passou a garantir a verdade apostólica. Um único homem passou a orientar e a redefinir o que se crê, o Papa. Seria este quem tem o discernimento autoritativo do que constitui a tradição, o que ele diz, deve ser crido como tal, sob pena da felicidade eterna.

Evidentemente, a institucionalização da Igreja é o principal fator que repercutiu sobremaneira na liturgia e no próprio culto cristão, pelo fato de o seu acontecimento envolver ritos, gestos, ações, palavras e discursos os quais expressam o que se crê, pensa ou rejeita. Ainda que de maneira inconsciente, tanto as igrejas protestantes como as católicas vivenciam atualmente constantes entraves que advêm justamente pelas consequências dessa institucionalização,

⁹⁸ BRUNNER, 2008, p.50.

⁹⁹ GONZÁLEZ, 2015, p.223.

¹⁰⁰ BRUNNER, 2008, p.50.

especialmente, na necessidade e limites da implementação das formas litúrgicas. Lembra-se que o encontro dos cristãos, seja nas casas, ao ar livre ou em templos, é a manifestação real daquilo que se crê sobre ser Igreja. Logo, o culto assume um papel fundamental dentro das abordagens teológicas a respeito da eclesiologia.

O culto cristão precisa ser expresso sob determinadas formas, porque reúne seres humanos em uma assembleia específica e, indubitavelmente, não existe vida comunitária sem alguma espécie de forma.¹⁰¹ Em contrapartida, a questão que se remete é: Quais formas de culto são apropriadas? Avaliar a necessidade das formas de culto e de seus limites, permite a compreensão não só da adequação da comunidade cristã (a Igreja) inserida em um contexto específico, como também da legitimação das Escrituras como guia das formas.

A institucionalização da Igreja permitiu mudanças no modo como se concebe a Igreja e o Culto. Pode-se sustentar que as formas de culto, atualmente vigentes, foram amplamente influenciadas por essa visão corporativa. Alguns teólogos trazem em suas abordagens algumas formas de culto que carregam explicitamente o caráter institucional. Kessler, por exemplo, aborda sobre as seguintes formas de culto: o culto público, culto de oração, culto de doutrina, culto em ações de graças, culto ao ar livre, culto de separação de obreiros, culto de colação de graus, culto de despedida de obreiro, culto de missões e culto de transmissão de cargos.¹⁰² Já Rieff traz, nos desdobramentos de sua abordagem, o culto eucarístico ou missa, culto doméstico, culto eucarístico dominical e outras formas de culto, como batismo e oração pública diária.¹⁰³

Contudo, o que de fato tem a ver tais formas institucionalizadas com a verdadeira adoração, pregada pelo próprio Jesus, por exemplo, à mulher Samaritana em João capítulo 4? Ou, a ideia de comunidade visivelmente explícita

¹⁰¹ VON ALLMEN, 2005, p. 77.

¹⁰² KESSLER, 2013 p. 16.

¹⁰³ RIEFF, 2003, p.67.

no livro de Atos dos Apóstolos capítulo 2? Certamente, não se nega a importância dada às formas de culto de maneira contextualizada, o problema das formas de culto atualmente vigentes não consiste na escolha de sua presença ou ausência, mas sim, na escolha entre as boas e as más formas.¹⁰⁴

Ao se ter claramente o objetivo de um culto, saber-se-á adotar a melhor forma de realizá-lo. Mas há limites explicitamente expostos nas Escrituras sobre o culto. Von Allmen fala sobre as formas litúrgicas serem limitadas, primeiramente pelo segundo mandamento, em Êxodo 20.4: “*Não farás para ti imagem de escultura... nem as adorará*”, no sentido de tentar imaginar o único Deus verdadeiro, ao invés de confiar na imagem que ele fornece de si mesmo.¹⁰⁵

Ademais, outro limite citado por Von Allmen é que a forma litúrgica tem por limite aquilo que justifica a sua existência; se a forma litúrgica se recusa ser o reflexo do escândalo e do chamado, implícitos na encarnação, transformando-se ela mesma em fonte de salvação, ao invés de instrumento de transmissão daquela redenção consumada de uma vez por todas, ela deixa de ser válida.¹⁰⁶

A verdade é que, tanto a necessidade de culto como a forma de culto cristão devem sempre apontar para a mesma direção e propósito, a rememoração da salvação por meio de Jesus e, não apenas isso, Jesus Cristo é o cerne de toda adoração cristã, e conseqüentemente, de toda a forma ou necessidade de culto.

Atualmente, é muito difícil compreender o propósito da adoção de algumas formas de culto. A qualidade do culto e, praticamente toda a sua dimensão devocional e comunitária, como exposto nas Escrituras, tornou-se um assunto obsoleto. É estranho, para a Igreja atual, apropriar-se dos mandamentos do próprio Deus desde o período veterotestamentário. Lembra-se, por exemplo, no livro de Isaías 1:12-17, a indignação de Deus em relação ao excesso de cultos

¹⁰⁴ VON ALLMEN, 2005, p. 79.

¹⁰⁵ VON ALLMEN, 2005, p. 79.

¹⁰⁶ VON ALLMEN, 2005, p. 90.

ritualísticos, quando, entretanto, o povo era falto em benevolência, compaixão e bondade.

Quando vindes à minha presença quem vos pediu que pisásseis os meus átrios? Basta de trazer-me oferendas vãs: elas são para mim um incenso abominável. Lua nova, sábado e assembleia, não posso suportar iniquidade e solenidade! As vossas luas novas e as vossas festas, a minha alma as detesta: elas são para mim um fardo; estou cansado de carregá-lo. Quando estendeis as vossas mãos, desvio de vós os meus olhos; ainda que multipliqueis a oração não vos ouvirei. As vossas mãos estão cheias de sangue: lavai-vos, purificai-vos! Tirai da minha vista as vossas más ações! Cessai de praticar o mal, aprendei a fazer o bem! Buscai o direito, corrigi o opressor! Fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva!¹⁰⁷

Uma outra característica do culto cristão está em sua dimensão familiar, que atualmente não é sequer estimulado pelas Igrejas. No livro de Deuteronômio capítulo 6 versículos 6 e 7, Deus dá um mandamento para o povo concernente à educação bíblica domiciliar, “Que estas palavras que hoje te ordeno estejam em teu coração! Tu as inculcarás aos teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa e andando em teu caminho, deitado e de pé”.¹⁰⁸ Repara-se aqui Deus dando instruções ao povo sobre o culto, e sobre como este deveria ser mantido ao longo das gerações, fazendo parte do dia a dia das pessoas, sobretudo pela comunhão familiar. Fica claro que o culto e suas formas transcendem, ou pelo menos deveriam, a dimensão pública institucional.

É visível que a qualidade do culto cristão desvanece ao longo do tempo, vive-se na atualidade em uma cultura de mídias, onde tudo se tornou líquido, sem profundidade alguma e sem fundamento algum. Jaci Maraschin, em sua obra literária “Da leveza e da beleza” acredita que o culto poderia ser uma benéfica

¹⁰⁷ BÍBLIA DE JERUSALÉM – São Paulo: Paulus, 2015, p.727.

¹⁰⁸ BÍBLIA DE JERUSALÉM – São Paulo: Paulus, 2015, p.170.

reação à essa sociedade.¹⁰⁹ Evidentemente, não seria uma tarefa eminentemente fácil para os cristãos. A conduta de muitos cristãos hoje, em boa parte, reflete a qualidade de uma cultura globalizada, a qual terceiriza até mesmo a própria fé. Parece que, à medida em que há avanços tecnológicos e ideológicos, a Igreja mergulha junto com as nuances propostas por estes, e se perde em seu propósito.

Atente-se para o culto doméstico como um importante aliado da comunhão cristã, do desenvolvimento e crescimento das Igrejas, porém pouco se fala do caráter domiciliar do culto cristão hoje em dia, justamente porque é uma das formas de culto que fora engolida pela institucionalização da Igreja e pelos efeitos globalizatórios. Se na sociedade o excesso de informação, a cobrança por produtividade, a desinibição das pessoas em redes sociais e outros aspectos, afastaram os pais dos filhos, famílias, professores e alunos, e por aí vai, com a igreja não foi exceção. Aconteceu ao longo da história, na Igreja, a terceirização da fé, a terceirização da educação cristã familiar, isto é, como no mundo, passa-se a depender inteiramente daqueles que têm o poder da informação, especificamente, a instituição, na figura do Pastor, do Padre, e de outros líderes eclesiásticos. Tem-se, com isso, uma comunidade que não entende o seu ofício, não inculca para si a responsabilidade de crescimento e amadurecimento na fé, não compreende o significado de vida comunitária e serviço (1 Pe 2:9). Essas nuances reverberam na perda de beleza nas liturgias, e na falta de incentivo ao que é litúrgico no(s) culto(s). Nesse viés, torna-se difícil a identificação do Corpo de Cristo no mundo. Sobre isso, Maraschin dizendo:

Trata-se da operacionalidade. Na sociedade moderna nossos líderes não buscam a justiça ou a verdade, mas resultados na forma de lucro. Nas sociedades antigas, a sabedoria era isto: a experiência do prazer. O sábio era sábio por causa da sabedoria.¹¹⁰

¹⁰⁹ MARASCHIN, 2010, p. 24.

¹¹⁰ MARASCHIN, 2010, p. 29.

Pretende-se com isso buscar a reflexão sobre esta analogia, se o sábio é reconhecido pela sua sabedoria (em prática), por quais motivos, características ou particularidades, a Igreja seria identificada, hoje, como Corpo de Cristo?

Aponta-se para o fato de que a vida litúrgica (e com isso quer-se dizer a vida cúlrica diária) se relaciona sempre com as culturas, e essas culturas sofrem influência da globalização, e se sentem sem forças para enfrentá-la.¹¹¹ Não obstante, deve apropriar-se das formas litúrgicas, como o culto doméstico, para manter a mente cristã em um mundo sem Deus.¹¹²

Há um despreparo da Igreja para lidar com os processos civilizatórios; percebe-se o desequilíbrio da Igreja em sua atuação litúrgica. O culto doméstico pode contribuir para uma melhor experiência de se viver no mundo como cristãos, pois permite o engajamento das famílias que compõem o Corpo de Cristo, o qual, por si só, atrai a leveza e a beleza. Essa forma de culto é acompanhada da renovação a respeito do sagrado e do sacerdócio cristão, reverberando no prazer da vida litúrgica da própria Igreja.¹¹³ O culto doméstico tem sua importância no enfrentamento de crises ocorridas com o advento da globalização, e pode ser útil na manutenção da vida da comunidade diante de uma Pandemia, como foi a Covid-19, iniciada em dezembro de 2019, por exemplo.¹¹⁴

Partindo dessa premissa, a seguir faz-se uma abordagem sobre a importância do culto doméstico para a espiritualidade cristã, e como possibilidade de enfrentamento diante de circunstâncias adversas as quais acometem a comunidade cristã e comprometem o culto público, como foi com a pandemia global da Covid-19.

¹¹¹ MARASCHIN, 2010, p. 33.

¹¹² WHITE, 1997, p.20.

¹¹³ MARASCHIN, 2010, p. 34.

¹¹⁴ WHO. C. *Strategy Up Date*. Covid-19: Strategy Update, v. 3, n. April, 2020, p. 18.

3. IMPORTÂNCIA DO CULTO DOMÉSTICO PARA A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ, E COMO POSSIBILIDADE DE ENFRENTAMENTO EM MEIO À CRISE DA PANDEMIA DA COVID-19

Tem-se muito claro, nos dias atuais, a defasagem do culto doméstico existente nas comunidades cristãs. Poucas são as igrejas que propõem a busca por uma espiritualidade madura a partir da educação cristã domiciliar. Neste capítulo, discutir-se-á sobre a necessidade do culto doméstico e sua importância para os tempos atuais.

O culto doméstico é necessário, por si só, pela sua própria utilidade. Argumenta-se que sua necessidade é originária de sua própria razão de ser ou existir desde a fundação do mundo. Sabe-se que, desde o começo, ao criar o mundo, Deus em sua grandiosidade estabeleceu uma comunhão permanente com a sua própria criação. Indubitavelmente, nos primeiros capítulos de Gênesis 2:18. 23.24; 3:8 , constata-se o início da instituição de uma convivência natural entre Deus e a primeira família humana criada, composta por Adão e Eva. Esse fato deveria ao menos instigar o cultivo de um culto familiar, afinal de contas, na terra, foi com uma família que Deus se relacionou primeiro.

Iahweh Deus disse: Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda.. [...] Então o homem exclamou: Esta, sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne! Ela será chamada 'mulher', porque foi tirada do homem! [...] Por isso um homem deixa seu pai e sua mãe, se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne.. [...] Eles ouviram o passo de *Iahweh* Deus que passeava no jardim à brisa do dia e o homem e sua mulher se esconderam da presença de *Iahweh* Deus, entre as árvores do jardim.
115

Atente-se para o fato de que o jardim do Éden é o lar de Adão e Eva cujos desdobramentos do dar ouvidos à serpente reverberou sobre a posição de ambos

¹¹⁵ BÍBLIA DE JERUSALÉM – São Paulo: Paulus, 2015, p.3.

no lar, no sentido de Adão e Eva perderem-se de vista um ao outro dentro da própria casa, e não apenas isso, ali, eles também esconderam-se de Deus. Nota-se aqui a essência do culto doméstico, e essa relação harmoniosa entre o ser humano, seu lar e seu Deus foi afetada instantaneamente pelo pecado original.

Ora, aqui contempla-se uma das grandes dificuldades que as famílias atuais têm em relação à educação cristã nos lares, não é um assunto novo, esconder-se de Deus dentro do próprio lar começou com a primeira família humana, logo é fundamental o resgate de alguns pontos necessários do culto domiciliar para o amadurecimento da espiritualidade cristã das comunidades e sociedades de maneira geral.

Recorda-se aqui um ponto central: no Novo Testamento, a ideia original de Igreja é a comunidade de Cristo ou o povo de Deus reunido com o propósito de adoração divina.¹¹⁶ No entanto, como bem dito por Brunner, é incorreto afirmar que a igreja torna-se verdadeira somente no ato da assembleia. Essa concepção vai totalmente contra às prerrogativas afirmadas por Jesus concernentes à reunião de duas ou até mesmo três pessoas em seu nome, como está escrito no livro de Mateus capítulo 18.

Outro aspecto a ser ressaltado na Igreja primitiva, é que os primeiros cristãos eram convictos de sua membresia da Igreja, mesmo quando ela não estava reunida para o culto, ou seja, a convicção de ser parte do corpo de Cristo independe de um local “consagrado” para o ato cúltilo, e que sua própria vida (do cristão, no caso) era um ato contínuo de louvor e adoração a Deus, chamado por Paulo de culto racional no livro de Romanos capítulo 12, fazia toda a diferença.¹¹⁷

Com isso, não se pretende reduzir a importância da assembleia, pois ela em si constitui um ato de cooperação vital. Todavia, existe uma relação intrínseca

¹¹⁶ BRUNNER, 2008, p. 67.

¹¹⁷ BRUNNER, 2008, p. 67.

entre essa assembleia primitiva, sua forma litúrgica e o que se pretende defender como pauta neste texto. Ao analisar o modo como a Igreja primitiva se estruturou, não restam dúvidas que tais aspectos sofreram intensamente influências do modo de vida cotidiano das pessoas, e que por sua vez, era de caráter familiar. Para se ter uma ideia, e isto já fora dito anteriormente, a assembleia religiosa apropriou-se, por exemplo, de uma das características mais ordinárias da vida cotidiana, que é a refeição. Ora, que tom mais característico de culto familiar, existe, senão o ajuntamento de pessoas para deliciar uma refeição?

Sentar-se à mesa para apreciar uma refeição é um ato simbólico da verdadeira comunhão, a qual contempla a todos e não delimita, em certa medida, o grau de importância entre as partes envolvidas. A mesa é também um lugar onde é quebrada toda dicotomia entre as vivências humanas na religião, isto é, na comunhão dominical e no mundo de cada dia. Esta refeição é comum, está ao alcance de todos e pode simbolizar, neste contexto, o próprio Cristo que morreu de forma sacrificial em favor de todos.¹¹⁸ Por isso, a Igreja contemporânea precisa despir-se dos paradigmas que há muito assolaram a igreja medieval, e que com Lutero e a reforma protestante, deu-se um novo passo a caminho do sacerdócio universal.¹¹⁹ (VARGENS, 2013). As famílias com suas eventuais representações podem e devem implementar um espaço em seus lares que permita essa comunhão, glorifique a Deus e contribua para a sua maturidade espiritual.

Agora que já se fez uma abordagem sobre a essência originária do culto doméstico, fica clara a existência de uma relação entre a adoração e a vida familiar no Antigo Testamento, e que continuou nos tempos do Novo Testamento. Observa-se, por exemplo, constantemente a menção de membros que compõem uma família nos assuntos eclesiais, por Pedro (Atos 2:39) e Paulo (I Co 7:14), e como grande inovação, a inclusão tanto de crianças, seus pais e até os servos da

¹¹⁸ BRUNNER, 2008, p.69.

¹¹⁹ VARGENS, R. *Reforma agora: O antídoto para a confusão Evangélica no Brasil*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2013, p. 30.

família, relacionando-os com o corpo de Cristo (Ef 6: 1-4), bem como a exaltação da experiência de uma fé individual que se deu pelo amadurecimento da espiritualidade no ambiente familiar, como foi com Timóteo (II Tm 1:5, 3:15).¹²⁰

Como toda família, qualquer sociedade, organização ou até mesmo a Igreja, busca por crescimento, em termos quantitativos, e desenvolvimento em termos qualitativos. Nas comunidades cristãs, apesar de haver esse senso de busca por uma espiritualidade mais sadia e crescimento, raras vezes o faz de forma intencional, principalmente se o assunto for delegar as responsabilidades pastorais à toda comunidade, ou seja, a ênfase dada a uma espécie de autopastoreio comunitário.

Para que isso ocorra, é necessária a construção de um ensino fundamentado na palavra de Deus sobre o sacerdócio universal e, através desse entendimento, as igrejas locais adotem ferramentas de culto ou ensino a que se dispõem. Neste sentido, o culto doméstico se apresenta como um caminho possível para esse desfecho. Porém, a pergunta que se coloca é: Por que a necessidade de se implantar cultos domésticos? Quais seriam seus eventuais benefícios ou vantagens?

De acordo com Beeke, o culto doméstico apresenta os seguintes benefícios: O culto doméstico promove o bem-estar da família - Deus usa meios para comunicar sua vontade e salvação aos seres humanos, assim, o culto domiciliar é uma ferramenta que permite a aproximação da família para com Deus e sua palavra, bem como da família em si.¹²¹ A própria Bíblia confirma o fato do sucesso que há em ensinar a criança no caminho em que deve andar, pois, no

¹²⁰ BEEKE, J. *Adoração no Lar*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2009, p.16.

¹²¹ BEEKE, 2009, p.16-19.

futuro não se desviará dele (Pv 22: 6)¹²², e o salmista no Salmo 78: 5-7 corrobora dizendo:

[...] Ele firmou um testemunho em Jacó e colocou uma lei em Israel, ordenando a nossos pais que os transmitissem aos seus filhos, para que a geração seguinte o conhecesse, os filhos que iriam nascer: Que se levantem e os contem a seus filhos, para que ponham em Deus sua confiança, não se esqueçam dos feitos de Deus e observem seus mandamentos.¹²³

O culto doméstico promove paz interior - Não raras vezes, o surgimento de conflitos no lar culmina com a decepção e o desprazer de estar na presença de uns para com os outros. Pais se decepcionam com os filhos, filhos se decepcionam com os pais, esposa se decepciona com marido e vice-versa. Atente-se para a tristeza opressora que é para os pais conviver com um filho rebelde. Ora, Beeke faz o seguinte questionamento: Quem pode suportar a reprovação de uma consciência pungente, que nos condena por nunca criarmos nossos filhos no temor do Senhor?¹²⁴

Dessa maneira, não se quer reduzir nem a soberania de Deus e tampouco a autonomia ou liberdades individuais; o ponto a que se remete este resquício é sobretudo a disposição familiar de se colocar na dependência de Deus, e tendo filhos, ao buscar propositalmente a criação destes, de acordo com a mensagem do evangelho, a paz que excede todo o entendimento guardará seus corações e seus pensamentos em Jesus Cristo (Ef 4:6).

O culto doméstico auxilia na criação dos filhos e firma os laços familiares - Os seres humanos estão constantemente diante das contingências da vida. Doenças, epidemias com magnitude mundial, como foi o caso da Covid-19, mortes, crises financeiras, crises políticas, conflitos armados, e tantos outros

¹²² BÍBLIA DE JERUSALÉM – São Paulo: Paulus, 2015, p.651.

¹²³ BÍBLIA DE JERUSALÉM – São Paulo: Paulus, 2015, p.605.

¹²⁴ BEEKE, 2009, p.16-19.

adventos que escancaram a fragilidade humana e clamam por reforços. Beeke afirma que o culto doméstico ajuda a promover a harmonia diante das contingências da vida, oferecendo um conhecimento mais profundo das Escrituras e crescimento na piedade pessoal tanto para os pais quanto para os filhos. O culto familiar nutre de esperança os corações daqueles que dele participam e de sabedoria, no sentido de promover um melhor enfrentamento da vida. Além disso, o momento de culto familiar dá abertura para se tratar de assuntos familiares mais importantes, cria memórias, e permite um relacionamento mais próximo entre pais e filhos.¹²⁵

O culto doméstico permite o bom andamento familiar enquanto durar a vida - Nos últimos anos, especialmente devido à pandemia da Covid-19, a conscientização de que a vida é breve, está cada vez mais patente.¹²⁶ No livro de Tiago capítulo 4 verso 14, o apóstolo fala sobre a brevidade da vida. Para os cristãos, é muito significativo que durante a vida, viva-se de acordo com os princípios que regem o reino de Deus, como o amor, a bondade, paciência, mansidão, temperança e tantos outros (Gl 5: 22). E porque há essa brevidade da vida, nada mais sensato que fazer um treinamento diário de conduzir as famílias na adoração a Deus, cientes de que nada se compara com a eternidade infinita a qual Jesus prometera aos que creem nele (João 14: 1-3). Dessa forma, a família anda unida; é estabelecido um apoio mútuo, e se tem esperança no futuro vindouro.

O culto doméstico promove o crescimento e o desenvolvimento da Igreja - A vida familiar alcança os mais altos patamares sociais; ela espelha, em certa medida, o caráter social de uma nação. Acontece o mesmo na comunidade cristã, as famílias continuam sendo a base do corpo, famílias sadias promovem a saúde

¹²⁵ BEEKE, 2009, p.16-19.

¹²⁶ BEEKE, 2009, p.16-19.

dentro do corpo. Isso pode ser efetivado conforme os pais dedicam suas vidas ao serviço, e esse serviço, no Corpo de Cristo, constitui a base de sustentação eclesial.¹²⁷

Portanto, promover o culto doméstico, pode mitigar a pobreza espiritual existente em muitas comunidades de fé, como também, promover a disciplina e motivação dos membros de todas as faixas etárias na edificação do Corpo de Cristo.

Sobre a adoção de culto doméstico na pandemia, estudo de ensaio que avaliou modelos litúrgicos para o culto doméstico em tempos de pandemia, de acordo com padrões confessionais presbiterianos, concluiu que a pandemia da Covid-19 tem levado à igreja a repensar e reorientar suas dinâmicas de culto, e que a adoção do culto doméstico é um caminho viável o qual permite a sua não interrupção diante de demandas inesperadas.¹²⁸

A respeito dessa perspectiva, faz sentido analisar de acordo com Martins a espiritualidade, tendo como parâmetro a experiência. Nos tempos apostólicos, por exemplo, o que manteve viva a fé da comunidade cristã foi a pregação, este período, a igreja passou por enormes desafios os quais colocavam à prova a sua fé, tanto é que a comunidade se reunia na casa dos membros (Romanos 16:3-4).

129

Depois deste período, surge um outro momento, a patrística, em que os pais da igreja e seus discípulos buscavam defender a fé cristã. Durante esse momento, os cristãos concentravam suas energias na apologética, na defesa do evangelho contra as heresias que competiam com a sacralidade de Jesus e as perseguições do Império Romano. Martins aborda a espiritualidade da igreja

¹²⁷ BEEKE, 2009, p.16-19.

¹²⁸ CUNHA, G.; CUNHA, G. *Modelos litúrgicos para o culto doméstico para tempos de pandemia*, conforme padrões confessionais presbiterianos. v. 9 n. 1 | p. 122-131 | jan.-jun. São Leopoldo: 2020. Revista Tear Online, 2020, p. 123.

¹²⁹ MARTINS, Ester Rodrigues Pereira. *Espiritualidade Cristã*. v. 6 n. 1. p. 45-56. jan.-jun. São Leopoldo: Revista Tear Online, 2017, p.47.

nesse contexto, a qual se caracterizava pelo testemunho, marturion (μαρτύριον) do mártir, martus (μάρτυς), evento no qual a testemunha, marturia (μαρτύρία) diante do império e de todos, reafirmava sua fé através de sua morte.¹³⁰

Percebe-se que a espiritualidade ganha novos arranjos ao longo do tempo, contudo, ela sempre se manifesta mais significativamente diante de situações adversas que acometem a comunidade. Além do martírio, nessa época, a igreja também se apropriava do conhecimento que tinha de Deus aliado à profunda devoção, como companheiro do testemunho e da defesa de sua fé.¹³¹

Uma das coisas que pode alcançar o coração humano mais rapidamente, em uma situação ou momento de crise, é justamente o conhecimento que se tem acerca de Deus. Neste sentido, um exemplo fundamental, no qual pode-se fazer jus é o do apóstolo Paulo, quando solicita seus livros e pergaminhos a Timóteo, estando preso (2 Timóteo 4.13). Faz-se aqui um paralelo com a passagem no livro de 1 Pedro 3: 15, ao instigar os cristãos a sempre estarem preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que lhes pedir a razão, o motivo, a essência, o porquê, a finalidade da fé e esperança que havia neles.

Outrossim, a leitura da palavra de Deus é mais do que necessária, é essencial para compreender principalmente a cosmovisão bíblica, a fim de saber situar-se diante de qualquer circunstância. Vale lembrar que a leitura (não só da bíblia) permite um exercício mental de ampliação de percepções e interpretação dos eventos do dia a dia, forçando o indivíduo a quebrar as barreiras da estagnação.¹³²

Portanto, tal como Paulo, é necessário que cristãos saibam montar um arsenal de livros, que mesmo em momentos de crises, como Paulo preso na ocasião, este arsenal lhes sirva de lembrança de sua convicção de fé e

¹³⁰ MARTINS, 2017, p.48.

¹³¹ MARTINS, 2017, p.49.

¹³² WHITE, 1997, p.20.

esperança. Alinhado a isso, hoje pode-se fazer uma pergunta retórica: Até que ponto a igreja contemporânea está preparada para responder com mansidão e temor a razão de sua fé em Cristo? Ou mais ainda: Diante da pandemia da Covid-19, a qual perdura até os tempos hodiernos, que medidas as comunidades adotaram para responder com mansidão e temor a razão de sua fé?

Evidentemente que no presente trabalho não se pretende criticar a virtualização da Igreja nos espaços de mídias sociais na transmissão de cultos online, pelo contrário, o que se quer é permitir a reflexão sobre o que é fundamental para manter viva a fé cristã diante de situações desastrosas. A impressão que se tem a respeito da Igreja contemporânea é o constante esforço de se estabelecer nas mídias, e não uma tendência ao ensino do sacerdócio universal na busca por um conhecimento e espiritualidade sadia.

A espiritualidade precisa levar em conta a experiência comunitária dentro de um contexto específico. Estar em casa, apenas com a família, em um contexto de isolamento e distanciamento social e confinamento comunitário, deliberado pelas autoridades sanitárias, deveria ser um momento de exercício mental, no sentido de a comunidade saber dar respostas mais assertivas à situação que a acomete.¹³³ Neste contexto, uma leitura estudiosa das Sagradas Escrituras, e tempo para refletir sobre o que ela ensina: Lâmpada para os meus pés e luz para o meu caminho (Salmos 119:115)¹³⁴ é primordial para as famílias e indivíduos. E é exatamente este o fundamento da mente cristã, uma visão bíblica do mundo, uma cosmovisão informada, formada e firmada pela Bíblia a qual deveria ser contemplada na abordagem das comunidades de fé durante a pandemia.¹³⁵

Desse modo, a compreensão de culto e suas dimensões se configura em uma grande aliada na adoção de novas dinâmicas de culto, como o culto

¹³³ WHO, 2020, p. 18

¹³⁴ BÍBLIA DE JERUSALÉM – São Paulo: Paulus, 2015, p.627.

¹³⁵ WHITE, 1997, p.20.

doméstico, para manter viva a espiritualidade da comunidade de fé, coletiva e individual em momentos de crises.

CONCLUSÃO

Com a pandemia, houve uma redução significativa de encontros presenciais. Apesar dos avanços da ciência e tecnologia para produção e distribuição de vacinas, o distanciamento social, uso de máscara e outras medidas não farmacológicas adotadas no combate ao vírus, ainda estão em vigor no Brasil e em algumas partes do mundo.

A impressão que se tem em relação à Igreja contemporânea, é o constante esforço de se estabelecer nas mídias sociais, e não uma tendência ao ensino do sacerdócio universal na busca por um conhecimento e espiritualidade sadia. Por esta perspectiva, é fundamental que as comunidades cristãs e o corpo eclesiástico, redefinam suas concepções de culto, partindo da premissa de que o culto cristão remete à história da salvação, no qual, o ponto central é a pessoa de Jesus Cristo, encarnado.

A originalidade deste trabalho permitiu uma abordagem reflexiva sobre a história e a teologia do culto cristão a partir de uma revisão de literatura. Por isso, tendo-se observado uma defasagem do culto doméstico nas comunidades de fé, conclui-se que a sua adoção pode ser um caminho viável para o enfrentamento da pandemia da Covid-19, bem como para outros momentos de crise que eventualmente a sociedade e as famílias atravessaram. Isto porque o culto doméstico contribui para uma espiritualidade madura, promove o bem-estar da família, a paz interior dos indivíduos, a esperança em um futuro vindouro, o

crescimento e desenvolvimento das igrejas locais, e auxilia na criação dos filhos e firma os laços familiares.

Portanto, recomenda-se que estudos futuros sejam longitudinais e de intervenção, a fim de se compreender melhor e estabelecer os benefícios do culto doméstico dentro de um contexto específico ao longo do tempo. Além disso, recomenda-se que líderes eclesiais, bem como famílias, adotem e reforcem o ensino cristão através do culto doméstico para a manutenção, crescimento e maturidade espiritual, levando em consideração a experiência comunitária dentro de um contexto específico.

REFERÊNCIAS

BEEKE, J. *Adoração no Lar*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2009.

BRUNNER, E. *O Equívoco sobre a Igreja*. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

CUNHA, G.; CUNHA, G. *Modelos litúrgicos para o culto doméstico para tempos de pandemia*, conforme padrões confessionais presbiterianos. v. 9 n. 1 | p. 122-131 | jan.-jun. São Leopoldo: 2020..

GONZÁLEZ, J. L. *Uma breve história das doutrinas cristãs*. São Paulo: Hagnos, 2015.

KESSLER, N. *O Culto e suas formas*. Rio de Janeiro: Alfalit Brasil, 2013.

MCGRATH, A. *Paixão pela verdade: a coerência intelectual do evangelicalismo*. São Paulo: Shedd, 2007.

MARASCHIN, J. *Da leveza e da beleza: Liturgia na Pós-Modernidade*. São Paulo: Aste, 2010.

MARTINS, Ester Rodrigues Pereira. *Espiritualidade Cristã*. v. 6 n. 1. p. 45-56. jan.-jun. São Leopoldo: Revista Tear Online, 2017.

NOLASCO, W. *O Culto Cristão, Liturgia Bíblica, História e Prática*. Kindle Edition, 2014.

OLIVEIRA, I. S. de. *A Gênese do Culto Cristão: Aspectos sociais, religiosos e culturais que influenciaram e contribuíram na formação do culto cristão*. 58 p. Dissertação (Mestrado em Teologia). São Leopoldo: EST, 2006.

RIEFF, S. G. *Diaconia e Culto cristão*: Resgate de uma unidade essencial e suas consequências para a vida das comunidades cristãs. 371 p. Tese (Doutorado em Teologia). São Leopoldo: EST, 2003.

SANTOS, J. F. *O Culto no Antigo Testamento*: sua relevância para os cristãos. São Paulo: Vida Nova, 1986.

SHEDD, R. P. *Adoração Bíblica*. 1a ed. São Paulo: Vida Nova, 1991.

VARGENS, S, R. *Reforma agora*: O antídoto para a confusão Evangélica no Brasil. São José dos Campos, SP: Fiel, 2013.

VON ALLMEN, J. J. *O culto cristão*: teologia e prática. São Paulo: Aste, 2005.

WHITE, J. F. *Introdução ao Culto cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

WHO. C. *Strategy Up Date*. Covid-19: Strategy Update, v. 3, n. April, 2020.

DEUS E A PANDEMIA: REFLEXÕES SOBRE A SOBERANIA DIVINA

Andréa Nogueira Gomes dos Santos¹³⁶

Claudionir Alves¹³⁷

RESUMO

A pandemia gerada pela COVID-19 trouxe uma mudança radical na vida das pessoas e comunidades no mundo todo. Devido à gravidade da situação, foi necessária uma reorganização da rotina diária na vida social e familiar. A sequência e intensidade de mortes causadas pelo vírus abalou o mundo. Esse abalo não foi apenas emocional ou psicológico, mas também espiritual. Se por um lado pessoas passaram a buscar Deus por um milagre, por outro, pessoas desacreditaram de Deus, culpando-o por todo o mal ocorrido. Este trabalho vem ao encontro desses dois aspectos, no intuito de desmistificar a premissa de que Deus seja o causador de todo o mal. O artigo propõe uma reflexão sobre a percepção humana de Deus e se, realmente, Deus seria o causador da pandemia. Propõe também uma reflexão sobre a soberania divina e o livre arbítrio humano, bem como a atuação divina entre o arbítrio humano e as situações adversas. Por fim, a proposta foi refletir sobre a forma como Cristo percebia e se relacionava com Deus, o Pai, e a partir deste ponto, tentar encontrar caminhos saudáveis de concepções e entendimentos sobre a soberania divina e os males que advêm sobre a humanidade.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia; Deus; Mal; Soberania; Cristo.

ABSTRACT:

The pandemic generated by COVID-19 brought a radical change in the lives of people and communities around the world. Due to the gravity of the situation, it was necessary to reorganize the social and family daily life. The sequence and intensity of deaths caused by the virus shook the world. This shock was not just emotional or psychological, but also spiritual. If, on the one hand, people began to look to God for a miracle, on the other, people disbelieved God, blaming him for all the evil that had occurred. This work meets these two aspects in order to demystify the premise that God is the cause of all evil. The article proposes a reflection on the human perception of God and if, really, God would be the cause

¹³⁶ Mestre em Teologia – (Faculdades EST). Professor da Faculdade Refidim. Coordenador de Marketing. E-mail: andrea@ceeduc.edu.br.

¹³⁷ Graduando em Teologia – sétimo semestre. E-mail: claudioniralves1@gmail.com.

of the pandemic. It also proposes a reflection on divine sovereignty and human free will and divine action between human will and adverse situations. Finally, the proposal was to reflect on the way in which Christ perceived and related to God, the Father, and from this point on trying to find healthy paths of conceptions and understandings about divine sovereignty and the evils that befall humanity.

KEYWORDS: Pandemic; God; Sovereignty; Evil; Christ.

INTRODUÇÃO

A forma como o ser humano percebe Deus é influenciada pelas circunstâncias da vida. Falar sobre a realidade do mundo frente ao descaso do ser humano com seu semelhante não é tarefa difícil, visto que notícias ruins são veiculadas pela mídia constantemente. A questão é como podemos revelar à humanidade um Deus amoroso, capaz de mudar a situação e, sendo a própria emanção do amor, e não o responsável pelo mal que assola a terra.

O surgimento da pandemia provocada pela COVID-19 trouxe pânico e desespero para muitos, fazendo com que algumas pessoas duvidassem da existência de Deus. Os processos de isolamento social e o fechamento dos estabelecimentos, principalmente das igrejas, trouxeram uma visão apocalíptica da situação, e muitos questionamentos a respeito de Deus surgiram. Seria essa pandemia o início do fim do mundo? Teria Deus virado as costas para a humanidade?

Este artigo tem como objetivo relatar algumas percepções humanas de Deus em tempos de crise, e também o lugar livre arbítrio em todo este processo. O artigo objetiva também analisar o quanto Deus, como um ser soberano tem participação nos sofrimentos humanos, outrossim, por que Deus permite o sofrimento dos justos? Por fim, lançaremos nosso olhar através da ótica de Cristo

a respeito de Deus, para “compreender” as divergências e convergências no que se refere à soberania divina.

1. PERCEPÇÕES HUMANAS DE DEUS

O conceito de percepção é muito relativo, e se torna ainda mais quando se trata da percepção das pessoas acerca de Deus, já que essa percepção é regida, muitas vezes, pelas experiências particulares com Deus, e isso afeta o modo como as pessoas percebem Deus.

A ocorrência da pandemia da COVID-19 afetou direta e indiretamente a percepção de muitas pessoas, sejam elas cristãs ou não, pois o sofrimento pelo qual a humanidade passou (e ainda está passando) gerou oportunidades de perceber Deus no sofrimento. A Bíblia nos dá o exemplo de Jó, quando, ao passar por toda dor e sofrimento, expressou: “Antes, eu só te conhecia de ouvir falar; agora, eu te vi com meus próprios olhos”.¹³⁸

Muitas pessoas afirmam que gostariam de acreditar em Deus, porém lhes faltam evidências que comprovem a existência Dele, tendo como base a ciência, imaginam ser necessário haver provas concretas para atestar sua existência. E, na verdade, essas provas existem, todavia muitos não as querem ver.

No meio científico, sempre houve divergências sobre o conceito de Deus e religião. Marquard fala sobre o conceito de Einstein:

A origem da religião para Einstein é o medo. Medo de fome, doença e morte. É preciso apaziguar o Deus ou os deuses, a fim de escapar da desgraça. Em um nível mais elevado, a fé surge de sentimentos sociais. Neste caso, religião é como uma superestrutura moral que regula a vida da comunidade. Para

¹³⁸ BÍBLIA, Jó 42.5, Nova Versão Transformadora.

Einstein, a religião moral é a religião dos povos com tradição cultural. Mas ele ainda distingue uma terceira forma de vivência religiosa: a religiosidade cósmica. A religiosidade cósmica seria apenas para “indivíduos especialmente ricos e comunidades especialmente nobres”. O conceito cósmico de Deus não se prende mais a imagens pessoais, de modo que não requer nem igreja, nem dogmas, nem orações. Neste caso, Deus é um princípio. Sua linguagem é a matemática. Venerá-lo significa fazer ciência.¹³⁹

Assim corroboram Gooding e Lennox:

Na ciência, você pode ter evidências e provas, e a fé nunca é necessária. Mas, no que diz respeito ao cristianismo, nós temos de acreditar sem qualquer prova ou evidências. É como saltar de uma janela com os olhos fechados em uma noite muito escura e esperar que vai pousar com segurança em algum lugar.¹⁴⁰

Não temos como definir Deus em sua essência e majestade, por mais que existam esforços humanos para isso, contudo Deus pode ser percebido, a fé conecta o homem com Deus. À vista disso, o escritor aos Hebreus afirma: “A fé mostra a realidade daquilo que esperamos; ela nos dá convicção de coisas que não vemos”.¹⁴¹

Deus pode ser percebido nas coisas mais simples e “insignificantes” da vida, basta olhar para a obra da criação divina, pois Ele trouxe o universo à existência por Sua Palavra. O mundo que conhecemos não fora criado pelo acaso,

¹³⁹ MARQUARD, Udo. *Albert Einstein tinha fé, mas abominava a submissão ao fervor religioso*. 2018. Disponível em: <<http://www.tribunadainternet.com.br/albert-einstein-tinha-fe-mas-abominava-a-submissao-ao-fervor-religioso/>>. Acesso em: 31 ago. 2021.

¹⁴⁰ GOODING, David e LENNOX, John. *Conceitos-Chave da Bíblia*. Trad. Bruna Luiza Becker. Porto Alegre: A Verdade, 2012. p.88.

¹⁴¹ BÍBLIA, *Carta aos Hebreus* 11.1. Nova Versão Transformadora.

nem tampouco é o resultado de mera evolução, cada coisa ocupa o seu devido espaço e tempo no mundo. Elienai Cabral pondera que:

O melhor modo de entender a realidade de Deus é conhecê-lo pela sua natureza, quando se discute, não o que Deus pode ser, mas sim o que Ele é. A mente humana entende e define o que pode ser avaliado pelas limitações do pensamento humano. Então é evidente que a mente humana é finita, nunca poderá conceber de forma adequada a Deus e a Natureza de sua existência.¹⁴²

Apesar de toda essa limitação humana, Deus tem prazer em se revelar ao homem, entretanto essa revelação é progressiva. À medida que o ser humano se aproxima de Deus e reconhece sua existência, pode percebê-lo nos mínimos detalhes da vida. Segundo Cabral:

Se quisermos conhecer a Deus, antes de tudo, Ele se revela a nós. O apóstolo Paulo declara que para conhecer a Deus não temos que fazer qualquer coisa excepcional, porque Ele mesmo se manifesta a nós. O texto de Romanos 1.19 diz que “porquanto o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou”. Subentende-se, então, que Deus se faz conhecer pela demonstração de Seus atributos na natureza humana mediante a capacidade racional e pela lei moral que rege a vida do homem.¹⁴³

Falando ainda em revelação divina e como perceber Deus, Gooding e Lennox asseveram:

A bíblia afirma ainda que o mesmo Deus que se revelou pela criação, se revelou a nós também por Seu Filho, Jesus Cristo. Cristo não é uma invenção da igreja ou o produto de uma especulação religiosa e teológica. A bíblia o chama de Palavra de Deus, pois, através dele, Deus se revelou e falou aos homens e às mulheres de uma forma muito mais direta e

¹⁴² CABRAL, Elienai. *O Deus de Toda Provisão*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016. p.6.

¹⁴³ CABRAL, Elienai. *O Deus de Toda Provisão*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016. p.7.

muito mais plena do que jamais havia feito pela criação. Na criação, Deus nos falou de seu poder, de sua glória e majestade. Em Cristo, a Palavra de Deus, ele nos falou de seu coração. [...] ¹⁴⁴

1.1 Deus, o responsável pela pandemia

Em meio ao caos e às catástrofes, é comum as pessoas procurarem respostas para explicar ou justificar os acontecimentos. Os povos antigos creditavam todos os eventos a uma ação dos deuses:

Um a um, os deuses gregos foram sendo fundados, à medida que um novo questionamento surgia. Assim, para cada uma dessas criaturas mitológicas, foram estabelecidos contextos de criação, propósitos e funções, qualidades e defeitos, personalidades e poderes, sempre relacionados a algum elemento moral ou força da natureza. Se uma plantação, por exemplo, fosse arrasada por uma tempestade ou praga, essa fúria era explicada pelo contexto divino. Prejuízos e catástrofes, terremotos e maremotos, só poderiam ser castigos infligidos por algum deus enraivecido, ante o pecado e displicências humanas. ¹⁴⁵

Por vezes, a humanidade se depara com situações que promovem reflexões mais profundas relacionadas a Deus. Seria Ele o causador de todo o mal gerado pela pandemia da COVID-19? De acordo com a perspectiva de Bildade, personagem no livro de Jó, o problema do mal é discutido à luz de questões acerca do pecado, em que Deus castiga o mau e preserva o justo. No entanto, o próprio Jó argumenta não merecer as desgraças que recaíram sobre ele e revela

¹⁴⁴ GOODING, David e LENNOX, John. *Conceitos-Chave da Bíblia*. Trad. Bruna Luiza Becker. Porto Alegre: A Verdade, 2012. p.89.

¹⁴⁵ DEUSES GREGOS: *Origem e influencia na Grécia Antiga*. Disponível em: <<https://www.concursosnobrasil.com.br/escola/historia/deuses-gregos-origem-e-influencia-na-grecia-antiga.html>>. Acesso em: Setembro de 2021.

sua fé dizendo: “*Eu sei que o meu redentor vive e que no fim se levantará sobre a terra*”.¹⁴⁶

Por mais que a humanidade sofra com as pestes e doenças que a assolam, a Bíblia e os livros seculares revelam períodos históricos de grande sofrimento sobre a terra. O próprio Jesus, sendo o Filho de Deus, não foi poupado de sofrimento. Seu suplício angustiante frente ao flagelo da cruz reporta-nos a refletir sobre o que Ele passou para cumprir seu propósito salvífico.

Nisto, o Salmo de número 22 nos traz a revelação profética da exclamação do Salvador na cruz: “*Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste? Por que estás tão longe de salvar-me, tão longe dos meus gritos de angústia?*”¹⁴⁷. Deus não teve prazer no sofrimento de Seu Filho. Jesus é o próprio Deus encarnado, tomando sobre si o pecado e sofrimentos da humanidade, coisa que homem algum jamais poderia fazer. Sobre isso Silva contribui:

*A quenosé do Filho é a contrapartida da espiral da violência histórica da humanidade e, ao mesmo tempo, sua solubilidade. Ele se fez carne, se fez homem, se esvaziou, se deixou violentar, porque escolheu nos amar, não nos ferir, não nos abandonar jamais, mesmo sofrendo em si mesmo o abandono do Pai. Nisto reside o paroxismo da empatia divina plena pela humanidade, a revelação máxima do pathos inédito de Deus pelo homem.*¹⁴⁸

Entender Deus em meio à dor e ao sofrimento, não é tarefa fácil para a grande maioria, é um desafio compreender que um Deus de amor permite seus filhos passarem por situações de sofrimento, principalmente quando esse sofrimento é decorrente da perda de entes queridos, ou, quando a vida está em

¹⁴⁶ BÍBLIA, Jó 19.25. *Nova Versão Internacional*.

¹⁴⁷ BÍBLIA, Salmo 22.1. *Nova Versão Internacional*.

¹⁴⁸ SILVA, Sidnei. *Da Violência ao Amor Vulnerável*. Disponível em: <<https://plataforma.bibliotecabiblos.com.br/ebooks/religio-e-violncia-na-frica-romana-agostinho-e-os-donatistas-150/39>>. Acesso em: Setembro de 2021.

risco, e o ser humano se encontra entre a vida e a morte, pensar na brevidade da vida e o quanto, na verdade, ela nunca esteve sob nosso domínio. Veja o que o profeta Isaías relata:

Que aflição espera quem contesta o seu criador! Acaso o pote de barro discute com o oleiro? O barro argumenta com aquele que lhe dá forma e diz: - Você não está fazendo direito! Ou exclama: - Você não sabe trabalhar!? Que terrível seria se uma criança dissesse ao pai: - Por que você me gerou? E à mãe: - Por que me trouxe ao mundo?¹⁴⁹

Tragédias acontecem no decorrer de toda história. No momento, o ser humano padece com as consequências da pandemia. Em 2001, o mundo parou com o atentado às torres gêmeas nos Estados Unidos, destruindo o *World Trade Center*, há poucos dias, o Talibã toma novamente o poder no Afeganistão. Isso sem falar em pessoas morrendo todos os dias nos corredores dos hospitais, em acidente de trânsito, entre outros acontecimentos.

Quando o ser humano se vê em uma situação fora de seu controle, a probabilidade de pensar em Deus é muito maior. A dor não escolhe hora nem lugar, e torna-se muitas vezes o caminho de condução a Deus, um caminho onde todos são iguais. Diante da dor não existe etnia, classe social ou intelectual. Nesse caminho, caem por terra o orgulho, a arrogância e a prepotência. Não obstante, para muitos se torna o único caminho o qual os revelará o Deus que ama incondicionalmente.

2. DEUS, O SOFRIMENTO E O ARBÍTRIO HUMANO

¹⁴⁹ BÍBLIA, Isaías 45.9-10. *Nova Versão Transformadora*.

2.1 Ressignificando a soberania de Deus

Em todo o contexto de caos e calamidade, entende-se que o mal está presente, revelando o quão limitado é o homem em sua vida, necessitando amparar-se em algo mais elevado. Através da religião, encontra-se esse caminho, o caminho que leva a Deus, ou a um deus. Porém, para algumas linhas de pensamento religioso, como o deísmo, Deus é definido como um ser tão supremo, que não se preocupa com os problemas humanos.

O deísmo é a doutrina de uma religião racional ou natural, não fundamentada na revelação histórica, como é comum entre religiões positivas, tais quais o Islamismo ou Cristianismo, mas a manifestação natural de Deus à razão humana. No entanto, alguns pensadores cristãos aceitavam o deísmo por acreditarem que a religião natural e o cristianismo seriam a mesma coisa. Contudo, a maioria dos deístas consideram a religião revelada (que, naturalmente faz oposição à religião natural) como mera ficção. No final do século XVIII, o termo passou a significar a crença em um “Deus ausente”, que criou o mundo, estabeleceu suas leis e foi embora, deixando o mundo funcionando em seus mecanismos e ordens. Essa característica divina é frequentemente relacionada com o ofício do relojoeiro que, ao concluir a fabricação de um relógio, não interfere mais em seu funcionamento. Muitos filósofos iluministas foram considerados deístas, dentre eles Voltaire (1694-1778) e Diderot (1713-1784).¹⁵⁰

Em conformidade com esse pensamento, cabe a cada indivíduo a busca por uma forma de melhorar o mundo e encontrar um sentido para a existência humana, sendo a dor e o sofrimento frutos do acaso e não ações do mal, ou mesmo, castigos divinos.

¹⁵⁰ SCHMAELTER, Matheus Maia, **Deísmo**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/religiao/deismo/>>. Acesso em: 02 dez. 2021.

Por estar na posição de soberano, Deus teria todo o direito de agir exatamente como tal pensamento, ou seja, ser indiferente ao sofrimento humano, pois sua posição O coloca acima de qualquer situação de obrigatoriedade ou submissão ao ser humano. Nisto, Fernandes, Luft e Guimarães conceituam o termo soberano:

Que ocupa o primeiro lugar; o mais elevado ou graduado em seu gênero; que se acha revestido de autoridade suprema; que exerce um poder supremo, sem restrição nem neutralização; absoluto; magnífico; supremo; dominador.¹⁵¹

A soberania divina é o oposto da soberania humana; enquanto soberanos da história subjugarão seus súditos e escravizaram os povos mais fracos, o soberano divino enviou seu filho para libertar a humanidade de seus pecados. O Apóstolo Paulo escreve aos romanos dizendo: “Mas Deus prova o seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores”.¹⁵²

O amor divino não diminui Sua soberania, e mesmo nas desolações da vida, a soberania divina está em ação e Sua vontade não é impedida. Nesse viés, Mesquita escreve:

Jó pasma ante a sua situação. Fatigado da sua luta, encontra apenas esta consolação: Se Ele resolveu alguma coisa, quem o poderá dissuadir? O que Ele deseja, isso fará. É um desabafo diante de Deus. Se Deus determinou o seu sofrimento, quem poderia ter palavra contra?¹⁵³

¹⁵¹ FERNANDES, Francisco; LUFT, P. Celso e GUIMARÃES, E. Marques. *Dicionário Brasileiro Globo*. São Paulo, 47 ed: Globo, 1997.

¹⁵² BÍBLIA, Romanos 5.8, *Revista e Corrigida*.

¹⁵³ MESQUITA, Antônio Neves de. *Estudo no Livro de Jó: uma interpretação do sofrimento humano*. Juerp, 1979. p. 118.

Por fim, o homem consegue enxergar o agir do amor divino em sua soberania, como no caso de Jó, Deus não o abandonou em seu sofrimento, antes mudou seu cativeiro, restaurando-lhes a saúde, seus bens e família.

2.2 O arbítrio humano

Em sua soberania, Deus concedeu ao homem o direito de escolha, chamando de livre arbítrio. Apesar de não estar bem certo do que realmente quer, o ser humano goza deste direito e colhe os frutos de suas escolhas.

O direito de escolha também abre precedentes para o infortúnio do erro, assim, o livre arbítrio conduz o homem tanto a praticar o bem quanto o mal, tanto a conhecer Deus quanto a rejeitá-lo. Nesse sentido, conclui-se que Deus respeita este princípio. Kreeft e Tacelli dizem que uma das maneiras pelas quais Deus poderia ter evitado que a humanidade cometesse pecado seria não conceder o livre arbítrio; criar animais em vez de seres humanos.¹⁵⁴

Existe um ditado popular que diz: “Há males que vem para o bem”. Na caminhada humana, situações ajudam nas decisões, e esse é o caso de alguns infortúnios na vida, pois nem sempre tais situações serão agradáveis. Diante do exposto, pessoas se apegam a Deus, enquanto outras se revoltam contra Ele, contudo isso não muda a responsabilidade humana perante seu livre arbítrio, já que a semeadura é opcional, mas a colheita é inevitável. Guerra comenta que:

O uso do pensamento é uma das principais características do ser humano, pois a faculdade de pensar é livre, dado que não há barreiras para ela. Porém, ainda que haja liberdade de pensamento, é preciso investigar como a liberdade é resultado

¹⁵⁴ KREEFT, Peter e TACELLI, Ronald K. *Manual de defesa da fé, apologética cristã*. Trad. Bruno Destefani e Maria Eugênia da Silva Fernandes. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2015. p. 189.

das escolhas e até que ponto o homem, sozinho, é capaz de encontrar sua natureza e refletir sobre seus atos.¹⁵⁵

Não se pode culpar Deus a respeito dos males que assolam a humanidade. A transmissão da culpa começou com Adão e Eva no Jardim e continua em meio às nações da terra. As pessoas fazem suas escolhas e, quando algo sai errado, transmitem a culpa. Padre Fábio de Melo, em diálogo com o historiador ateu Leandro Karnal, certifica:

A pessoa nasceu num determinado lugar, acreditou em Deus a partir da experiência de outras pessoas, de elementos culturais que lhe foram oferecidos. Nem sempre as pessoas tiveram contato com uma hermenêutica esclarecedora dos textos bíblicos. Acreditaram a partir de interpretações equivocadas, marcadas por um liberalismo que as privou de chegar ao contexto original do texto, e consequentemente, ao significado que ele pode oferecer nos dias de hoje.¹⁵⁶

Fato é que as consequências do pecado são evidentes, e a maldade domina a muitos corações através da ganância, do orgulho, do descaso social, do mau uso dos recursos naturais, gerando um desequilíbrio da natureza, a qual demonstra isso através das doenças que desenvolvem em corpos afetados e contaminados pela poluição. O mau uso de pesticidas e tantas outras coisas geram desequilíbrio em nosso planeta.

Desse modo, como um ser social, o homem goza do livre arbítrio, todavia ao entregar sua vida a Cristo esse livre arbítrio, de certa forma, deixa de existir

¹⁵⁵ GUERRA, Fabíola Soares. *O livre arbítrio e o mal numa abordagem Agostiniana*. Disponível em: <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=94387>. Acesso em: 18 out. 2021.

¹⁵⁶ MELO, Pe Fábio e KARNAL, Leandro. *Crer ou não Crer*. São Paulo: Planeta, 2017. P. 120.

para essa pessoa, a qual não cumpre mais suas vontades e paixões humanas, no entanto passa a viver a vontade de Deus para sua vida, negando-se a si mesma a cada dia, deixando de viver o natural para experimentar o sobrenatural de Deus.

2.3 A atuação de Deus em momentos de angústia e sofrimento

Acerca da pandemia da COVID-19 bem como o pós-pandemia, questionamentos ainda estão latentes em muitos corações. Deus teria virado as costas para a humanidade? Quantas vezes as pessoas se deparam com situações difíceis e, justamente nestas situações, acabam tendo uma percepção sobre Deus nunca experimentado.

As incertezas e a falta de comunhão com um Deus tão poderoso geram uma mente inconstante e vacilante frente aos acontecimentos desagradáveis na vida. A isso soma-se uma incontável lista para colocar na conta de Deus. Fato é que, um grande problema assola o mundo desde o princípio, o problema do mal. Gooding e Lennox discorrem:

[...] o sofrimento vem sobre nós de duas fontes distintas. Uma fonte é o mal pelo qual o próprio homem é diretamente responsável... A outra fonte de sofrimento são as catástrofes naturais... Seja de uma fonte ou de outra, o sofrimento desafia fortemente a fé em Deus. [...] ¹⁵⁷

Deus jamais desamparou alguém, está sempre pronto a atender e ajudar a qualquer que lhe pedir e aceitar sua ajuda. Justamente em meio ao sofrimento, faz-se necessário o exercício da fé para assim crer nas promessas registradas na Bíblia, tal qual a que está registrada no livro do profeta Isaías:

¹⁵⁷ GOODING, David e LENNOX, John. *Cristianismo, o Ópio do Povo?* Trad. Sabrina Lopes Furtado. Porto Alegre: A Verdade, 2013. p.73-74.

Pode uma mulher esquecer-se tanto do filho que cria, que se não compadeça dele, do filho do seu ventre? Mas, ainda que essa se esquecesse, eu, todavia, me não esquecerei de ti.¹⁵⁸

Segue abaixo um impressionante relato de alguém que, em meio ao desespero e à dor, mesmo não sendo cristã, teve uma percepção sobre Deus a qual lhe fez tomar uma decisão que mudaria por completo sua vida:

No momento em que os 110 andares da Torre Norte desabaram, deixando milhares de mortos, Genelle Guzman-McMillan descia a escada de incêndio e ainda tinha 13 andares pela frente até que pudesse deixar o prédio. Foram mais de 26 horas presa aos escombros sem poder se mover e implorando por uma nova chance. Às 12:30 do dia seguinte, um improvável final feliz: Genelle se tornava a última vítima sobrevivente do pior ataque estrangeiro em solo americano da história dos EUA. Para todas as perguntas, ela escolheu uma única resposta: Deus. “O 11 de setembro me ensinou que nunca estamos no controle. Estou aqui para provar que nada acontece no nosso tempo, tudo é no tempo Dele”. Afirmou Genelle.¹⁵⁹

Os momentos de vulnerabilidade também são os momentos de fortaleza, em que os cuidados de Deus se manifestam e o impossível acontece. Quando todas as esperanças e expectativas se acabam, o milagre de Deus acontece. Na vida do desafortunado Jó, é Deus quem muda seu destino.

A confiança em Deus leva o homem a acreditar no inacreditável, mesmo em meio a circunstâncias adversas, em momentos de angústia e sofrimento Deus está pronto a atender, como relata Cabral:

¹⁵⁸ BÍBLIA, Isaías 49.15. *Revista e Corrigida*.

¹⁵⁹ BÍBLIA.COM.BR. Disponível em: <<https://biblia.com.br/perguntas-biblicas/11-de-setembro-ultimas-palavras-de-vitimas-11-anos-da-tragedia>>. Acesso em: 03 set. 2021.

A confiança de Abraão de que Deus faria alguma coisa que ele mesmo não poderia imaginar deu-lhe força para continuar a subida até o alto do monte. É natural que tenhamos dificuldades para entender as coisas espirituais, mas o Senhor conhece a nossa estrutura e sabe “que somos pó” (Sl 103.14). Mas Ele nos fortalece interiormente para que não duvidemos de seu caráter.¹⁶⁰

A certeza de que existe um Deus que cuida, eleva a qualidade de vida das pessoas, as quais encontram esperança em meio às adversidades.

3. PERCEPÇÕES CRISTOLÓGICAS ACERCA DE DEUS

3.1 Como Cristo percebia Deus

Cristo, o verbo encarnado, manteve uma estreita comunhão com Deus e chamava-o de Pai, ele não percebia Deus a partir das circunstâncias da vida como adversidade e tranquilidade, fartura e pobreza, saúde e doença. Mesmo em situações difíceis, Cristo tinha a certeza de que o Pai estava com Ele.

A cada passo dado por Jesus sobre a terra, vê-se que ele cumpriu o seu propósito de anunciar o reino dos céus à humanidade, manifestou o amor de Deus através de seus atos de bondade, sabedoria e mansidão. A percepção de Cristo sobre Deus sempre ficou muito clara aos olhos de todos. Kreeft e Tacelli escrevem:

Huston Smith declarou em seu livro *The World's Religions* (Religiões Mundiais) que apenas duas pessoas surpreenderam seus contemporâneos, levando-os a perguntar não quem é ele, mas sim o que é ele. Essas duas pessoas foram Buda e Jesus. A resposta dada por um foi exatamente oposta a do outro. Buda afirmou claramente que não era Deus, mas apenas um

¹⁶⁰ CABRAL, Elienai. *O Deus de toda provisão, Esperança e sabedoria divina para a Igreja em meio às crises*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016. p. 49

homem – talvez antevendo a disposição de alguns para adorá-lo. Jesus em contrapartida, afirmou de várias maneiras que era Deus. A identidade de Jesus advém de dados teológicos, contidos nos quatro evangelhos, nos quais vemos as declarações que Cristo fez de si mesmo e o que outras pessoas disseram sobre Ele. Nos quatro evangelhos, essas declarações são muito fortes. Jesus disse ser o Filho de Deus e ter a mesma natureza de Deus. Um filho tem a mesma natureza, a mesma espécie, a mesma essência de seu pai. Jesus disse que Deus era seu Pai: *Eu e o Pai somos um* (Jo 10.30). *Quem me vê, vê o Pai* (Jo 14.9).¹⁶¹

Cristo percebia Deus através da ótica espiritual, a ótica da fé, e da relação que tinha como pai e filho. Não o via apenas como um soberano distante e ocupado demais para importar-se com a humanidade, mas sim como um Deus presente, amoroso e compassivo. Cristo provou isso passando, Ele mesmo, por angústias e aflições humanas. Sofreu física e psicologicamente um sofrimento atroz, revelando o amor de Deus presente para o amparar nesses momentos difíceis.

Apesar de sofrimentos e rejeições que sofreu, Cristo não culpava Deus em momento algum. No evangelho de João, está registrado o que Cristo afirmou em relação ao momento de sua crucificação:

Eis que chega a hora, e já se aproxima, em que vós sereis dispersos, cada um para sua casa, e me deixareis só, mas não estou só, porque o Pai está comigo. Tenho-vos dito isso, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo; eu venci o mundo.¹⁶²

¹⁶¹ KREEFT, Peter e TACELLI, Ronald K. *Manual de defesa da fé, apologética cristã*. Trad. Bruno Destefani e Maria Eugênia da Silva Fernandes. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2015. p. 227.

¹⁶² BÍBLIA, João 16.32-33, Bíblia de Estudo do Líder Pentecostal. *Revista e Corrigida*.

O exemplo máximo da correta percepção de Deus está em Cristo. O homem só compreende Deus quando o vê através da cruz, a cruz é o prisma que dissipa as trevas que ofusca a ótica humana, revelando o verdadeiro amor de Deus, manifestado e presente em todos os momentos.

A percepção do homem referente a Deus é limitada, muitos são os que nem mesmo acreditam que Deus existe, mas sua maior prova de existência foi a encarnação de Jesus Cristo, o Filho de Deus. O Pai estava se revelando através do Filho, o escritor aos Hebreus nos elucidou o seguinte:

Antigamente, por meio dos profetas, Deus falou muitas vezes e de muitas maneiras aos nossos antepassados, mas nestes últimos tempos ele nos falou por meio do seu Filho [...] ¹⁶³

O Filho revelava o Pai com tamanha propriedade devido ao seu íntimo relacionamento. Em suas ações e palavras, Cristo revelava Deus para a humanidade, de uma forma que nenhuma outra religião fizera; Ele falou e deu provas de sua divindade através dos milagres que fazia e da forma como tratava as pessoas.

3.2 A relação de Cristo com Deus

Deus confiou uma tarefa a Cristo: a de salvar a humanidade de seus pecados, em contrapartida Cristo caminhou nesse mundo em uma relação de confiança com o Pai. Relacionamento requer confiança, e confiança precisa ser conquistada. Confiar é acreditar, entregar a responsabilidade ou cuidados a alguém. Entretanto isso não o privou de sofrer; não há relação entre intimidade com Deus e uma vida sem sofrimento. Visto ter Cristo morrido de morte indigna e humilhante.

¹⁶³ BÍBLIA, Hebreus 1.1-2, *Nova Versão na Linguagem de Hoje*.

Paulo escreve aos filipenses acerca da abnegação de Cristo:

De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até a morte e morte de cruz.¹⁶⁴

Assim como a percepção de Cristo a respeito de Deus não estava pautada nas situações, seu relacionamento também não. Cristo não dependia de circunstâncias para se relacionar com Deus. Estivesse no templo, nas casas, nas ruas de Jerusalém ou de alguma aldeia de samaritanos, Ele mantinha seu relacionamento de confiança e amor com o pai.

Em pesquisa realizada na Argentina, Deiros nos revela um padrão humano de relacionamento e confiança em Deus:

Em resposta à pergunta “O que significa Deus para você?”, 65% dos 2.285 entrevistados que se declararam crentes, o declararam como um ser alheio à vida cotidiana (“um ser superior” 37%; e “o criador do mundo” 28%). Apenas 21% reconhecem no Deus em que crê um Pai; e 0,3% como amor. Diante da pergunta “Quando recorre a ele?”, os entrevistados responderam: quando sofrem ou necessitam de ajuda (60%); quando refletem sobre o sentido da vida (12,8%) em momentos de felicidade (10,2%). Apenas 0,5% destes buscam a Deus para agradecer, e 3,3% durante os dias de festividades religiosas.¹⁶⁵

Essa é uma das realidades mundiais do homem e seu relacionamento com Deus e, por certo, um estilo de vida que Cristo não seguiu, pois a bíblia nos revela

¹⁶⁴ BÍBLIA, Filipenses 2.5-8, Bíblia de Estudo do Líder Pentecostal. *Revista e Corrigida*.

¹⁶⁵ DEIROS, Pablo A. *O mundo religioso Latino-Americano*. Trad. Reginaldo Souza. São Paulo: Vida, 2021. p. 438.

que Cristo viveu uma vida de completa dependência e submissão a Deus, mesmo que isso o levasse a sofrer, como nos relata Lucas:

E apartou-se deles cerca de um tiro de pedra; e, pondo-se de joelhos, orava, dizendo: Pai, se queres, passa de mim este cálice; todavia, não se faça a minha vontade, mas a tua. E apareceu-lhe um anjo do céu, que o confortava. E, posto em agonia, orava mais intensamente. E o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue que corriam até ao chão.¹⁶⁶

No ápice de sua missão, Cristo mostra que seu relacionamento com Deus era muito profundo, a ponto de chamá-lo de Pai, e na hora de sua morte disse: *“Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.”*¹⁶⁷ Entregar algo para alguém requer uma relação de confiança, ao que o salmista Davi nos diz: *“Entrega o teu caminho ao Senhor; confia nele, e ele tudo fará.”*¹⁶⁸

CONCLUSÃO

A bíblia não é apenas mais um livro para fazer parte de uma biblioteca, ela é a bússola do viajante, dá o rumo certo a todo aquele que deseja chegar até Deus. Tudo o que sabemos sobre Deus, Ele mesmo nos revelou através de sua Palavra. Wenham explana:

A Bíblia nos apresentou um Deus pessoal, que cria e sustenta, revela e inspira, governa e julga, ama e salva. Deus criou o mundo. O mundo é totalmente dependente dele, mas Deus é totalmente independente do mundo. De modo algum se pode identificar Deus com o mundo que criou. Por outro lado, Deus está em todo lugar, e a criação existe apenas por Sua vontade.

¹⁶⁶ BÍBLIA, Lucas 22.41-44, Bíblia de Estudo do Líder Pentecostal. *Revista e Corrigida.*

¹⁶⁷ BÍBLIA, Lucas 23.46, Bíblia de Estudo do Líder Pentecostal. *Revista e Corrigida.*

¹⁶⁸ BÍBLIA, Salmos 37.5, Bíblia de Estudo do Líder Pentecostal. ***Revista e Corrigida.***

Ele ordena todas as coisas “conforme o conselho da sua vontade”.

[...] O Espírito de Deus não apenas inspira o profeta quando afirma “Assim diz o Senhor”, mas também dirige os escritores da Bíblia. São quase mil páginas repletas de palavras: palavras de Deus, palavras a respeito de Deus, palavras sobre o povo de Deus ou sobre as obras de Deus. E o que teve início no Antigo Testamento, tem continuidade no Novo.¹⁶⁹

Através da Bíblia Sagrada, o ser humano conhece a Cristo, o verbo encarnado, e este apresenta Deus à humanidade, a revelação especial. Contudo, a maneira como Cristo revelou Deus foi e ainda é muito mais profunda, real e humana. Ele se fez carne e habitou entre nós, sofreu afrontas e perseguições, chegando ao ponto de sua morte, uma morte indigna, de cruz.

Os evangelhos trazem uma visão panorâmica da vida e ministério de Cristo, em que Ele nos apresentou não um Deus vingativo e irado com a humanidade, a ponto de castigá-la, mas um Deus de amor e compaixão. Apesar do pecado e Satanás serem agentes promotores do mal no mundo, Deus não está indiferente a tudo o que aconteceu e ainda está acontecendo.

Deus não está na guerra, no holocausto, nos desabamentos e incêndios. Deus não está no vírus, na doença, na pandemia ou na morte, pelo contrário, Deus não é um agente da morte, e sim da vida. A ação de Deus em meio à pandemia se concentra na promoção da vida. É possível ver a ação de Deus através dos médicos e profissionais da saúde que se doam para atender e cuidar daqueles que estão fragilizados pela doença, no caso da COVID-19, nos bombeiros, equipes de

¹⁶⁹ WENHAM, John W. *O enigma do mal, podemos crer na bondade de Deus?* Trad. Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1989. p.182-183.

resgate, familiares e amigos, ainda que suas próprias vidas estejam sendo postas em risco em favor dos necessitados.

Deus, em sua natureza, não tem necessidade alguma, nem tampouco precisaria importar-se com a humanidade, porém Ele não apenas se importa como também ama. João deixa claro:

Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.¹⁷⁰

Cristo revelou um Deus e um Pai, aquele que se preocupa com o bem-estar de seus filhos, aquele que detém o poder em suas mãos. O mal não o pode atingir, pois Ele é inatingível. E, mesmo sendo tão sublime e poderoso, tendo seu trono no céu e a terra como estrado de seus pés, é possível a qualquer um que, através da fé, deseja aproximar-se dele, como nos relatou João:

Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim. Se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai; e já desde agora o conheceis e o tendes visto.¹⁷¹

Assim como Cristo dirigiu-se a Deus, fosse para agradecê-lo pelo alimento ou suplicar o seu favor para qualquer que necessitasse dele, também aos homens é dada essa oportunidade para acreditar que, mesmo em meio às maiores adversidades, existe um Deus que está sempre disposto a cuidar e a nos amar.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA, *Nova Versão Internacional*. São Paulo, 2ª ed: Vida, 2003.

¹⁷⁰ BÍBLIA, João 3.16-17, Bíblia de Estudo do Líder Pentecostal. Revista e Corrigida.

¹⁷¹ BÍBLIA, João 14.6-7, Bíblia de Estudo do Líder Pentecostal. Revista e Corrigida.

BÍBLIA, *Nova Versão Transformadora*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BÍBLIA, de Estudo do Líder Pentecostal. *Revista e Corrigida*. São Paulo, 4ª ed: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BÍBLIA.COM.BR. Disponível em: < <https://biblia.com.br/perguntas-biblicas/11-de-setembro-ultimas-palavras-de-vitimas-11-anos-da-tragedia>>. Acessado em: 03 de Setembro de 2021.

CABRAL, Elienai. *O Deus de Toda Provisão*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

DEIROS, Pablo A. *O mundo religioso Latino-Americano*. Trad. Reginaldo Souza. São Paulo: Vida, 2021.

DEUSES GREGOS: *Origem e influencia na Grécia Antiga*. Disponível em: <https://www.concursosnobrasil.com.br/escola/historia/deuses-gregos-origem-e-influencia-na-grecia-antiga.html>. Acesso em: Setembro de 2021.

FERNANDES, Francisco; LUFT, P. Celso e GUIMARÃES, E. Marques. *Dicionário Brasileiro Globo*. São Paulo, 47 ed: Globo, 1997.

GOODING, David e LENNOX, John. *Conceitos-Chave da Bíblia*. Trad. Bruna Luiza Becker. Porto Alegre: A Verdade, 2012.

GOODING, David e LENNOX, John. *Cristianismo, o Ópio do Povo?*. Trad. Sabrina Lopes Furtado. Porto Alegre: A Verdade, 2013

GUERRA, Fabíola Soares. *O livre arbítrio e o mal numa abordagem Agostiniana*. Disponível em: <<https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=94387>>. Acessado em: 18 de outubro de 2021.

KREEFT, Peter e TACELLI, Ronald K. *Manual de defesa da fé, apologética cristã*. Trad. Bruno Destefani e Maria Eugênia da Silva Fernandes. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2015.

MARQUARD, Udo. *Albert Einstein tinha fé, mas abominava a submissão ao fervor religioso*. 2018. Disponível em: <http://www.tribunadainternet.com.br/albert-einstein-tinha-fe-mas-abominava-a-submissao-ao-fervor-religioso/>. Acesso em: 31 de Agosto de 2021.

MELO, Pe Fábio e KARNAL, Leandro. *Crer ou não Crer*. São Paulo: Planeta, 2017.

MESQUITA, Antônio Neves de. *Estudo no Livro de Jó: uma interpretação do sofrimento humano*. Juerp, 1979.

SCHMAELTER, Matheus Maia, *Deísmo*. Disponível em: <https://www.infoescola.com/religiao/deismo/>. Acesso em: 02 de dezembro de 2021.

SILVA, Sidnei. *Da Violência ao Amor Vulnerável*. Disponível em: <https://plataforma.bibliotecabiblos.com.br/ebooks/religio-e-violncia-na-frica-romana-agostinho-e-os-donatistas-150/39>. Acesso em: Setembro de 2021.

WENHAM, John W. *O enigma do mal, podemos crer na bondade de Deus?* Trad. Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1989.

ANÁLISE DO MINISTÉRIO DOE SUAS FÉRIAS PARA CRISTO A PARTIR DA PERSPECTIVA TEÓRICA DA MISSÃO E DO PENTECOSTALISMO

Claiton Ivan Pommerening¹⁷²

Norival David Rosa Netto¹⁷³

RESUMO

O conceito de “Missão” é complexo e abrangente. Não somente através dos desdobramentos sociais, culturais e históricos da igreja, bem como através de suas origens nas páginas da Bíblia. Este texto tem por objetivo analisar, a partir dos diversos conceitos de Missão, Pentecostalismo e suas intersecções, o Ministério Doe Suas Férias para Cristo. Programa este de cunho missiológico, evangelístico, cultural e social, focado na faixa etária mais jovem, entre 15 e 30 anos. Estas análises foram feitas a partir de entrevistas e levantamentos de dados estatísticos recolhidos dos próprios participantes do programa.

PALAVRAS-CHAVES: Missão, missionário, Pentecostalismo, Doe Suas Férias para Cristo.

ABSTRACT:

The concept of “Mission” is complex and comprehensive. Not only through the social, cultural and historical developments of the church, as well as through its origins in the pages of the Bible. This present work aims to analyze, from the various concepts of Mission, Pentecostalism and their unions, the Doe Suas Férias para Cristo Project. This project is missiological, evangelistic, cultural and social, focused on the younger age group, between 15 and 30 years old. These analyzes were carried out through interviews and statistical data collected from the participants of this project.

KEYWORDS: Mission, missionary, Pentecostalism, Doe Suas Férias para Cristo.

¹⁷² Doutor em Teologia pelas Faculdades EST. Diretor e professor da Faculdade Refidim. Pastor auxiliar na Assembleia de Deus em Joinville (SC). E-mail: claiton@ceeduc.edu.br.

¹⁷³ Graduando em Teologia – sétimo semestre. E-mail: norivaldavid@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Ao debruçar-se sobre a tarefa de uma pesquisa a respeito das influências, objetivos, razões e desdobramentos de um programa missionário, como o é o Doe Suas Férias para Cristo, é necessário primeiramente debruçar-se sobre a, simples e paradoxalmente complexa, tarefa de definir o termo Missão. A simplicidade aqui advém da definição mais básica que pode ser encontrada no dicionário de língua portuguesa Michaelis: “Tarefa que é dever de alguém realizar; encargo, incumbência.”¹⁷⁴ A complexidade vem do entendimento de como a Missão Bíblica, esta tarefa a ser realizada que provém das páginas bíblicas, alcança a comunidade de fé em seus caminhos. A complexidade novamente, pode não vir da definição de diversos autores, em si, mas do desenrolar das definições para o contexto que toca não somente os vários aspectos da tarefa, bem como as várias maneiras como a tarefa pode ser executada.

Para a construção do presente trabalho, boa parte das definições utilizadas do teólogo e missiólogo David J. Bosch¹⁷⁵, através do seu livro *Missão Transformadora*. De modo inicial, cabe aqui uma definição feita por Bosch a respeito do que é missão: A missão continua sendo uma dimensão indispensável da fé cristã e que, em seu nível mais profundo, seu propósito é transformar a realidade que a circunda. A missão, nesta perspectiva, é aquela dimensão de nossa fé que se recusa a aceitar a realidade como esta é e visa transformá-la.¹⁷⁶

Um aspecto da missão, a partir dessa definição e que será visto posteriormente através das realizações a respeito do Programa Doe Suas Férias Para Cristo é a sua multidimensionalidade, ou seja, ela não se coloca apenas dentro do aspecto da comunidade religiosa, das celebrações e cultos que ocorrem dentro dessa comunidade, mas sim de como as realidades exteriores aos

¹⁷⁴ MICHAELIS. *Missão*. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=miss%C3%A3o>>. Acesso em: 17 mar. 2021.

¹⁷⁵ David J. Bosch foi um Doutor, Professor, Missiólogo e Teólogo Sul-Africano. Doutor em Novo Testamento pela Universidade da Basileia, Professor de Missiologia na Universidade da África do Sul (1971-1991), Decano da Faculdade de Teologia (1974-1977, 1981-1987), Secretário Geral da Sociedade Missiológica Sul-Africana (1968-1991), Editor e criador da Revista *Missionalia* (1973-1991), Presidente Nacional da Assembleia de Lideranças Cristãs da África do Sul (1979), Presidente da Iniciativa Nacional pela Reconciliação (1989-1991), além de autor prolífico, palestrante e fluente em 5 idiomas.

¹⁷⁶ BOSCH, David J. *Missão Transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. 3. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1998. 690 p.

ambientes majoritariamente religiosos (igrejas, seminários, etc.) podem ser transformadas, sejam de forma social, cultural, psicológica e espiritual, através de uma real compreensão da Missão e de sua tarefa. Diante disso Bosch discute: As pessoas a serem evangelizadas encontram-se, com outros seres humanos, sujeitas a condições sociais, econômicas e políticas deste mundo. Nessa perspectiva, a igreja é “o povo de Deus no acontecimento mundial” e a “comunidade para o mundo”.¹⁷⁷

Neste aspecto Bosch¹⁷⁸ reforça ainda a ideia de que um fundamento inadequado para a missão e motivos e metas missionários ambíguos estão fadados a acarretar uma prática missionária insatisfatória.

1. MISSÃO: DEFINIÇÕES E EXIGÊNCIAS A PARTIR DE DAVID J. BOSCH

Uma das críticas feitas por Bosch ao empreendimento e compreensões modernas da missão é o fato do sucesso de tal “missão” constituir-se como fundamento da mesma¹⁷⁹. Isso implica dizer que os resultados são o alvo e não a consequência do esforço missionário.

Para que tal erro não ocorra é necessário buscar um lugar adequado como fundamento para que estas e outras ideias equivocadas não criem mais corpo na compreensão de missão. Este lugar adequado provém de um entendimento mais aprofundado da narrativa bíblica, principalmente a respeito de Jesus, sendo esse o ponto mais importante para um fundamento adequado para as definições posteriores. Bosch declara que uma tarefa crucial para a igreja hoje é verificar continuamente se sua “compreensão de Cristo corresponde à compreensão das primeiras testemunhas.”¹⁸⁰

A partir de Cristo é possível perceber o *modus operandi* do que é evangelho e consequentemente missão, como exemplificado por Bosch. Harnack [...] através de uma pesquisa meticulosa, reconstituiu um quadro notável do engajamento dos cristãos primitivos com os pobres, órfãos, viúvas, doentes, mineiros, prisioneiros, escravos e viajantes. “A nova linguagem nos lábios dos

¹⁷⁷ BOSCH, 1998, p. 453.

¹⁷⁸ BOSCH, 1998, p. 22.

¹⁷⁹ BOSCH, 1998, p. 23.

¹⁸⁰ BOSCH, 1998, p. 41.

cristãos”, resume ele, “era a linguagem do amor”. Esse era um “evangelho social” na melhor acepção da palavra, e era praticado não como estratégia para atrair gente de fora para a igreja, mas simplesmente como expressão natural da fé em Cristo.¹⁸¹

Não convém para o presente trabalho apresentar em minúcias as definições exegéticas a partir das quais é possível aprofundar a investigação a respeito de uma definição de missão mais bem fundamentada. No entanto, para que se possa oferecer um perfil do que é missão e do que ela requer, utilizar-se-á o método de análise de Bosch a partir de seis eventos salvíficos relevantes descritos no Novo Testamento. São estes: (1) a Encarnação; (2) a Cruz; (3) a Ressurreição; (4) a Ascensão; (5) o Pentecostes; e (6) a Parousia. Se partirá para uma análise mais de cada um desses eventos em vistas de uma melhor compreensão da missão, tendo como força motriz a pessoa de Jesus Cristo.

O primeiro evento é o da Encarnação de Cristo como ser humano, a respeito disso Bosch declara que houve um entendimento de que: A missão cristã em termos do Cristo encarnado, do Jesus de Nazaré humano que, exausto, trilhou os caminhos poeirentos da Palestina, onde se compadeceu das pessoas que estavam marginalizadas. Ele também se encontra ao lado dos que sofrem nas favelas do Brasil e das pessoas descartadas nas áreas de reassentamento na África do Sul.¹⁸²

Esse evento tem como propósito enxergar um Jesus que sendo humano não alienou-se dos aspectos sociais e políticos do seu tempo, indicando com isso um caminho a ser seguido a partir de sua atuação. Uma igreja que não olha para um evangelho da prática da solidariedade é uma igreja com uma “compreensão idealista de si mesma”.

O segundo evento é o da paixão e crucificação de Jesus. Evento este considerado determinante para a resposta da essência do evangelho. O Deus que em forma humana morre por aqueles que não mereciam e lhes concede expiação, salvação e vida eterna com Ele.

No entanto, cabe salientar que a sua “paixão” não se iniciou no evento da cruz, mas antes, no seu nascimento. O ato salvífico de sacrifício ocorre já em sua *kenosis*, ou seu esvaziamento.

Sobre tal evento Bosch discorre que “As cicatrizes do Senhor ressurreto não apenas comprovam a identidade de Jesus; elas igualmente são um modelo a

¹⁸¹ HARNACK, 1962, p. 149 apud BOSCH, 1998, p. 72.

¹⁸² BOSCH, 1998, p. 611.

ser emulado pelas pessoas a quem ele outorgou essa incumbência: “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (Jo 20.21)”.¹⁸³ Nisso, reside a importância missionária da cruz. “O sofrimento representa a maneira como Deus age na história(...) A missão da igreja no mundo também é sofrer (...) é participar da existência de Deus no mundo”¹⁸⁴

O terceiro evento é o da ressurreição. A história não termina na morte de Cristo na cruz, antes têm seu triunfo no retorno de Cristo dos mortos. Esse evento representava para as primeiras comunidades cristãs seu maior testemunho, de que o Cristo Ressurreto era sinal de celebração, de resposta às dificuldades, de triunfo sobre a morte e sobre os inimigos, pois o seu Deus havia vencido todas estas coisas.

Em termos missiológicos, Bosch entende que: Isso significa, em primeiro lugar, que o tema central da nossa mensagem missionária é a ressurreição de Cristo, e que, em segundo lugar e por consequência, a igreja é chamada a viver a vida da ressurreição no aqui e agora e a ser um sinal de oposição às forças da morte e da destruição.¹⁸⁵

A ascensão, quarto evento constituinte das marcas missionárias de Cristo para e com sua igreja é para Bosch, “preeminentemente, o símbolo da entronização do Cristo crucificado e ressurreto - ele agora governa como Rei.”¹⁸⁶ Diante disso, aqueles que se entregam ao reinado de Cristo devem fazê-lo compreendendo que este Reino não ocorre apenas dentro das comunidades religiosas mas sim em todo o mundo e em todos os seus aspectos. Cristo é o Rei que governa sobre tudo e sobre todos e este é o foco da mensagem daqueles que compartilham deste reinado.

Para Bosch, a missão neste ângulo: Significa que deveria ser natural para os cristãos terem um compromisso com a justiça e a paz no âmbito social. O reinado de Deus é real, embora ainda incompleto. Não iremos inaugurá-lo, mas podemos ajudar a torná-lo mais visível e mais tangível. Neste mundo injusto, somos vocacionados a ser uma comunidade das pessoas comprometidas com os valores do reinado de Deus.¹⁸⁷

¹⁸³ BOSCH, 1998, p. 612.

¹⁸⁴ SCHUTZ, 1930, p. 245 apud BOSCH, 1998, p. 612.

¹⁸⁵ BOSCH, 1998, p. 614.

¹⁸⁶ BOSCH, 1998, p. 614.

¹⁸⁷ BOSCH, 1998, p. 614.

O quinto evento constitui-se no Pentecostes, sendo este o momento bíblico marcante sobre a descida do Espírito Santo com grande poder e ousadia para testemunho. Principalmente no que tange o aspecto da Missão Pentecostal haverá um tópico mais adiante discorrendo especificamente sobre o assunto.

No entanto, para o tratado missiológico a respeito do Pentecostes, Bosch declara o “Espírito Santo como o Espírito da ousadia (parresia) em face da adversidade e da oposição.”¹⁸⁸ Além disso, Bosch continua dizendo que a era do Espírito é também a era da Igreja. E citando Moltmann, Bosch conclui que a “igreja no poder do Espírito é ela mesma parte da mensagem que proclama.”¹⁸⁹

Por último, Bosch utiliza o evento da *parousia*, a expectativa da segunda vinda de Cristo como aspecto fundante da missão. Ele esclarece que “Em uma escatologia genuína, a visão do derradeiro reinado divino de justiça e paz serve como um magneto poderoso - não porque o presente seja vazio, mas exatamente porque o futuro de Deus já o adentrou”.¹⁹⁰ A evangelização e a ação missionária da igreja torna-se sinal de esperança e expectativa para a nova terra, a nova humanidade e o reinado de Deus.

Não se pode ver com isso cada evento desse separado um do outro. Para Bosch, “em nossa missão, proclamamos o Cristo encarnado, crucificado, ressurreto, e exaltado, presente entre nós no Espírito e conduzindo-nos para o seu futuro.”¹⁹¹

De modo conclusivo, dessa porção inicial, a missão pode ser vista como a participação do ser humano, da comunidade na missão conduzida pelo próprio Cristo. Ela é, para Bosch, “a boa nova do amor de Deus, encarnado no testemunho de uma comunidade, em prol do mundo.”¹⁹²

2. MISSÃO E PENTECOSTALISMO

É inevitável falar de Pentecostalismo e sua associação com a Missão diante do tema abordado neste trabalho, dado o fato de que o Programa Doe Suas Férias para Cristo teve início dentro de uma comunidade religiosa de orientação

¹⁸⁸ BOSCH, 1998, p. 615.

¹⁸⁹ MOLTSMANN, 1977 apud BOSCH, 1998, p. 615.

¹⁹⁰ BOSCH, 1998, p. 616.

¹⁹¹ BOSCH, 1998, p. 617.

¹⁹² BOSCH, 1998, p. 619.

Pentecostal e mais adiante, as cidades e igrejas para os quais o Programa se desdobrou também seguem uma linha denominacional Pentecostal.

Um último argumento para a necessidade de falar a respeito de Pentecostalismo e Missões é o fato que será visto mais adiante, das experiências dos líderes do Programa e dos participantes envolverem, em alguns casos, modos sobrenaturais de ação divina. Entende-se que a manifestação sobrenatural parte primordialmente de uma consciência aberta a esse tipo de experiência, como é o caso do Pentecostalismo.

Como bem discorre o autor Paul A. Pomerville¹⁹³, “O pentecostalismo enfatiza o fato de que a teologia é uma disciplina prática relacionada à experiência cristã e às atividades de homens e mulheres engajados em missões.”¹⁹⁴

2.1. Pentecostalismo

Para uma compreensão dos termos Pentecostal ou Pentecostalismo, é necessária uma compreensão do seu surgimento e dos caminhos que levaram ao uso destes termos para uma comunidade religiosa ou grupos em particular. Segundo o autor César Moisés de Carvalho¹⁹⁵ “a palavra “Pentecostes” [do grego *Penteekostos*] no sentido literal do termo significa quinquagésimo.”¹⁹⁶ Diante disso ele explica que “Pentecostes era a segunda das três principais festividades

¹⁹³ Paul A. Pomerville é PhD em Estudos Interculturais pelo *Fuller Theological Seminary*, graduado em Missão Mundial também pelo *Fuller Theological Seminary*. Foi Professor de graduação e Diretor do Departamento de Missões Cristãs e Comunicações Interculturais no seminário da Assembleia de Deus por 2 anos. Atuou como missionário na Ásia e na Europa por 13 anos e é autor de diversos livros.

¹⁹⁴ POMERVILLE, Paul A.. *A Força Pentecostal em Missões: Entendendo a contribuição dos pentecostais na teologia missionária contemporânea*. Rio de Janeiro: Cpad, 2020. Edição Kindle, posição 3367.

¹⁹⁵ César Moisés de Carvalho é Pastor, Pedagogo licenciado pela Unespar/Fecilcam, pós-graduado em Teologia pela PUC-Rio. Exerceu a chefia do Setor de Educação Cristã da Editora CPAD e lecionou disciplinas ligadas às ciências da religião, teologia e também à educação. Recebeu duas vezes o Prêmio Areté pela ASEC (Associação Brasileira de Editores Cristãos). É também autor de diversos livros na categoria de Educação Cristã e Teologia.

¹⁹⁶ CARVALHO, César Moisés. *Pentecostalismo e Pós-Modernidade: quando a experiência sobrepõe-se à teologia*. Rio de Janeiro: Cpad, 2017, p. 73.

judaicas da Antiga Aliança e era realizada cinquenta dias após a Páscoa (Lv. 23:15-21), daí a razão do nome Pentecostes.”¹⁹⁷

O termo surge então a partir da narrativa bíblica de Atos capítulo 2, onde ocorre um momento de grande efusão espiritual a partir da “descida” do Espírito Santo, cumprindo-se as profecias bíblicas do profeta Joel (Joel 2:28-32) e do próprio Jesus Cristo (João 14:16,26), tudo isso no dia da festa judaica de Pentecostes.

Todos estes eventos, não somente de efusão espiritual, bem como a descrição do cumprimento das profecias acima mencionadas, encontram-se nas passagens bíblicas de Atos capítulo 1 e 2, como sendo parte do contexto de manifestação do Espírito Santo profetizado, prometido e cumprido. No entanto, o uso destes termos Pentecostal e Pentecostalismo, tem como uso frequente e histórico mais comum, os eventos ocorridos no final do século XIX e início do século XX através de vários personagens históricos desse período, destacando-se Charles Fox Parham, William Seymour e William Howard Durham. O movimento de Parham recebeu diferentes nomes – fê apostólica, movimento pentecostal ou pentecostista e ainda chuva serôdia ou tardia – todos os quais apontavam para características marcantes da nova cosmovisão.¹⁹⁸ Seymour (1870-1922), um ex-çom negro e pregador *holiness*, foi um dos estudantes da escola de Parham. Seymour em pouco tempo iria para Los Angeles, onde começaria um grande movimento de avivamento, acompanhado por curas, profecias, fala em outras línguas. A partir do Movimento Pentecostal, surge como uso mais frequente os termos Pentecostal e Pentecostalismo.

2.2. Missão

A Missão a partir das definições anteriores alia-se ao Pentecostalismo principalmente nos aspectos da experiência proporcionada pelo Espírito Santo em qualquer ambiente, mas com atenção especial nesse caso, aos ambientes de missão, bem como da prática, onde a vida religiosa acontece sobretudo na vivência no Espírito.

Nesse sentido, Paul A. Pomerville escreve que: Os pentecostais percebem que Deus está imediata e explicitamente envolvido no mundo sobretudo através da atividade do Espírito Santo no que tem sido chamado de “missões da Grande Comissão” - a proclamação das Boas Novas de Jesus Cristo e do seu Reino, e o discipulado das nações através da plantação de igrejas. Esses atos mediados de

¹⁹⁷ CARVALHO, 2017, p. 73.

¹⁹⁸ MATOS, 2006, p. 30.

Deus, no ponto central da história da salvação, estão no contexto autoritário e controlador da missão de Cristo no mundo.¹⁹⁹

Pomerville concorda ainda com o missiólogo pentecostal clássico Melvin Hodges que:

Acredita que a estratégia missionária deve ser flexível para que a igreja aproveite cada oportunidade de evangelismo. Ele afirma: “A profunda convicção dos pentecostais de que a orientação do Espírito Santo deve ser buscada para cada situação contribui para a flexibilidade e assegura variedade no método”.²⁰⁰

O aspecto prático e experimental, advindo da teologia pentecostal para as missões cria um ambiente oportuno para que Deus no seu Espírito possa encontrar e ser encontrado no ambiente da missão e das necessidades do missionário. “O Espírito Santo ilumina a palavra proclamada e a confirma com os sinais carismáticos exteriores do Espírito”²⁰¹ Além disso, no tocante a relação entre a teologia, missões e o pentecostalismo, Pomerville diz que “A prática leva a teologia a encarar seu papel funcional na vida e missão da igreja. Ao fazer assim, a prática dá à teologia o motivo para crescer em termos de aumento de *insights*.”²⁰²

3. DOE SUAS FÉRIAS PARA CRISTO

O Programa missionário em questão do qual faz parte a pesquisa do presente trabalho tem o nome de Doe Suas Férias Para Cristo. Este Programa tem como objetivo reunir um grupo dentro de uma faixa etária aproximada de 15 e 30 anos de idade, levando-os durante o período das férias escolares, a uma localidade já anteriormente determinada para efetuar ações de cunho social, cultural e espiritual. Tendo como propósito transmitir o evangelho de Cristo em todas estas frentes de ação.

A localidade pode ser um bairro da própria cidade, de alguma cidade ou até mesmo a cidade inteira. Alguns dias se passam nessa localidade, tempo este que seja suficiente para que as ações planejadas possam ser executadas. Antes porém,

¹⁹⁹ POMERVILLE, 2020, posição 3918.

²⁰⁰ HODGES, 1977, p. 142 apud Pomerville, 2020, posição 3422.

²⁰¹ POMERVILLE, 2020, posição 3931.

²⁰² POMERVILLE, 2020, posição 3560.

toma-se conhecimento dos detalhes da localidade, levando em conta que “conhecer a cidade onde se está ministrando é fundamental para a sua transformação, pois ela é o campo de ação do missionário urbano e, como tal, possui as suas características geográficas, culturais, sociais, econômicas e espirituais.”²⁰³

Este Programa visa causar grande impacto na localidade escolhida, seja através das ações planejadas para a execução, seja através das experiências e evidências causadas pelo agir do Espírito Santo diante das oportunidades de contato e comunhão com os moradores de tal local e entre os próprios participantes. As experiências e evidências ocorrem, a partir do testemunho dos próprios participantes, tendo em vista o que foi explicado anteriormente, uma abertura à realidade sobrenatural e experimental que acompanha o Movimento Pentecostal.

Muitas das ações envolvem causas sociais, como distribuição de alimentos, roupas, reformas de casa, reformas de igreja, atendimentos odontológicos, medição de pressão sanguínea, exame de vista, atendimentos psicológicos, entre outros. Outras ações envolvem mais os aspectos espirituais e religiosos como evangelismo pessoal, cultos em locais públicos, orações por causas específicas que necessitam resolução, tempos dedicados ao louvor e ao fortalecimento dos laços de comunidade entre os participantes. Por último, aliadas a todas essas ações, as que possuem forte cunho cultural, se misturam em um grau ou outro com as ações descritas anteriormente, como apresentações teatrais, musicais (coral, bandas e individuais), palestras de faixas etárias específicas, prática desportiva, entre outros.

Em um vídeo institucional encontrado na plataforma do YouTube²⁰⁴, em alusão ao Programa Doe Suas Férias Para Cristo de 2013, executado pela Igreja Assembleia de Deus em Blumenau, Santa Catarina, é possível conhecer um pouco da história através de seu idealizador e fundador, o teólogo e Pastor Dr. Claiton Pommerening.

Conforme exposto no vídeo, a ideia surge a partir da inspiração e obra do Espírito Santo juntamente a uma necessidade pessoal de fazer algo junto aos jovens da igreja em que atuava. Após a leitura de um livro do missiólogo e Pastor Loren

²⁰³ ALVES, José. *Missão Urbana: estratégia para a conquista de cidades*. Rio de Janeiro: Cpad. Edição Kindle 2020, p. 7.

²⁰⁴ DOE suas Férias para Cristo 2013 e como começou em 99. Direção de Jônatas Lima da Costa. Produção de Osias Volanski. Blumenau: Adblu, 2013. (8 min.), son. color. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=UTE9GgpGh40&ab_channel=ADBLU>. Acesso em: 28 jun. 2021.

Cunningham, fundador do *YWAM* (JOCUM em português), em que o mesmo fazia um Programa muito semelhante aos moldes do Doe Suas Férias para Cristo, houve um entendimento que dada a oportunidade, algo poderia ser feito também.²⁰⁵

Após um ano de planejamento, contando com a colaboração de diversos amigos, líderes e jovens, realizou-se então no ano de 1999 o primeiro Programa Doe, como mais tarde passou a ser conhecido. Nas palavras de Pommerening:

O Espírito Santo estava movendo aquele primeiro grupo de jovens para o que depois viria a se transformar em um trabalho de alcance de muitas outras cidades, envolvendo muitos outros jovens, muitos outros líderes, de forma que eu diria que centenas ou milhares de pessoas foram já impactadas através do Doe Suas Férias para Cristo.²⁰⁶

Em outro vídeo, em comemoração aos 20 anos de Programa Doe, um dos líderes que também estavam no início do Programa em 1999 compartilhou outro aspecto da elaboração e execução do mesmo. Julian Plautz, hoje Engenheiro Civil e Dramaturgo, integrante da companhia de teatro Cristo em Foco descreve assim: Na universidade da época, tinha um Programa chamado Universidade Solidária, onde estudantes faziam estágios no norte e nordeste do país, aplicando já seus conhecimentos nas áreas de medicina, direito e engenharia. [...] por que não trazer essa ideia para o meio evangélico, para a igreja também trabalhar dessa forma? O social junto com o evangelístico e também com o cultural.²⁰⁷

O Programa Doe Suas Férias para Cristo, compreende então esse desejo de alguns líderes, de mover a igreja, principalmente a faixa etária de jovens e adolescentes a um envolvimento maior com a questão missionária em todas as suas frentes como já explicitado anteriormente nas análises de definições de David Bosch. O Programa foca em diversas áreas de contato com a pessoa neste meio urbano sejam necessidades, dúvidas ou o não conhecimento do Evangelho de Jesus Cristo.

4 ANÁLISES DO PROGRAMA DOE SUAS FÉRIAS PARA CRISTO

²⁰⁵ DOE, 2013, minuto 0:14 a 1:57.

²⁰⁶ DOE, 2013, minuto 0:14 a 1:57.

²⁰⁷ DOE Suas Férias - Documentário. Blumenau: Comunicando Cristo, 2019. Son. color. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=47EfPPdUwFE&ab_channel=ComunicandoCristo>. Acesso em: 28 jun. 2021.

Os objetivos propostos através deste trabalho, são uma análise qualitativa e uma análise quantitativa do Programa Doe Suas Férias para Cristo. Essa análise se dará através das respostas concedidas em entrevista por parte de um antigo e atual líder de Programa e também por parte de alguns participantes através de um questionário.

As análises não têm como propósito fazer juízo de valor do Programa em forma de crítica a partir desse trabalho em questão. A qualidade, em relação aos seus aspectos positivos e negativos, é analisada a partir das interações e experiências dos entrevistados, personagens ativos em relação ao Programa e participação nele. Da mesma forma, a quantidade se refere nesta ocasião às diferentes respostas às questões propostas que indicarão, em menor grau, dado o número de entrevistados, as percepções a respeito do Programa e seus desdobramentos.

4.1. Análise Qualitativa

A partir da elaboração de um questionário²⁰⁸, foram feitas entrevistas com um antigo líder de Programa e um líder que ainda atua na elaboração e execução do mesmo. Não há como discorrer a respeito de todas as perguntas e respostas, no entanto, foram selecionadas algumas que permitem uma análise dos eventos, desafios e qualidades que preparar e participar de um Programa como esse traz.

Os entrevistados foram Jessé Pereira, atual Pastor e líder da UMADBLU (União das Mocidades da Assembleia de Deus de Blumenau-SC). Fábio Peixer, líder do Programa Doe Suas Férias para Cristo, tanto em São Francisco do Sul, como em Porto Belo, ambos na Assembleia de Deus. Ao serem perguntados sobre quais os desafios que experimentaram e/ou experimentam na elaboração e execução de um Programa como esse, Jessé Pereira respondeu que:

O desafio inicial é a escolha da cidade, todos os anos existem vários pedidos para fazermos uma edição do Doe na cidade. Nós levantamos alguns pré-requisitos para acontecer o Doe numa cidade. [...] Outra questão é um Pastor que tenha um pensamento parecido com o nosso, para que a gente possa conversar bem, que ele entenda o perfil dos jovens de Blumenau, que ele entenda também os Programas que a gente vai fazer, que nós tenhamos liberdade e carta branca para trabalhar na cidade e tudo isso nós jogamos dentro da oração, misturamos

bem e pedimos a confirmação da parte de Deus. Então, qual é a confirmação: Quais são os sinais que a gente vê: Nós vamos na cidade, nós encontramos uma receptividade, isso quer dizer que tá legal. Nós conseguimos uma conversa com as lideranças da cidade, principalmente parte de Prefeito e prefeitura, enfim. Principalmente o ambiente de escola, que é onde vamos ficar alojados, então se a gente consegue com que tudo isso esteja bem solidificado, a gente entende que Deus quer que a gente venha fazer o Doe suas Férias nessa cidade. [...] Junto a isso vem a captação de recursos, que eu acredito que seja a parte mais desafiadora do Doe Suas Férias. Então, para acontecer um Doe Suas Férias em Blumenau, ele passa dos R\$130.000,00, R\$140.000,00 para se fazer um Doe Suas Férias. Nós contamos isso já com o Programa Morada Feliz, porque nos últimos Doe Suas Férias nós construímos uma casa então, tudo isso agrega valor.

Então esse é o maior desafio, todos os anos é suprido, Deus nos manda, só que o coração do homem é duvidoso, então todos os anos tem aquela aflição, mas é sempre suprido. [...] Durante o Programa o desafio que acontece praticamente em toda cidade, primeiramente é o desafio espiritual, você está entrando com 150 jovens dispostos a evangelizar pessoas, satanás tem todos os seus artifícios para tentar impedir isso. Todo tipo de obstáculos espirituais acontecem e isso se materializa no mundo físico, então isso é de longe o mais desafiador.²⁰⁹

Outra questão que foi feita é qual o envolvimento da igreja que envia e da que recebe o Programa, e conseqüentemente como o líder avalia o conflito que pode ocorrer caso a visão da igreja que recebe seja diferente da que envia? Diante disso Fábio Peixer discorreu: Acho que o sonho de todo líder de um Programa Doe, é de fato você sair de sua cidade para uma missão e voltar com resultados, gerava uma expectativa na igreja sobre o que estava acontecendo lá. [...] Você vai para uma cidade pequena onde a religiosidade em si ela prevalecia, as doutrinas de uma forma um pouco mais enrijecida. Até pela própria cultura da família, pela tradição da cidade. [...] A gente consegue hoje nomear certinho as cidades que a gente conseguiu ir e os pastores locais entenderam de fato o propósito e cuidaram de vidas. [...] A nossa parte é uma parte evangelística, é um impacto evangelístico, nós saímos com a ciência que íamos causar um alvoroço na cidade

²⁰⁹ PEREIRA, Gessé. *Entrevista Gessé Parte 1*. [Entrevista cedida a] Norival Netto. Questionário Eletrônico. Entrevista sobre o Programa Doe Suas Férias Para Cristo. Blumenau, 2021.

e iríamos sair. Mas hoje eu faria uma coisa diferente, eu gastaria um pouco mais de tempo preparando a igreja para receber o Programa. [...] Eu levantaria um questionário com o pastor local para ver se de fato ele atende as necessidades pós-Programa. Se atendesse, gastaria um tempo com a congregação, com a liderança, para explicar todo o Programa, toda a visão. [...] Sinto que essa carência faltou, acho que foi uma lacuna que a gente podia ter sido muito melhor ao longo dos anos.²¹⁰

Sobre como o líder avalia o conflito que pode ocorrer caso a visão da igreja que recebe seja diferente da que envia, caso isso não tenha ocorrido diante da experiência do líder, de que maneira ele avalia as decisões que foram tomadas para que estes conflitos não ocorressem, Jessé Pereira respondeu que: Desde que a gente começou a optar por cidades onde já tinha uma visão de Blumenau. Essa visão de discipulado, visita, cuidado. Geralmente essas cidades, inclusive são pastoreadas hoje por pastores que saíram de Blumenau e que estão lá.

Desde que a gente tomou essa iniciativa, não que isso seja lei, mas nós damos uma preferência para isso. Nós já tivemos várias decepções nesse sentido, de você fazer um trabalho incrível e sempre ficam pessoas amigas no lugar que voltam a conversar com a gente depois ou nós voltamos lá 6 meses, 1 ano depois e você vê que não teve um cuidado. Mas desde que a gente começou a ter esse cuidado de ser pastores amigos, de ter a mesma mentalidade, tem sido muito bom o pós-Doe.²¹¹

Cada Programa possui áreas específicas de atuação, como mencionadas anteriormente, podem ser Programas com faixas etárias diferentes, bazar de roupas, construção e reformas de casas, evangelismo, teatro, música, prática desportiva, entre outros. Diante disso, foi perguntado aos líderes qual área de atuação do Programa eles avaliam que têm contribuído com resultados positivos e resultados ainda limitados ou até mesmo negativos em resposta às propostas do Programa.

Sobre isso, Fábio Peixer respondeu que: A experiência da evangelização era o ponto chave. O fato das pessoas serem jogadas dentro da água e terem que nadar, elas entendem a importância de ter lido a palavra, as que não praticaram os

²¹⁰ PEIXER, Fábio. *Entrevista Fábio Parte 1*. [Entrevista cedida a] Norival Netto. Questionário Eletrônico. Entrevista sobre o Programa Doe Suas Férias Para Cristo. Itajaí, 2021.

²¹¹ PEREIRA, Gessé. *Entrevista Gessé Parte 2*. [Entrevista cedida a] Norival Netto. Questionário Eletrônico. Entrevista sobre o Programa Doe Suas Férias Para Cristo. Blumenau, 2021.

exercícios que a gente deu antes do Programa, elas perceberam que não podiam mais vacilar. Elas tinham que conhecer a palavra, porque as pessoas iriam fazer perguntas, elas tinham que ter autoridade, a questão da oração talvez elas tenham levado em banho-maria, mas quando você chega nas casas e você é uma autoridade espiritual, você gera uma expectativa. Eles começaram a perceber a importância de ter uma vida de oração, então acho que o evangelismo em si foi o grande despertar daqueles que iam. [...] Eu faria diferente como disse antes, o pré-evento, sobre ir na igreja e estruturar melhor a igreja que iria receber. [...] E eu incluiria Programas mais específicos nas áreas sociais.²¹²

Jessé Pereira sobre a pergunta afirmou o seguinte: De todos eles o que eu acho mais desafiador é o dos jovens. O ministério de jovens, tanto é que quem participa em um ano dificilmente quer voltar no ano seguinte. Os jovens da cidade não querem se envolver com eventos, não querem estar lá. Temos orado a Deus para nos dar uma estratégia para trabalharmos com esses jovens. [...] Mas de todos é uma faixa etária muito difícil de alcançarmos. O Ministério com mulheres é muito tranquilo, as meninas são incríveis nas palestras, terceira idade também, criança, adolescente tranquilo. Mas essa faixa etária de 17 a 25 é muito difícil. [...] Com adolescentes e crianças você consegue impactar muita gente em uma semana, jovem geralmente nós impactamos dois, três em uma semana. Mas a semente foi colocada ali, se a gente foi lá só por causa desses dois ou três jovens já valeu a pena.²¹³

Por último, esses líderes foram questionados sobre o que significa e o que representa o Programa Doe Suas Férias para Cristo para eles. Fábio Peixer diz que: Para mim representa muita vida, uma chama, transformação. Eu tenho isso muito forte no meu coração. É possível fazer muito mais, você abençoa cidades que não tem condições de fazer programas de tamanha grandeza e ao mesmo tempo uma transformação daqueles que vão. O Doe marcou minha vida.²¹⁴

Enquanto Jessé Pereira responde que: Representa a oportunidade de você ser missional, acho que o Doe Suas Férias é a essência da missão da igreja.

²¹² PEIXER, Fábio. Entrevista Fábio Parte 3. [Entrevista cedida a] Norival Netto. Questionário Eletrônico. Entrevista sobre o Programa Doe Suas Férias Para Cristo. Itajaí, 2021. Disponível: <<https://drive.google.com/file/d/1EjUNvT5QGLDUXpgFJj8jbb0D2xBrdPsy/view?usp=sharing>>. Acesso em 17 mar. 202.

²¹³ PEREIRA, 2021, *informação verbal*. Informação concedida em Entrevista Gessé Parte 2.

²¹⁴ PEIXER, 2021, *informação verbal*. Informação concedida em Entrevista Fábio Parte 3.

Desconheço outro evento que a igreja realize que ela consiga pôr em prática tantas verdades bíblicas e consiga viver tão integralmente missão como o Doe Suas Férias. Eu acho que o Doe Suas Férias ele representa assim a missão integral. Não a missão integral politizada que a gente tanto ouve por aí, mas de fato a Missão Integral de Cristo, bíblica. Não temos medo de falar do amor de Jesus, a gente cuida dessas pessoas, a gente abraça essas pessoas, a gente ama essas pessoas, então, o Doe Suas Férias é uma oportunidade de viver e promover a Missão Integral.²¹⁵

Como é possível perceber, existem muitos desafios encontrados no processo de elaboração, preparação e execução do Programa. Um dos desafios mais notáveis é a dinâmica entre o grupo que vai para o Programa, a igreja que os recebe e a cidade. Cada local possui desafios diferentes e cada líder, percebe dificuldades específicas diante do grupo que está junto dele. No entanto, apesar dos desafios, que podem ser solucionados e melhorados, é possível notar um desejo pelos resultados positivos do Programa, com o grupo que vai, bem como com a cidade que está sendo alcançada. Além disso, como visto nas últimas falas, nota-se como o Programa influenciou o modo de pensar e viver desses líderes.

4.2. Análise Quantitativa

Para esta análise, foi elaborado um questionário²¹⁶ no Google Forms, software de elaboração de formulários e perguntas. Este questionário teve como objetivo reunir informações que indicassem através dos números, certos parâmetros de atuação dentro do Programa Doe Suas Férias para Cristo.

É necessário destacar que houveram 34 respostas ao questionário, valor esse pequeno em relação a análises e pesquisas estatísticas. Porém em um primeiro momento, auxilia na percepção destes participantes com o Programa. A faixa etária da pesquisa foi entre 16 a 49 anos de idade. A média de idade ficou em aproximadamente 26 anos. Os participantes do questionário foram de cidades diferentes, entre elas São Francisco do Sul-SC, Porto Belo-SC, Blumenau-SC, Monte Castelo-SC e Alto Rio Doce-MG. O número de participações no Programa Doe Suas Férias para Cristo variou entre 1 e 15 vezes. A média de participações ficando em aproximadamente 5 vezes.

²¹⁵ PEREIRA, 2021, informação verbal. Informação concedida em Entrevista Gessé Parte 2.

²¹⁶ Disponível em: <https://forms.gle/bqynYLRj2yLNziC89>. Acesso em 17 mar. 2021.

Das equipes/ministérios e ações desenvolvidas, as três com maior taxa de ocorrência dentro dos Programas foram:

- Evangelismo,
- Infantil,
- Ação Social (Distribuição de Alimentos e Roupas).

As três com menor taxa de ocorrência foram:

- Mulheres,
- Casais,
- Ação Social (Médicos, Enfermeiros, Dentistas e Psicólogos)

É possível inferir através disto que as taxas de ocorrência de cada ação estão ligadas ao nível de acessibilidade de cada ação, dentro da cidade e do Programa. Como mencionado anteriormente, uma das partes principais do Programa é o evangelismo pessoal, bem como mencionado acima pelo líder Jessé Pereira, as respostas às ações com crianças têm sido muito positivas. Por outro lado, as que possuem menor taxa de ocorrência exigem preparações e conhecimentos específicos, nem sempre acessíveis dentro dos Programas por seus participantes.

Foi questionado a respeito de quais áreas/ministérios o participante desenvolveu/participou na sua Igreja Local após a participação no DOE e os três principais foram:

- Ministério de Jovens,
- Ministério Infantil,
- Ministério de Louvor (Música).

Ainda a respeito das ações desenvolvidas no Programa, abaixo estão algumas imagens que mostram as respostas em gráficos sobre os mesmos.

5. Como você analisa a importância do Evangelismo Pessoal (caracterizado geralmente pela ida de casa em casa) para a execução do Projeto DOE?

34 responses

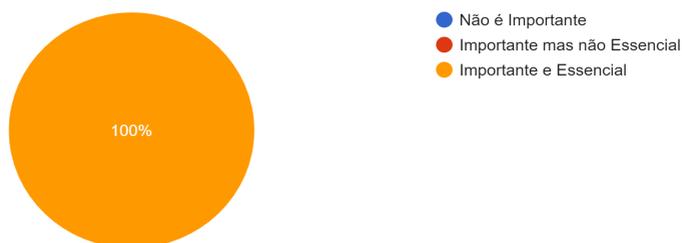


Figura 1: Questão 5 (Fonte: Autor, 2021).

Como pode ser percebido, a ação de evangelismo pessoal foi considerada por todos que responderam a pesquisa como parte importante e também essencial do Programa Doe Suas Férias para Cristo.

Nas imagens abaixo estão perguntas que visam entender a partir da percepção dos participantes do Programa se existem ações, que por eles consideradas, são mais importantes que outras para a execução do mesmo.

6. Como você analisa a importância dos Projetos de Ação Social (Alimentos, Roupas, Reformas, etc.) para a execução do Projeto DOE?

34 responses

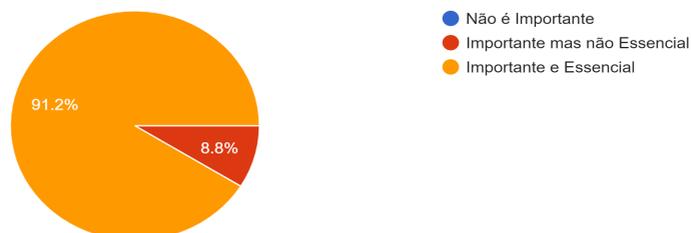


Figura 2: Questão 6 (Fonte: Autor, 2021).

8. A partir da escala abaixo, como você analisa a importância dos Programas Artísticos e Culturais (Teatro, Música, Evangelismo Criativo, Mídias, etc.) para a execução do Projeto DOE?

34 responses

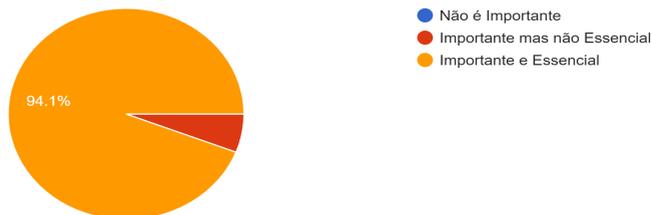


Figura 3: Questão 8 (Fonte: Autor, 2021).

10. A partir da escala abaixo, como você analisa a importância dos Programas de Faixa Etária (Crianças, Adolescentes, Jovens, Casais, Idosos, etc.) para a execução do Projeto DOE?

34 responses

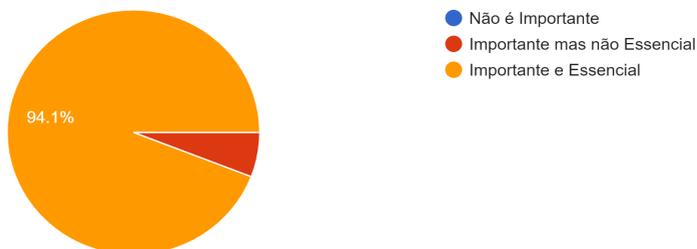


Figura 4: Questão 10 (Fonte: Autor, 2021).

Segundo as respostas, não existe um programa/ação mais importante que o outro para a execução do Doe Suas Férias para Cristo, bem como estes programas/ações em sua maioria também foram considerados importantes e essenciais.

Para o caso daqueles que consideraram um programa mais importante que o outro, baseado nas respostas dadas, um fator que entrou em questão foi a necessidade enxergada de determinado programa fazer parte baseado na situação da cidade em que o Programa estava ocorrendo. Nesse caso, não foi focado na qualidade ou na validade da ação, mas sim na necessidade de execução da mesma

se o ambiente do Programa não for propício, dando assim prioridade a determinadas ações específicas.

A respeito das experiências, considerações e visão sobre a participação no Programa Doe Suas Férias para Cristo, as seguintes respostas foram obtidas de acordo com as imagens abaixo.

12. Como você avalia a sua experiência com o Projeto Doe Suas Férias Para Cristo?

34 respostas

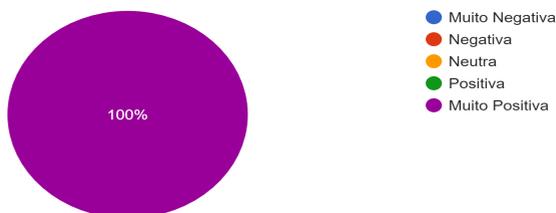


Figura 5: Questão 12 (Fonte: Autor, 2021).

Baseado na escala acima é possível perceber através dos resultados obtidos que todos os participantes que responderam o questionário consideraram a experiência junto ao Programa Doe Suas Férias para Cristo muito positiva. Diante desse resultado, juntamente às imagens abaixo, é perceptível o modo e onde essa experiência muito positiva se deu.

13. A partir da escala abaixo, como você analisa a mudança do seu pensamento e visão a respeito de Missão Cristã após a participação no DOE?

34 respostas

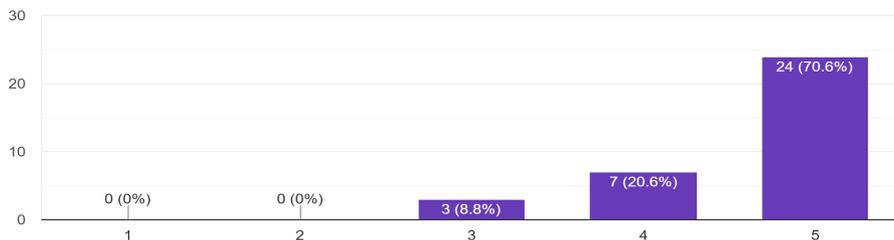


Figura 6: Questão 13 (Fonte: Autor, 2021).

14. A partir da escala abaixo, como você analisa a mudança do seu pensamento e visão a respeito de vida com Deus e disciplinas espirituais após a participação no DOE?

34 respostas

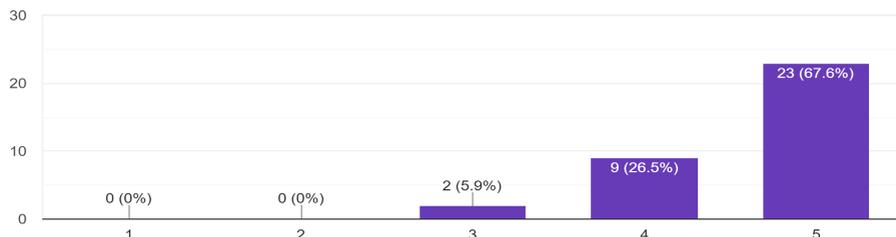


Figura 7: Questão 14 (Fonte: Autor, 2021).

15. A partir da escala abaixo, como você analisa a sua mudança de atuação e serviço na sua Igreja Local após a participação no DOE?

34 respostas

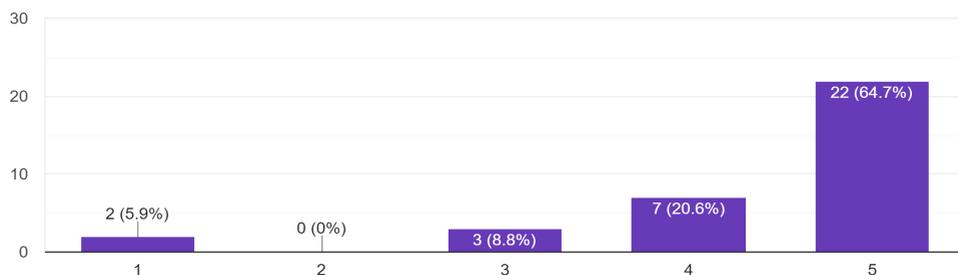


Figura 8: Questão 15 (Fonte: Autor, 2021).

Diante da escala acima, onde 1 indica que não houve mudança de atuação e serviço na igreja local e 5 indica que houve uma mudança significativa, a maior parte das respostas se aproxima de mudanças significativas.

Faz-se necessário pontuar, no entanto, que a escala mencionada não indica que nenhuma mudança significativa seja em si mesmo algo positivo ou negativo. No entanto, baseado nas respostas anteriores de experiência muito positiva com o Programa Doe Suas Férias, é provável a correlação entre a experiência com o Programa e as significativas mudanças que ocorreram com o modo de pensar daqueles que participaram. Cabe ressaltar que a partir das imagens anteriores é notório em como a experiência prática de vivência no

Programa alterou significativamente a percepção dos participantes a respeito do tema, ou conceito de Missão Cristã.

Outro fator a ser notado a partir do Programa é a necessidade do cuidado. Cuidado este daqueles que foram alcançados pelo Programa, e que carece de continuação, seja em suas necessidades físicas, emocionais e/ou espirituais. Diante das respostas abaixo, é possível notar que os participantes da pesquisa concordam em absoluto que esse cuidado e o discipulado é importante e essencial no período que sucede ao Programa. No entanto, 64,7% acreditam que esse cuidado/discipulado é responsabilidade da Igreja, ou comunidade religiosa que recebeu o Programa, ou da cidade em que o Programa foi feito. Outros 35,3% acreditam que essa responsabilidade é conjunta, entre a igreja da qual o grupo foi enviado, ou que se responsabiliza pela elaboração e execução do Programa e a igreja que recebe. É digno de notar que nenhum dos participantes considerou que a responsabilidade de cuidado/discipulado é exclusiva da igreja que envia.

Estes dados indicam uma necessidade de um olhar mais atento às interações entre as igrejas que fazem parte do Programa, bem como da própria liderança em relação ao chamado à responsabilidade e à instrução sobre esse cuidado que deve ocorrer após o evento.

Não há como inferir profundamente além do que está claramente exposto na pesquisa, pode, no entanto caber uma suposição de que alguns participantes concordam que, havendo um interesse por parte da comunidade religiosa de receber o Programa em sua cidade, deve haver por parte destes, um interesse em dar continuidade ao Programa missionário após o seu término. Refletindo assim esse modo de pensar nas respostas dadas abaixo.

O que é claro, no entanto, é o fato de que todos concordam que deve existir continuidade para que o alcance inicial não perca seu vigor e que a tarefa missionária não termine em uma simplificação de suas definições e atributos, entendendo que há um interesse maior e mais duradouro nesta tarefa.

17. Como você avalia a necessidade de Discipulado/Cuidado e sua relação com o DOE após o término do projeto na(s) cidade(s) alcançada(s) pelo Projeto?

34 responses



Figura 9: Questão 17 (Fonte: Autor, 2021).

18. A respeito da questão anterior, de quem você considera ser a responsabilidade pelo Discipulado/Cuidado após o término do projeto DOE?

34 responses



Figura 10: Questão 18 (Fonte: Autor, 2021).

De modo a finalizar as análises qualitativas, cabe analisar uma pergunta e suas respostas, que embora possa se dar no campo da subjetividade e da interpretação pessoal do participante, foi formulada a partir de um entendimento de como o participante percebe o Programa Doe Suas Férias para Cristo em seu contexto principal em missões.

Foram selecionados alguns trechos bíblicos, com focos específicos, sendo eles:

- Atos 2:42-44 = Foco no aspecto comunitário da missão;
- 1 João 3:16-17 = Foco no aspecto de serviço e ação social;
- Marcos 16:15-18 = Foco no aspecto evangelístico e pneumatológico.

Estes focos foram definidos previamente pelo pesquisador. Como dito anteriormente, as respostas não têm por objetivo serem definitivas, principalmente em perguntas que possuem interpretações um tanto mais subjetivas e interpretativas que outras. No entanto, estas respostas podem apontar a uma direção pessoal pela qual o participante do Programa seguiu através de sua(s) experiência(s).

Diante disso, é possível notar um certo equilíbrio, dadas as margens de erro, em relação às respostas, com predominância, no entanto do texto bíblico focado no aspecto de serviço e ação social, seguido do aspecto evangelístico e pneumatológico.

19. Qual destas passagens bíblicas melhor define a sua experiência com o Projeto DOE ? 1. E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações. Em cada alma havia temor, e muitas maravilhas e sinais se faziam pelos apóstolos. Todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum.(At 2.42-44) -----
----- 2. Nisto conhecemos o que é o amor: Jesus Cristo deu a sua vida por nós, e devemos dar a nossa vida por nossos irmãos. Se alguém tiver recursos materiais e, vendo seu irmão em necessidade, não se compadecer dele, como pode permanecer nele o amor de Deus? (1 Jo 3.16-17) -----
----- 3. E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado. E estes sinais seguirão aos que crerem: em meu nome, expulsarão demônios; falarão novas línguas; pegarão nas serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum; e imporão as mãos sobre os enfermos e os curarão. (Mc 16.15-18)

34 responses

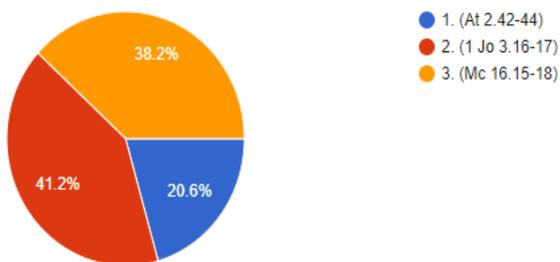


Figura 11: Questão 19 (Fonte: Autor, 2021).

CONCLUSÃO

Embora a tarefa missionária seja complexa, tanto em sua definição, como em sua prática, é possível voltar às considerações de Bosch quando o mesmo diz que “a missão é, simplesmente, a participação das pessoas cristãs na missão libertadora de Jesus.”²¹⁷ É a partir de Cristo e de sua própria missão que torna-se possível enxergar a missão de Deus (*Missio Dei*) para a humanidade.

Cabe destacar que embora não haja interesse em efetuar uma análise crítica, a partir dos resultados obtidos, é possível observar mudanças amplamente positivas no aspecto que tange a continuidade do Programa Doe Suas Férias para Cristo, tanto de modo pessoal, como para a igreja local. É interessante notar também, como pode ser visto a partir da imagem abaixo, um interesse em contínua participação em Programas de caráter missional, que envolvam aspectos semelhantes aos encontrados pelos participantes no Doe Suas Férias Para Cristo.

20. Você participaria novamente do DOE (ou outros projetos missionários) caso uma oportunidade surgisse?

34 respostas



Figura 11: Questão 19 (Fonte: Autor, 2021).

Além do Doe Suas Férias Para Cristo existem hoje diversos Programas e agências missionárias, principalmente que têm foco na faixa etária abaixo dos 30 anos de idade, no Brasil. Alguns entre eles são a Missão Avalanche²¹⁸, JOCUM (YWAM)²¹⁹, Instituto Livres e o Impacto Sertão Livres²²⁰, Minha Missão²²¹,

²¹⁷ BOSCH, 1998, p. 619.

²¹⁸ <https://avalanchemissoes.org/missoes-urbanas/>.

²¹⁹ <https://jocum.org.br/quem-somos/valores-fundamentais/>.

²²⁰ <https://institutolivres.org.br/instituto/sobre-o-instituto-livres/>.

²²¹ <https://minhamissao.org/>.

*Shores of Grace*²²², *Dunamis Movement*²²³, entre outros. É possível observar a grande influência do Pentecostalismo, principalmente no que tange à ação do Espírito Santo com os sinais carismáticos em alguns destes Programas, além disso, um grande interesse em servir à cidade e as pessoas que nela se encontram com seus dilemas, dificuldades e necessidades.

REFERÊNCIAS

ALVES, José. *Missão Urbana: estratégia para a conquista de cidades*. Rio de Janeiro: Cpad, 2020. Edição Kindle.

BOSCH, David J.. *Missão Transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. 3ª ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1998.

CARVALHO, César Moisés. *Pentecostalismo e Pós-Modernidade: quando a experiência sobrepõe-se à teologia*. Rio de Janeiro: Cpad, 2017.

DOE Suas Férias - Documentário. Blumenau: Comunicando Cristo, 2019. Son. color. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=47EfPPdUwFE&ab_channel=ComunicandoCristo>. Acesso em: 28 jun. 2021.

DOE suas Férias para Cristo 2013 e como começou em 99. Direção de Jônatas Lima da Costa. Produção de Osias Volanski. Blumenau: Adblu, 2013. (8 min.), son. color. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=UTE9GgpGh40&ab_channel=ADBLU>. Acesso em: 28 jun. 2021.

MATOS, Alderi Souza de. O MOVIMENTO PENTECOSTAL: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. *Fides Reformata*, São Paulo, v. 2, n. 11, p. 23-50, jul. 2006. Disponível em: <<https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2018/11/2-O-movimento-pentecostal-reflex%C3%B5es-a-prop%C3%B3sito-do-seu-primeiro-centen%C3%A1rio-Alder-Souza-de-Matos.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2021.

²²² <https://shoresofgrace.com/quem-somos-nos/nossa-missao-e-valores/>.

²²³ <https://dunamismovement.com/quem-somos/>.

MICHAELIS. *Missão*. Disponível: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=miss%C3%A3o>>. Acesso em: 17 mar. 2021.

PEIXER, Fábio. Entrevista Fábio Parte 1. [Entrevista cedida a] Norival Netto. Questionário Eletrônico. Entrevista sobre o Programa Doe Suas Férias Para Cristo. Itajaí, 2021. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1F-JnGAMQ_uKe3_Rejj495nmLxx94FrD/view?usp=sharing>. Acesso em 17 mar. 2021.

PEIXER, Fábio. Entrevista Fábio Parte 3. [Entrevista cedida a] Norival Netto. Questionário Eletrônico. Entrevista sobre o Programa Doe Suas Férias Para Cristo. Itajaí, 2021. Disponível: <<https://drive.google.com/file/d/1EjUNvT5QGLDUXpgFJj8jbb0D2xBrdPsy/view?usp=sharing>>. Acesso em 17 mar. 2021.

PEREIRA, Jessé. Entrevista Jessé Parte 1. [Entrevista cedida a] Norival Netto. Questionário Eletrônico. Entrevista sobre o Programa Doe Suas Férias Para Cristo. Blumenau, 2021. Disponível: <<https://drive.google.com/file/d/1DilkAdGZstuXVcgnUKfMZpDAKdpMPphr/view?usp=sharing>>. Acesso em 17 mar. 2021.

PEREIRA, Jessé. Entrevista Jessé Parte 2. [Entrevista cedida a] Norival Netto. Questionário Eletrônico. Entrevista sobre o Programa Doe Suas Férias Para Cristo. Blumenau, 2021. Disponível: <<https://drive.google.com/file/d/1Dvm4HVmPzcAI2EDR2wNHGRLYFZHF1iMy/view?usp=sharing>>. Acesso em 17 mar. 2021.

POMERVILLE, Paul A.. *A Força Pentecostal em Missões: Entendendo a contribuição dos pentecostais na teologia missionária contemporânea*. Rio de Janeiro: Cpad, 2020. Edição Kindle.